

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LEO ACIR TORRES DOS SANTOS

**PERFIL DOS INGRESSANTES DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL A PARTIR DA COORTE JUVENTUDE**

Porto Alegre

2013

LEO ACIR TORRES DOS SANTOS

**PERFIL DOS INGRESSANTES DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL A PARTIR DA COORTE JUVENTUDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmem Maria Craidy

PORTO ALEGRE

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Leo Acir Torres dos
Perfil dos ingressantes da Polícia Militar do
Estado do Rio Grande do Sul a partir da coorte
juventude / Leo Acir Torres dos Santos. -- 2013.
151 f.

Orientadora: Carmem Maria Craidy.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Juventude. 2. Educação. 3. Trabalho. 4. Polícia
Militar. I. Craidy, Carmem Maria, orient. II. Título.

Leo Acir Torres dos Santos

PERFIL DOS INGRESSANTES DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO GRANDE
DO SUL A PARTIR DA COORTE JUVENTUDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmem Maria Craidy

Aprovado em 13 de junho de 2013.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Naira Lisboa Franzi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul / PPGEDU

Prof. Dr. Fernando Sefner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul / PPGEDU

Prof. Dr. Pedro Joel Silva da Silva
Academia de Polícia Militar / Brigada Militar do Rio Grande do Sul

RESUMO

Este trabalho apresenta um breve histórico da Brigada Militar sob a perspectiva do ensino, do modelo de formação policial militar e dos ritos de ingresso na Instituição. No referencial teórico, construído a partir de pressupostos de Norbert Elias e Gregory Bateson, repousam as bases para as reflexões propostas, bem como os conceitos das categorias juventude e trabalho. A presente pesquisa parte da constatação de que está ocorrendo um processo de juvenilização do efetivo de soldados da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Sul, como resultado de políticas de recompletamento de vagas para o cargo, com o objetivo de reduzir o déficit histórico. Em razão dessa crescente força de trabalho jovem, questiona-se: qual o perfil dos ingressantes no cargo de soldado da Polícia Militar, a partir da coorte juventude? Por meio de uma abordagem quali-quantitativa, objetiva-se desvelar as motivações que conduziram esses jovens a escolherem a atividade policial militar e, a partir do interesse comum, delinear o perfil dessa coorte da juventude. Para tanto, foram utilizadas as categorias que definem a transição para a vida adulta e as atividades como “estudo e trabalho” e “tempo livre e lazer”. O trabalho de investigação foi desenvolvido em três momentos distintos, utilizando-se das técnicas de levantamento de dados a partir de questionários, entrevistas e grupos focais, reunindo uma amostra robusta dos ingressantes dos dois últimos concursos (2009 e 2012). Depois de delineado o perfil dos ingressantes na Brigada Militar, foram utilizados para comparação e análise os dados apresentados pela pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, do Projeto Juventude, realizado pelo Instituto Cidadania.

Palavras-chave: Juventude. Educação. Trabalho. Polícia Militar.

ABSTRACT

This article presents a brief history of Military Brigade of Rio Grande do Sul from an education perspective, police academy training model and rites of joining the Institution. In the theoretical framework, constructed from premises of Norbert Elias and Gregory Bateson, the basis for these reflections lies as well as the concepts of youth and work. This research finds that occurring a process of juvenilization of the Military Brigade effective, as a result of policies replenishment vacancies for the post, with the aim of reducing the historical deficit. Because of this growing young labor force, the question is: what is the profile of young people who join the Military Brigade as a soldier, from the youth cohort? Through a qualitative and quantitative approach, it intends to reveal the motivations that led these young people to choose the activity of the military police and, from the common interest, defines the profile of this youth cohort. For this, we used the categories that define the transition to adult life and activities such as study and work, free time and leisure. This research was developed in three distinct stages, using the techniques of data collection through questionnaires, interviews and focus groups and gathered a significant sample of freshmen in the last two contests (2009 and 2012). After delineated the profile of entering students in BM, was used for comparison and analysis, the data presented by the study 'Profile of Brazilian youth', from "Youth Project", conducted by the Citizenship Institute.

Keywords: Youth. Education. Work. Military police.

LISTA DE SIGLAS

APM - Academia de Polícia Militar

BM - Brigada Militar

BPM - Batalhão de Polícia Militar

CBFPM - Curso Básico de Formação Policial Militar

CBM - Corpo de Bombeiros Militar

CIM - Centro de Instrução Militar

CPC - Comando de Policiamento da Capital

CPM - Curso de Preparação Militar

DECA - Departamento Estadual da Criança e do Adolescente

DLP - Departamento de Logística e Patrimônio

DReSA - Divisão de Recrutamento, Seleção e Acompanhamento

EMBM - Estado Maior da Brigada Militar

EsFAS - Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Sargentos

EsFECS - Escola de Formação e Especialização de Cabos e Soldados

IGPM - Inspeção Geral das Polícias Militares

IPBM - Instituto de Pesquisa da Brigada Militar

IPEA - Instituto de Pesquisa Estatística Aplicada

MCN - Matriz Curricular Nacional

PEA - População Economicamente Ativa

PM - Polícia Militar

PNSP - Plano Nacional de Segurança Pública

RPMon - Regimento de Polícia Montada

SENASP - Secretaria Nacional de Segurança Pública

UNESCO - Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTUALIZAÇÃO	14
2.1 Histórico da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Sul	14
2.2 Ingresso no cargo de soldado na Brigada Militar	19
2.3 Curso de Formação Policial Militar	23
3 REFERENCIAL TEÓRICO	29
3.1 A Coorte	29
3.2 Esboço teórico em Norbert Elias	30
3.3 O olhar do pesquisador	34
3.4 O processo estocástico	37
3.5 Juventude	38
3.6 Trabalho	43
3.7 Perfil dos jovens brasileiros	47
3.7.1 Independência da família de origem e situação matrimonial	48
3.7.2 Filhos	49
3.7.3 Educação e trabalho	50
3.7.4 Lazer	51
4 METODOLOGIA	53
4.1 Delineamento da pesquisa	54
4.2 Instrumentos e técnicas de pesquisa	55
4.3 Descrição do campo, da população e da amostra da pesquisa	57
4.4 Tamanho da Amostra Quantitativa	58
4.5 Tamanho da Amostra Qualitativa	59
4.6 Coleta de dados	60
4.7 Metodologia de análise dos dados	61
4.8 Critérios de validação dos dados	62
5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE E RESULTADOS OBTIDOS	63
5.1 Do questionário	63
5.2 Dos dados	63
5.3 Delineando o Perfil	73
5.4 Das Entrevistas	74

5.4.1 Roteiro de Entrevista	74
5.4.2 As Entrevistas	75
5.5 Do Roteiro dos Grupos Focais	79
5.5.1 Grupo Focal – DLP	81
5.5.2 Grupo Focal – 19º BPM	86
5.6 As aproximações e distanciamentos dos perfis dos jovens brasileiros e brigadianos.	90
5.6.1 Contornos do Perfil da Juventude Brasileira	93
5.6.2 Esboço do Perfil dos Ingressantes	94
5.6.3 Aproximações e Distanciamentos	Erro! Indicador não definido.
6 CONSIDERAÇÕES	96
7 CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A - Questionário - Perfil dos ingressantes na Brigada Militar em 2009	106
APÊNDICE B - Questionário - Perfil dos ingressantes na Brigada Militar em 2012	111
APÊNDICE C - Termo de livre consentimento esclarecido	116
APÊNDICE D - Idade de ingresso na Brigada Militar do Rio Grande do Sul	118
APÊNDICE E - Gênero dos ingressantes na Brigada Militar do Rio Grande do Sul	119
APÊNDICE F - Etnia dos ingressantes na Brigada Militar do Rio Grande do Sul	120
APÊNDICE G - Estado civil dos ingressantes na Brigada Militar	121
APÊNDICE H - Número de filhos dos ingressantes na Brigada Militar	122
APÊNDICE I - Pagamento de pensão alimentícia pelos ingressantes	123
APÊNDICE J - Instituição de ensino onde o ingressante realizou seus estudos	124
APÊNDICE L - Nível de escolaridade do ingressante na Brigada Militar	125
APÊNDICE M- Tipo de residência do ingressante na Brigada Militar.	126
APÊNDICE N - Número de membros da família do ingressante na Brigada Militar	127
APÊNDICE O - Número de membros da família do ingressante com renda mensal	128
APÊNDICE P - Renda mensal da família do ingressante na Brigada Militar	129
APÊNDICE Q - Número de dependentes da renda da família do ingressante	130
APÊNDICE R - Atividade profissional antes do ingresso na Brigada Militar	131
APÊNDICE S - Número de ingressantes que serviu às Forças Armadas	132
APÊNDICE T - Ingresso anterior na Brigada Militar	133
APÊNDICE U - Motivos de ingresso na Brigada Militar	134
APÊNDICE V - Propriedade de veículo automotor pelo ingressante	135
APÊNDICE X - Escolaridade de pais e/ou responsáveis dos ingressantes	136

APÊNDICE Z - Atividade profissional de pais/cônjuge do ingressante.....	137
APÊNDICE AA - Região de origem do ingressante na Brigada Militar	138
APÊNDICE BB - Principal meio de informação do ingressante	139
APÊNDICE CC - Acesso do ingressante à Internet	140
APÊNDICE DD - Ingressante da Brigada Militar e participação como sócio de clube	141
APÊNDICE EE - Atividades do ingressante em seu tempo livre.....	142
APÊNDICE FF - Ingressante na Brigada Militar e prática religiosa.....	143
APÊNDICE GG - Adesão do ingressante à religião.....	144
APÊNDICE HH - Participação do ingressante em rito religioso.....	145
ANEXO A - Curso Básico de Formação Policial Militar - CBFPM/2009	146
ANEXO B - Curso Básico de Formação Policial Militar - CBFPM/2012 (Planejado).....	148
ANEXO C - Curso Básico de Formação Policial Militar - CBFPM/2012 (Executado).....	150

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa consiste em descrever o perfil dos jovens ingressantes da Polícia Militar (PM) do Estado do Rio Grande do Sul, historicamente denominada Brigada Militar (BM). Por meio de uma investigação quali-quantitativa, objetiva-se desvelar as motivações que conduziram estes jovens a escolherem a atividade de polícia militar e, a partir do interesse comum, delinear o perfil dessa coorte da juventude, a partir das categorias que definem a transição para a vida adulta, tais como: a relação de independência da família de origem a situação matrimonial e os filhos, bem como as atividades nas quais suas vidas estão centradas, tais como estudo e trabalho, tempo livre e lazer.

Este trabalho busca investigar quem são esses jovens, a partir das significações e complexidades que a própria categoria engendra, por meio de autores contemporâneos e das informações empíricas produzidas pela pesquisa de campo.

Em um segundo momento, realiza-se a comparação do perfil dos jovens ingressantes com as características delineadas pela pesquisa, “Perfil da juventude brasileira”, do Projeto Juventude, realizado pelo Instituto Cidadania.

No primeiro capítulo, apresenta-se a justificativa, o problema de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos. O segundo capítulo se inicia com a contextualização, apresentando um breve histórico da BM sob a perspectiva do ensino, do ingresso e da formação policial militar. O terceiro capítulo traz o referencial teórico, construído a partir de pressupostos de Norbert Elias e Gregory Bateson, que servirão de base para as reflexões propostas pela pesquisa. Também neste capítulo, serão apresentados os conceitos das categorias juventude e trabalho e o perfil dos jovens brasileiros.

O quarto capítulo discorre sobre a metodologia, o método, os instrumentos e o delineamento da pesquisa; a descrição do campo, dos participantes e a amostra da pesquisa; o plano de coleta, o método de análise e os critérios de validação dos dados.

No quinto capítulo, consta a “análise dos dados e resultados obtidos”, momento em que são apresentados os instrumentos utilizados para a coleta dos dados empíricos, a tabulação e os resultados das análises.

O sexto e último capítulo reúne as considerações finais, apresentando a “costura” dos dados empíricos com a teoria presente no referencial teórico, finalizando com as conclusões do trabalho apresentado.

Realizar uma investigação a partir de uma amostra robusta dos ingressantes dos dois últimos concursos (2009 e 2012) para o cargo de soldado da BM foi a proposta desta pesquisa. O trabalho de investigação foi desenvolvido em três momentos distintos, utilizando-se das técnicas de levantamento de dados por meio de questionários, entrevistas e grupos focais.

Para a construção do questionário, optou-se por um rol de variáveis que identificassem o perfil socioeconômico dos ingressantes na BM. Para as entrevistas e grupos focais, foi construído um roteiro semiestruturado com as seguintes categorias: (a) as motivações que levaram os ingressantes a decidir pela carreira policial militar; (b) as situações clássicas que definem a transição para a vida adulta; (c) estudo e trabalho; (d) tempo livre e lazer e (e) juventude. Com a utilização das três técnicas de coleta de dados, buscou-se complementar as informações acerca do fenômeno investigado, possibilitando, assim, melhores condições para a análise e a descrição do objeto pesquisado.

A contextualização e o referencial teórico apresentam as informações necessárias para o leitor apropriar-se um pouco da história da Instituição, do contexto e da perspectiva do pesquisador e, também, da forma com que a BM enfrentou os desafios impostos pelas mudanças conjunturais (políticas e sociais), no decorrer do século passado. Vencida essa etapa, impõe-se a seguinte questão: como a BM seleciona e forma esse policial do terceiro milênio. Acredita-se que o perfil da coorte juventude que procura a BM, começa a ser desenhado a partir dos critérios de ingresso definidos pela Instituição. Após essa primeira etapa, que os coloca em um grupo diferenciado em razão do nível de escolaridade e da idade, busca-se investigar as motivações pela escolha dessa atividade e não de outra, seus interesses, suas trajetórias e seus projetos de vida. Ao final, é possível reunir as informações necessárias para o delineamento do perfil da juventude brigadiana.

Hoje, o melhor que a Instituição pode ofertar para a sociedade, provém da capacidade desses jovens em traduzir os ensinamentos adquiridos durante a formação, em uma prática da defesa dos direitos do cidadão.

Conforme os registros do Departamento Administrativo da BM, a década de 1980, foi o período que registrou o maior ingresso de soldados na Corporação, seguido de uma redução significativa por conta das conjunturas políticas. As inclusões¹ na BM, até o início da década de 1990, ocorriam com significativa autonomia administrativa desse órgão, que se vinculava diretamente ao chefe do poder executivo Estadual.

¹ Inclusão: termo previsto no estatuto dos militares estaduais (RS) que designa o ato formal de ingresso em cargo público. Na BM, a nomeação, a posse e o exercício ocorrem em um único ato.

Por conta da previsão de aposentadoria especial para os militares (trinta anos de serviço para os homens, e vinte e cinco anos para as mulheres) aqueles ingressantes da década de 1980 já se aposentaram, e a BM, por dificuldades de ordem conjuntural, não conseguiu manter o planejamento de ingresso sistemático, o que resultou em um histórico déficit de pessoal, próximo a quarenta por cento do efetivo previsto.

Em 2012, foi concluído o concurso e preenchidas 2 mil vagas para o cargo de soldado, quantitativo equivalente às aposentadorias dos dois últimos anos. Esse tem sido um problema de difícil solução para os sucessivos governantes do Estado. Em março de 2013, o governo do Estado anuncia a autorização para a inclusão de mais 2 mil policiais militares, que deverão estar prontos (formados) para atuar no evento internacional da Copa do Mundo de futebol de 2014.

Por meio dessa busca sistemática de recomposição do efetivo da BM, ocorre um aporte considerável de novos ingressantes e a consequente juvenilização da tropa em sua base, no cargo de soldado. Em razão de dispositivo estatutário, que limita a idade do ingressante em até vinte e cinco anos de idade, na data do ingresso, a média de idade desses jovens não tem ultrapassado os vinte e três anos.

Conforme a situação descrita, a BM conta, em seu efetivo ativo, com uma força de trabalho jovem e em processo crescente de juvenilização. Esse quadro impõe o seguinte problema: Qual o perfil dos ingressantes, no cargo de soldado da PM do Estado do Rio Grande do Sul, a partir da coorte juventude? Qual o impacto desse estudo? A resposta, neste momento, surge a partir de outras indagações: interessa aos gestores responsáveis pela formação dos novos policiais militares conhecerem as características dessa coorte de jovens? Como está sendo selecionado e preparado esse jovem que, em poucos meses, irá atuar como policial militar diuturnamente junto à sociedade? O capítulo seguinte apresenta, de forma breve, o histórico do ensino na BM os ritos de ingresso e de formação, com o objetivo de trazer elementos para que o leitor tenha uma visão um pouco mais abrangente dos ritos de caserna e possa tirar suas conclusões a partir do quadro apresentado.

Como objetivo geral, pretende-se conhecer a juventude que dá corpo e rosto para a BM, seus projetos e suas motivações para a escolha da atividade policial militar e, também, as aproximações com o “Perfil da juventude brasileira”.

Os caminhos para resolver o problema proposto passam pelos objetivos específicos, quais sejam: descrever o perfil socioeconômico dos ingressantes na BM; identificar as motivações de escolha da atividade policial militar e comparar o perfil dos jovens que ingressaram na BM com o “Perfil da juventude brasileira”.

Esta pesquisa é motivada pela história pessoal e profissional do pesquisador, uma vez que pesquisador e objeto são partes de um mesmo sistema. Ingressar na BM, no cargo de soldado, conforme lembra o pesquisador, estava vinculado à busca de melhor salário e plano de saúde. A inscrição para o processo seletivo ocorreu no último dia, em setembro de 1988, quando só restavam vagas para os municípios de Canoas, Novo Hamburgo e Montenegro. Duas semanas depois, iniciava o curso de soldado na Escola de Formação, em Porto Alegre, com destino a Canoas. Em sua trajetória profissional, passou por todos os cursos de formação desenvolvidos nas tradicionais escolas da BM: desde a Escola de Formação e Especialização de Cabos e Soldados (EsFCS), a Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Sargentos (EsFAS), em Santa Maria e, durante quatro anos de dedicação exclusiva, com aulas em turno integral, na Academia de Polícia Militar (APM).

O interesse pelo ensino levou o autor desta pesquisa a especializar-se em sociologia da violência e criminalidade no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quando participou do seminário avançado de formação de professores do ensino superior na Faculdade de Educação (FACED) da UFRGS, momento em que acessou as obras de Paulo Freire, Bourdieu, Vygotsky, entre outros autores. As reflexões acerca da prática dos docentes e as possibilidades de transformações por meio da gestão do ensino despertaram de forma decisiva o seu interesse pela educação como espaço de construção-reconstrução do fazer policial. A possibilidade de contribuir para qualificar a gestão e o processo de ensino e de aprendizagem da BM foi a motivação para participar do Programa de Educação Continuada (PEC) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da UFRGS, a partir de 2005. Ano após ano, uma disciplina por semestre, estudou os mais diversos autores, desde Morin, Maffesoli, Foucault, Hannah Arendt, Norbert Elias, e tantos outros, até construir o objeto desta pesquisa.

Nas atividades funcionais, além das atribuições de comando e chefia, cabe ao oficial de PM desempenhar de forma cumulativa as funções de professor nos diversos cursos de carreira e de especialização da Corporação. As experiências profissionais desse pesquisador passam pela execução de policiamento em diversos Batalhões de Polícia Militar (BPM) da Região Metropolitana e pelos Departamentos Administrativo, de Logística e de Ensino, onde se dá destaque ao Instituto de Pesquisa da Brigada Militar (IPBM) e à APM. Resultou, como consequência direta dessa experiência, a sua participação em várias comissões de significativo interesse para a Corporação, tais como a Comissão de Revisão do Regimento Interno da BM e

Lei de Organização Básica da BM; Comissão de Reformulação das Leis de Ensino da BM; Comissão para a Criação de um Quadro de Servidores Cíveis, a revisão da norma que estabelece os ritos do Inquérito Técnico e a revisão dos currículos dos cursos de formação.

Sustenta-se a relevância deste estudo na possibilidade de lançar luzes na gestão dos processos de ensino e de aprendizagem na BM, na medida em que se busca a visibilidade e a condição de sujeitos dessa coorte da juventude que serão os novos Policiais Militares e almeja-se a transparência e a participação de outros atores sociais nesse processo em conformidade com as diretrizes federais.

Dessa maneira, a Instituição que transforma a juventude brigadiana, por intermédio de suas ações formativas, também se deixa transformar e nutrir daquilo que as novas gerações trazem consigo, ou seja, novas possibilidades de ver o mundo. Com esse propósito, objetiva-se provocar os gestores do ensino da BM para o fato de que mudou o modelo Policial Militar e de que os jovens mudaram e que, para alcançar os resultados esperados pela Corporação e pela sociedade, é necessário superar o modelo tradicional de formação e suas contradições éticas e pedagógicas. Segundo Einstein, “Não há maior prova de insanidade do que fazer a mesma coisa dia após dia esperando resultados diferentes.” Nos resultados esperados pela Corporação e pela sociedade, aparece um modelo de policial com comportamento proativo, mediador de conflitos, defensor dos direitos e promotor da cidadania, logo, deve-se trabalhar por um projeto político-pedagógico que sustente um modelo de prática formativa e currículo, em que o aluno passe a ser sujeito e não somente o objeto do processo formativo, que privilegie valores, competências, comportamentos e atitudes, comprometidas com uma ética cidadã.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

A proposta deste capítulo é contextualizar o objeto de pesquisa a partir de uma breve perspectiva histórica, apresentando a forma como a Corporação BM recrutava seus efetivos no início do século passado, bem como os modelos e métodos utilizados para a formação do policial militar. No mesmo seguimento, são apresentados os critérios de ingresso e o modelo atual de formação.

2.1 Histórico da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Sul

O histórico objetiva apresentar a origem da Corporação BM buscando os fatos relacionados com a forma de ingresso e os métodos utilizados para a formação policial militar.

A origem da BM data do período em que se iniciam as lutas internas, logo após a emancipação política do Estado. Depois de dois anos da primeira iniciativa para a criação do Corpo Policial (MARIANTE, 1972, p. 65), em 18 de novembro de 1837 foi promulgada a Lei nº 7, pelo Presidente da Província, criando, legalmente, o Corpo Policial da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Com organização, disciplina e vencimentos iguais aos do Exército Imperial, o Corpo Policial tinha a missão de garantir a ordem interna, conturbada pela luta mantida pelos farroupilhas contra as forças Imperiais.

A incipiente organização policial militar gaúcha passou por uma série de mudanças e por várias denominações em consequência da instabilidade política da época. Com a denominação Brigada Militar (BORGES, 1990, p. 14) três anos após o advento da proclamação da República no Brasil, tem início a história da corporação com o nome que conserva até hoje e que, desde então, acompanha todos os fatos marcantes da trajetória deste Estado. Como exemplo, citam-se as participações nos movimentos de 1923², 1924³, 1930⁴ e 1935⁵, como tropa regular, com objetivos e finalidades voltados para a guerra.

² Revolução Assisista de 1923.

³ Revolta de 1924, derrubada do Governo de Arthur Bernardes.

⁴ Revolução de 30. Getúlio *versus* Júlio Prestes.

⁵ Revolução constitucionalista, São Paulo reivindica a Assembléia Constituinte.

O período seguinte aos anos, 1930, caracterizado como fase de transição, encerra no final da década de 1960, quando as PM assumem a atribuição exclusiva do policiamento ostensivo, deixando de ser uma tropa aquartelada para assumir de vez o policiamento preventivo, fardado diuturnamente nas ruas das cidades.

A estrutura da BM foi modelada pelo Exército, incluindo suas instalações, sua disciplina e instrução e seu armamento. Nas atividades de ensino e formação, os instrutores eram oficiais comissionados da Instituição Federal que executavam, fiscalizavam e planejavam a instrução na Corporação brigadiana.

No final do Século XIX, uma das primeiras atividades formalmente voltadas para o ensino dentro da corporação foi a criação das "escolas regimentais" nos quartéis, que, segundo Borges (1990, p. 18), funcionavam como cursos de alfabetização aos voluntários que se apresentavam para servir na BM. Aguardava-se o contingente suficiente para formar uma turma e, então, iniciava-se o curso de preparação, sendo as aulas ministradas por oficiais daquele quartel.

Conforme Borges (op. cit., p. 18-22), os cursos de formação de soldados nas escolas regimentais deveriam desenvolver as seguintes matérias: leitura, caligrafia, as quatro operações, aritmética, geografia do Rio Grande do Sul e noções das coisas, compreendendo dois grupos: Escola de Praças e Escola de Graduados, cujos programas de estudo deveriam ser rigorosamente observados, dando ao ensino um caráter essencialmente prático. Previa, ainda, que os diretores das escolas ministrassem as disciplinas por meio de preleções, empregando linguagem adequada ao adiantamento dos alunos e auxiliando-se de quadros murais e outros materiais escolares.

De 1911 a 1931, na Chácara das Bananeiras⁶, funcionou o Depósito de Recrutas⁷, que tinha por finalidade centralizar o ingresso dos novos voluntários. Após as formalidades burocráticas e o ingresso de um número suficiente para completar uma nova turma, os recrutas eram encaminhados para as escolas regimentais que funcionavam nos batalhões de policiamento e regimentos de cavalaria da BM, para frequentarem os cursos de alfabetização.

⁶ Chácara das Bananeiras - constituída por uma gleba de terra situada junto ao que é hoje chamado de "Morro da Polícia", na divisa dos bairros Partenon e Glória, na Capital gaúcha. Foi adquirida pela administração Provincial em 1855, para servir de local para criação de ovelhas da raça merino e pastagem para os cavalos do Corpo Policial. (SAVARIZ, 1990, p.23).

⁷ Depósito de recrutas - inaugurado em 1911, sendo alterada sua denominação, em 1931, para Escola de Instrução. Tinha como finalidade receber, preparar e apresentar os voluntários nos batalhões e regimentos. (BORGES, p.46, 1990).

Após esse período, foi criada a Escola de Instrução que compreendia a Linha de Tiro, o Picadeiro e o Estádio de Instrução Física, a qual foi centralizando as atribuições de formação de efetivos da BM e passou a denominar-se Centro de Instrução Militar (CIM). No CIM, funcionava o curso de formação de sargentos, com o seguinte programa de matérias: português, aritmética, desenho linear, história, geografia e instrução prática militar.

Ainda conforme Borges (1990, p. 22-29), os primeiros cursos de formação, destinados exclusivamente à habilitação dos alunos para exercerem as funções do oficialato, tinham a duração de dois anos, e incluíam matérias de português, francês, matemática, geografia, história do Brasil e desenho linear. Poucos anos depois, foram substituídos pelo Curso de Preparação Militar (CPM) que obedeceu a um programa distribuído em dois períodos de estudos, com duração de um ano, e um terceiro período de aperfeiçoamento da instrução militar, de cinco meses.

No primeiro período, constavam as disciplinas de português, geografia, história da pátria, aritmética, álgebra e geometria. No segundo, noções de ciências, elementos de topografia, tática elementar, noções de balística e fortificações passageiras. O terceiro período compreendia matérias de uso do Exército.

Savariz (1990, p.22) registra que, em 1937, o então diretor de estudos do CIM foi requisitado pelo Ministro da Guerra, ficando dispensado da função de chefe da missão instrutora da BM. Iniciou-se, assim, o tempo em que a BM passou a executar o ensino e a instrução com orientação de oficiais de seu próprio quadro.

Até o ano de 1941, as atividades de ensino não possuíam um órgão coordenador. A partir desse ano, foi instituída na BM a Diretoria Geral de Instrução, com a finalidade de coordenar e fiscalizar a instrução ministrada nos Estabelecimentos de Ensino e nos Corpos de Tropa. Em 1947, foram divulgadas as Diretrizes Gerais para a instrução da tropa, que tinham por objetivo traçar normas para a organização e o desenvolvimento da instrução da tropa, estabelecendo uniformidade na execução dos diversos cursos da Instituição.

Na década seguinte, novos avanços são concretizados pela BM, tais como a criação dos cursos para os oficiais de carreira, conforme registra Savariz:

Entre as décadas de 1950 e 1960, foram criados os cursos de Aperfeiçoamento de Oficiais, destinados a Capitães, e o Curso Superior de Polícia Militar, destinado ao aperfeiçoamento dos Majores e Tenentes Coronéis, preparando esses Oficiais Superiores para a promoção ao posto de Coronel, e para galgar os mais altos cargos de comando da Brigada Militar (SAVARIZ, 1990, p. 36).

Devido aos aumentos de efetivos da Corporação, e por falta de espaço na Escola da Chácara das Bananeiras, foi criada a Escola de Aperfeiçoamento de Graduados - instalada na cidade de Santa Maria - e a Escola de Formação e Especialização de Cabos e Soldados - em Porto Alegre.

No panorama federal, ao final da década de 1960, a BM, assim como toda a sociedade brasileira, sentiu as consequências do maior recrudescimento do regime ditatorial que dominava o País. Em julho de 1969, entra em vigor o Decreto - Lei Federal nº 667, que reorganiza as PMs e CBMs do país, criando a IGPM, órgão do Exército Brasileiro que passa a ser o responsável pela fiscalização e pelo controle da instrução e do armamento das PM. Resulta desse Decreto que a IGPM, com tais atribuições, estabelecia a política da instrução das PMs do Brasil, sendo o órgão máximo nesse assunto, ou seja, todo o saber acumulado da Corporação BM - que investiu em seus quadros e criava um sistema de ensino próprio - por força de intervenção federal passa a seguir o modelo ditado pelo Exército Brasileiro.

A regulamentação do Decreto nº 667/69, criou o regulamento para as PM e para os Corpos de Bombeiros Militares (CBM), conhecido por R-200, de 08 de julho de 1970. Tal regulamento, em seu capítulo II - Da Conceituação e Competência - estabelece o seguinte: “Ato de dirigir a instrução das Polícias Militares, através do estabelecimento de diretrizes, normas, manuais e outros documentos, de forma a proporcionar aos seus integrantes uma adequada formação profissional e um conveniente aperfeiçoamento, com vistas a sua destinação legal.”.

Em nível estadual, em 1969, por meio do Decreto Estadual nº 19.931, foi aprovado o Regulamento de Preceitos Comuns para o Ensino na BM. Esse regulamento, conforme o próprio título já sugere, padroniza ações gerais para a vida escolar das Unidades de Ensino da BM e prevê a obrigatoriedade dos Regimentos Internos, orientando quanto aos critérios do planejamento dos programas de ensino, das atividades extracurriculares, da avaliação do rendimento escolar, da estrutura de funcionamento dos órgãos e da direção do ensino, entre outras especificações.

A Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, promulgada em 1989, passa a prever em seus mandamentos a competência da BM, nas atividades de ensino; assim, criam-se condições legais para a construção de um novo modelo de PM, conforme se verifica na carta Constitucional:

Art. 131 - A organização, efetivo, material bélico, garantias, convocação e mobilização da Brigada Militar serão regulados em lei, observada a legislação federal.

§ 1º - A seleção, o preparo, o aperfeiçoamento, o treinamento e a especialização dos integrantes da Brigada Militar são de competência da Corporação. (Constituição Estadual, 1989)

Esse momento é simbólico para a BM, pois, a instituição sistematicamente doutrinada - ao longo de mais de três décadas - pelas orientações e fiscalizações realizadas pela IGPM e também pela utilização de materiais produzidos pelo Exército (P. ex.: manuais, cartilhas e regulamentos) depara-se com a necessidade de pensar um modelo próprio de ensino para a formação dos novos integrantes da Corporação.

O País atravessava um dos períodos mais conturbados de sua economia, e a BM, legalmente competente para planejar e executar as diretrizes de ensino seguiu reproduzindo o mesmo modelo das últimas décadas, formando policiais militares e bombeiros militares no modelo tradicional.

Somente quase uma década depois, em 1997, surgem as primeiras alterações estruturais na Corporação, a partir das Leis complementares nº 10.990, e nº 10.992 e das Leis Ordinárias nº 10.991 e nº 10.993, que tratam do Estatuto dos Militares Estaduais, do Plano de Carreira, da Organização Básica e da Fixação de Efetivo, respectivamente. Porém, os reflexos na formação dos profissionais da segurança pública, em nosso Estado, só vão começar a aparecer no início da década seguinte.

Nessa reestruturação, o Departamento de Ensino foi organizado sob a forma de sistema, competindo-lhe o planejamento, o controle e a fiscalização das atividades de ensino, instrução e pesquisa. A mudança conceitual que norteou a reestruturação baseou-se na centralização burocrática no nível departamental, que passou a assumir uma posição central no fluxo de ordens entre o comando da BM e as unidades executoras de ensino.

Em 22 de janeiro de 1998, o Decreto nº 38.107 regula a Lei de Organização Básica da BM, definindo a estrutura e as atribuições dos órgãos da Corporação. Esse decreto vem sofrendo diversas alterações com o passar dos anos. Na área de ensino, por exemplo, ocorreram mudanças na nomenclatura de órgãos de ensino e a criação de novas unidades.

Conclui-se o breve histórico procurando destacar os caminhos percorridos pela BM, a fim de formar seus efetivos para as demandas que cada momento histórico impunha. O embrião da Instituição é guerreiro, pois esta foi criada para garantir a segurança do território gaúcho e para manter a ordem interna em plena guerra dos Farrapos. O ensino, naquela época,

era dirigido por Oficiais comissionados do Exército e funcionava como cursos de alfabetização para as Praças.

De forma sintética, pode-se destacar que, no início do século XX a preocupação principal da BM era alfabetizar as suas Praças⁸. Na década de 1930, os esforços ficaram por conta da criação e organização das escolas de formação.

Nas décadas seguintes, com propósitos menos bélicos, e com planejamento e execução dos Oficiais⁹ da própria BM, ocorre a sistematização do ensino e o aprimoramento dos quadros de oficiais na BM. Com a criação da IGPM pelo Exército Brasileiro, o ensino passa a ser controlado e regulado pelas Forças Armadas até o advento da Constituição Cidadã de 1988, quando as PMs retomam a autonomia no planejamento e gestão do ensino de seus efetivos.

Atualmente, o Estado do Rio Grande do Sul, conforme dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE) conta com uma população de um pouco mais de 10 milhões e 700 mil habitantes e a BM possui um efetivo em torno de 23 mil, Militares, sendo que o efetivo previsto é de 35,5 mil homens e mulheres, conforme a lei de fixação de efetivo e o Departamento Administrativo da BM¹⁰.

Com um déficit de mais de 12 mil policiais militares, como tem sido feito o processo de seleção e formação desses jovens que procuram a BM?

2.2 Ingresso no cargo de soldado na Brigada Militar

Com base nas legislações que regularam o ingresso na Instituição, verifica-se que, até 1975, os interessados dirigiam-se diretamente ao Estado Maior da BM (EMBM) para fazer a inscrição na condição de voluntários para ingresso no cargo de soldado da BM que, na época, não exigia o ensino fundamental completo - o que só foi ocorrer a partir de 1985. Nova alteração ocorreu por conta da Lei Complementar nº 10.990/97, que passou a exigir o ensino médio completo para o cargo de soldado, entre outros requisitos.

Após a Constituição de 1988, o ingresso na BM para o cargo de soldado ocorre por meio de concurso público com ampla divulgação na mídia e publicações legais no Diário

⁸ Praças - Designação estatutária conferida aos soldados e sargentos da BM.

⁹ Oficiais - Designação estatutária conferida aos postos de tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel da BM.

¹⁰ DA/BM - Lei n.º 10.993/97, fixa o efetivo da BM. Fonte: banco de dados do DA/SMov - efetivo atual.

Oficial do Estado. O processo é regulado pelas Leis Complementares nº 10.990/97 e nº 10.992/97, Lei nº 10.993/97, Lei nº 12.307/05 e Lei do Serviço Militar nº 4.376/64.

O concurso público, realizado para os ingressantes de 2009, interesse desta pesquisa, destinava-se ao provimento de 3 mil vagas de soldados. Não havia vagas com destinação prévia para a atividade de bombeiro, ou seja, depois de aprovado no concurso, conforme a sua classificação, o ingressante escolhia entre a atividade de bombeiro ou de policiamento.

Previa o edital que o candidato deveria possuir os seguintes requisitos para o ingresso na BM: nacionalidade brasileira; idade mínima de 18 anos e máxima de 25 anos de idade, até o último dia da inscrição para o concurso; altura mínima de 1,65m para candidatos do sexo masculino, e 1,60m para candidatos do sexo feminino. Além disso, o candidato deveria possuir ilibada conduta pública e privada; estar quite com as obrigações eleitorais e militares; não estar respondendo a processo criminal; não ter sofrido condenação criminal com pena privativa de liberdade, medida de segurança ou qualquer condenação incompatível com a função Policial Militar; possuir ensino médio completo ou equivalente; ter Carteira Nacional de Habilitação na Categoria "B"; não apresentar resultado positivo no exame toxicológico para detecção de drogas ilícitas; submeter-se à sindicância da sua vida pregressa.

O concurso foi assim estruturado: 1ª fase exame intelectual; 2ª fase exame de saúde; 3ª fase exame físico; 4ª fase exame psicológico (dividida em duas etapas: testagem coletiva e entrevista individual).

Finalizada as fases acima, os candidatos deveriam apresentar a documentação solicitada, bem como ser submetidos a processo de investigação da vida pregressa. Os documentos consistiam em: certidão de nascimento ou de casamento; carteira de identidade; CPF; título de eleitor; prova de quitação das obrigações eleitorais; PIS ou Pasep; carteira de trabalho; carteira nacional de habilitação, categoria B; certificado de conclusão do ensino médio e respectivo histórico; declaração de comportamento militar para reservistas das Forças Armadas (original); certificado militar; folha de antecedentes da Polícia Civil do Estado em que tivesse residido nos últimos cinco anos; alvará de folha corrida do Poder Judiciário; certidão negativa criminal da Justiça Estadual; certidão negativa criminal da Justiça Federal; certidão negativa criminal da Justiça Militar Estadual; certidão negativa criminal da Justiça Militar Federal; exame Beta HCG por RIE (teste de gravidez para candidatos do sexo feminino), com resultado negativo e validade de até 15 dias antes da data prevista para a entrega da documentação; laudo de exame toxicológico para detecção do uso de drogas ilícitas, a partir de amostras de materiais biológicos (cabelos, pelos ou raspas de unhas) doados pelos candidatos com janela de detecção mínima de 90 dias, abrangendo, pelos menos,

os seguintes grupos de drogas: cocaína e derivados maconha e derivados opiáceos, “ecstasy” (MDMA, MDA e MDE) e penicilidina (PCP). No corpo do laudo, deveriam constar, obrigatoriamente, informações sobre a cadeia de custódia, com os seguintes campos (no mínimo): identificação completa com assinatura do doador (inclusive impressão digital), identificação de assinatura das testemunhas da coleta, identificação, credencial e assinatura do responsável técnico pela emissão do laudo.

O Departamento Administrativo, por meio da Divisão de Recrutamento, Seleção e Acompanhamento (DReSA), é o órgão encarregado de verificar a vida pregressa, bem como a conduta individual e social do candidato. O candidato ficava sujeito a não efetivação do seu ingresso e era eliminado do certame, caso não comprovasse os requisitos para ingresso ou não apresentasse toda a documentação exigida. O candidato que não atendesse a convocação para a Sindicância da Vida Progressa ou deixasse de fazer a entrega de qualquer documento seria eliminado do certame.

O exame intelectual foi composto por questões de português, matemática, direitos humanos, legislação aplicada, conhecimentos gerais e informática.

A destinação das vagas obedeceu às distribuições apresentadas no Quadro 1:

DESTINAÇÃO DE VAGAS POR REGIÃO / 2009

REGIÃO	VAGAS
CAPITAL	1.000
METROPOLITANA	540
ALTO JACUÍ	40
CENTRAL	170
CENTRO-SUL	80
FRONTEIRA NOROESTE	40
FRONTEIRA OESTE	50
LITORAL	50
PLANALTO	170
SERRA	250
SUL	130
VALE DO CAÍ	40
VALE DO TAQUARI	40
VALE DO RIO PARDO	90
VALE DO RIO DOS SINOS	290
MISSÕES	20
TOTAL	3.000

Quadro 1: Destinação de vagas por Região. Fonte dos dados: Edital n. 4 A/CBFP/2009 do Concurso público para o cargo de Militar Estadual na graduação de soldado, de 29 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.aocp.com.br/concursos/arquivos/editalaberturabrigada.PDF>>. Acesso em: 11/03/2011.

As vagas de cada Região foram preenchidas de acordo com a ordem de classificação final obtida na 1ª fase (exame intelectual), pelos candidatos que foram aprovados em todas as fases do concurso, de acordo com as necessidades da BM, conforme opção do candidato no ato da inscrição.

O concurso público, realizado para os ingressantes em 2012, obedeceu aos mesmos ritos e critérios do concurso anterior e destinava-se ao provimento, de 2 mil vagas de soldado, sendo que, de forma inédita, previu 600 vagas de soldado para a atividade de bombeiros. No final do concurso, o Governador autorizou o ingresso de mais de 600 candidatos aprovados, totalizando 2.028 ingressantes no cargo de soldado de polícia militar.

A destinação das vagas para a atividade de polícia ostensiva obedeceu a seguinte distribuição (não estão previstos os 628 ingressantes da segunda chamada):

DESTINAÇÃO DE VAGAS POR REGIÃO/ 2012

REGIÃO	VAGAS
CAPITAL	500
METROPOLITANA	200
CENTRO-SUL	30
LITORAL	100
SERRA	130
SUL	60
VALE DO RIO DOS SINOS	110
NECESSIDADES GERAIS	270
TOTAL	1.400

Quadro 2: Destinação de vagas por Região. Fonte dos dados: Edital DA/DRESA n. SD-P 01/2011/2012 do Concurso público para o cargo de Militar Estadual na graduação de soldado, de 28 dez. 2011. Disponível em: <http://www.fdrh.rs.gov.br/upload/20111229112156edital_polost_qpm_1_2011.pdf>. Acesso em: 03/04/2012.

2.3 Curso de Formação Policial Militar

Diferente de outras categorias de servidores públicos, quando o Militar Estadual realiza o curso de formação, já venceu as etapas de nomeação, posse e exercício, ou seja, o curso não faz parte das fases do concurso como ocorre com a polícia civil, por exemplo.

A BM, tradicionalmente, forma seu contingente de soldados policiais militares nas escolas situadas nos municípios de Monte Negro e Osório.

Quando a demanda é superior à capacidade estrutural das escolas de formação de soldados, os cursos de formação ocorrem também em unidades de policiamento. A distribuição das vagas do concurso de 2009/2012 foi regionalizada conforme mostram os quadros apresentados, assim como a responsabilidade pela formação daquele efetivo, tudo supervisionado pela Diretoria de Ensino da BM.

O fato de realizar a formação de um contingente tão expressivo para as condições estruturais da Corporação resultou em diferenças significativas no desenvolvimento das atividades formativas, principalmente na oferta de instrutores, pois havia regiões que não

contavam com oficiais habilitados para todas as disciplinas previstas no currículo do curso, que acabam sendo supridas por Praças e professores de outros órgãos.

Alguns Comandos Regionais tiveram dificuldades nas questões logísticas e estruturais, tais como: salas de aulas improvisadas, banheiros em número insuficiente, falta de local apropriado para efetuar as refeições, entre outras demandas. Na capital, a situação não foi muito diferente.

O Curso Básico de Formação Policial Militar (CBFPM/2009) foi desenvolvido em três módulos distintos, com o seguinte rol de disciplinas e carga horária (Anexo A): primeiro módulo, 14 disciplinas e 260 horas/aula; segundo módulo, 16 disciplinas e 435 horas/aula e terceiro módulo, 14 disciplinas e 435 horas/aula, totalizando 1.130 horas/aula.

Os Cursos de Formação de Soldados de Polícia Militar da BM são realizados pelas escolas de formação, localizadas nas cidades de Montenegro e Osório. Quando o número de ingressantes ultrapassa a capacidade das instalações físicas dessas escolas, a execução dos cursos é também realizada pelas Unidades de Policiamento, com a supervisão das Escolas e Departamentos de Ensino.

O curso é centrado em duas coordenações distintas: ensino e disciplina. A coordenação de ensino é responsável pela rotina pedagógica, pelos alunos e instrutores e pela organização das aulas, dos calendários, das provas e avaliações. Fora das salas de aula, a competência é da coordenação da disciplina, geralmente centrada em um oficial auxiliado por um graduado, tudo a luz dos regulamentos.

É tradição das escolas de formação iniciar o curso em regime de internato, momento em que a coordenação disciplinar, denominada Comando do Corpo de Alunos, apresenta as regras e normas de conduta a serem observadas pelos alunos. Aos recrutas são repassadas as primeiras instruções militares, tais como a continência (forma de apresentação entre os militares) e a ordem unida (aprender a marchar), independente das experiências anteriores. Os ingressantes que possuem experiência militar auxiliam os colegas que apresentam maior dificuldade nessas atividades.

Uniforme bem passado, cabelo cortado ou preso, postura, compostura, comportamento e observação do canal de comando¹¹ são alguns dos requisitos básicos para um início de curso de formação. Também nesse momento são delimitados os espaços que podem ser utilizados pelos alunos e quais os espaços que são restritos.

¹¹ Canal de comando: p.ex.: fora da sala de aula, os alunos não devem se dirigir diretamente aos oficiais, primeiro suas demandas são encaminhadas pelo colega na função de chefe de turma, que por sua vez, encaminhará ao sargento disciplina, que se necessário, participará ao oficial. (Nota do autor)

A rotina diária começa com uma formatura matinal, momento em que todos os alunos entram em forma por pelotões (grupo de até trinta alunos, em coluna por três); às vezes a formação do pelotão corresponde à turma de sala de aula, outras vezes não, obedecendo outros critérios, de acordo com o comandante do Corpo de Alunos. A formatura diária é o momento em que o comandante repassa suas orientações, recomendações, instruções, elogios e críticas ao comportamento dos alunos. Às vezes, essa rotina se repete ao meio-dia e ao final do dia.

Quando o aluno não observa as regras, sua conduta é apreciada disciplinarmente pelo comandante do Corpo de Alunos, podendo ser sancionada com uma advertência ou, dependendo da gravidade do ato, o aluno poderá ficar detido em quartel no final-de-semana. Todas as punições disciplinares e os elogios são publicados em boletim interno e divulgados nas formaturas diárias, restando registrados em pastas individuais.

A conduta indisciplinada pode gerar o desligamento do curso de formação e até mesmo a exclusão da BM, tudo por meio de processo administrativo disciplinar, situação comum para a Instituição. Fora do horário das aulas, que ocorrem em turno integral (manhã e tarde), os alunos concorrem às escalas de serviço interno durante a noite. Dependendo do número de postos e do contingente de alunos, as escalas serão mais ou menos frequentes. Após o primeiro ciclo do curso, os alunos começam a executar o estágio curricular, realizando policiamento ordinário ou em eventos nos finais de semana.

Observar os horários é regra fundamental nas escolas policiais militares. Pequeno atraso para presenciar uma formatura ou para estar na sala de aula pode significar um final de semana detido em quartel. As aulas são distribuídas em cinco tempos pela manhã e cinco pela tarde, em situação normal. O aluno não pode ter mais de 25% de faltas em cada disciplina, independente de ser justificada ou não, acarretando a perda de pontos e do curso. São raras as faltas em razão das consequências decorrentes.

A cada disciplina deve ser aplicada uma avaliação, conforme previsão em Regimento Interno do Departamento de Ensino. Ao final do curso, é aplicado um provão e o somatório da média geral das avaliações, nota do provão resultará na média final e classificação geral dos alunos. Essa classificação irá acompanhá-los na carreira, até a próxima promoção, podendo acarretar repercussões financeiras e na chamada para a realização de cursos.

Inicialmente, o CBFPM/2012, foi planejado com o seguinte rol de disciplinas e carga horária (Anexo B): primeiro ciclo, 15 disciplinas e 360 horas/aula; segundo ciclo, 17 disciplinas e 610 horas/aula e terceiro ciclo 15 disciplinas e 610 horas/aula, totalizando 1.580 horas/aula.

Pode-se observar que o currículo do curso dos ingressantes em 2012, recebeu novas matérias e também aumentou, consideravelmente, a carga horária em algumas disciplinas em comparação com o currículo do curso anterior (2009). O primeiro ciclo foi acrescido de 100 horas/aula, porém, as seguintes disciplinas foram remanejadas do segundo para o primeiro ciclo: ordem unida, história da BM, telecomunicações, relações humanas e comunicação social. O segundo ciclo foi acrescido de quase 200 horas/aula, destaque para a previsão do estágio supervisionado e para a inclusão das novas disciplinas de mediação de conflitos e uso progressivo da força. O terceiro ciclo foi acrescido de, praticamente, 200 horas/aula, com destaque para a inclusão de novas disciplinas: “condutor de veículo de emergência”, “técnicas de menor potencial ofensivo” e “estágio supervisionado”.

No entanto, o CBFPM/2012 foi executado com o rol de disciplinas e carga horária conforme o quadro anexo “C”: primeiro ciclo, 15 disciplinas e 300 horas/aula; segundo ciclo, 17 disciplinas e 545 horas/aula e terceiro ciclo, 15 disciplinas e 455 horas/aula, totalizando 1.300 horas/aula. A forma encontrada para resolver o problema da redução de 280 horas/aula, foi reduzir a carga horária e aglutinar duas disciplinas, como no caso da sociologia e psicologia; criminalística e medicina legal e relações humanas e comunicação social.

Atualmente, como é feita a gestão de ensino para os cursos de formação de soldados da BM? Quais os critérios utilizados para a definição das disciplinas e carga horária que devem compor o currículo de formação dos policiais militares? Quais as necessidades da Instituição? Quais as necessidades dos jovens? Destaca-se, novamente, que os questionamentos apontados têm como objetivo trazer ao leitor marcos que sinalizem o caminho argumentativo percorrido na pesquisa.

Incluir matérias em cursos, aumentar ou diminuir cargas-horárias, mudar condições de ingresso em cursos de acordo com interesses momentâneos ou mesmo criar cursos e estágios, ainda que sejam decisões próprias de ensino, elas pouco influirão na concretização da sua finalidade se forem desconsideradas as necessidades das escolas em dispor de professores e administradores capazes de fazer com que ela cumpra seu papel institucional de ensinar. (ROCHA, 1993, p. 19)

A formação profissional dos militares estaduais, com a redemocratização do país, passa a seguir as diretrizes da política federal. O primeiro instrumento com essa finalidade surgiu somente no ano de 2000, quando foi lançado o Plano Nacional de Segurança Pública (PNSP), logo após a intervenção desastrosa da PM do Estado do Rio de Janeiro em uma ocorrência que resultou na morte de uma refém, o que alcançou repercussão mundial. O episódio ficou conhecido como “linha 174”.

O PNSP foi estruturado em quinze compromissos e 124 ações, fundado nos seguintes princípios:

[...] interdisciplinaridade, pluralismo organizacional e gerencial, legalidade, descentralização, imparcialidade, transparência das ações, **participação comunitária**, profissionalismo, atendimento das peculiaridades regionais e no estrito respeito aos direitos humanos. (BRASIL, 2000, p. 4-5).

Tendo por base o PNSP (2000), o Ministério da Justiça editou as bases curriculares para a formação dos profissionais da área de segurança do cidadão. Com o objetivo de promover a unidade de pensamento, foi apresentada uma base comum de formação para os cursos inerentes ao profissional da área de segurança do cidadão, deixando uma parte diversificada a critério dos centros de ensino para atendimento das especificidades regionais.

A qualificação e a valorização do profissional de segurança pública são pilares de qualquer programa consistente de redução da criminalidade. A evolução do crime exige constante aperfeiçoamento dos equipamentos e conhecimentos policiais. Por outro lado, o policial deve ser permanentemente capacitado para servir sua comunidade. É hoje consenso em todo o mundo que a eficiência da polícia está diretamente ligada a sua proximidade da população e ao grau de confiança alcançado junto à comunidade. Será esta a ênfase dos programas de capacitação na área de segurança pública. (BRASIL, 2000, p. 5).

Depois das bases curriculares para a formação dos profissionais da área de segurança, a Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) do Ministério da Justiça, apresenta no ano de 2003 a Matriz Curricular Nacional (MCN), um instrumento que tem por objetivo divulgar e estimular ações formativas no âmbito da Segurança Pública.

Consta na versão atual da Matriz que:

[...] a SENASP, as instituições de Segurança Pública, responsáveis pelo planejamento, execução e avaliação das Ações Formativas para os Profissionais da Segurança Pública e demais instituições que colaboram nesses processos compartilham o mesmo pensamento: *o investimento e o desenvolvimento de ações formativas são necessários e fundamentais para a qualificação e o aprimoramento dos resultados das instituições que compõem o Sistema de Segurança Pública frente aos desafios e às demandas da sociedade.* (BRASIL, 2009, p.1). [Grifo do autor].

A SENASP propôs, à época, um conjunto de ações visando à qualificação dos profissionais da Segurança Pública, as quais deveriam ser operacionalizadas por meio das escolas e academias, ou seja, das instituições de ensino dos órgãos de segurança.

A Secretaria também propôs um conjunto de ideias para compor a Matriz que fosse referência nacional - favorecendo a reflexão unificada sobre as diferentes demandas - e que contribuísse para a busca de respostas a problemas identificados na formação dos profissionais, bem como à difusão de parâmetros técnicos para o fortalecimento do diálogo entre as Instituições e a transformação dos referenciais teóricos e das práticas.

Ao finalizar este capítulo, percebe-se que novos atores foram potencializados nesse processo que envolve a formação profissional dos policiais militares e dos agentes de segurança pública em geral. Quem de fato participa? O modelo de seleção e formação policial adotado pela BM em pleno século XXI é o mais adequado?

Os questionamentos suscitados ao final deste capítulo, que trouxe um pouco da história e das rotinas da BM, servem para ilustrar o panorama institucional, oportunizando ao leitor uma visão da trajetória percorrida pelos ingressantes desde o momento da inscrição até estarem pronto para a execução das atividades de polícia ostensiva. O próximo passo desta jornada teórico/empírica é orientado pelas ideias de Norbert Elias e Gregory Bateson. Tais autores não se debruçaram nos temas aqui apresentados de forma direta em suas produções teóricas, mas trataram, de forma marginal, de fundamentos e pressupostos que servirão de auxílio para as reflexões propostas nesta pesquisa. O capítulo seguinte, além dos autores anunciados, apresenta autores contemporâneos que analisam a situação atual da juventude brasileira, com seus mais diversos matizes.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta as bases argumentativas, os pressupostos e os conceitos que orientam as reflexões propostas pela pesquisa. Inicialmente com Norbert Elias, apresenta-se a categoria juventude como um sistema aberto e interdependente, logo complementado com o “olhar do pesquisador”, a partir dos pressupostos da ciência, segundo Gregory Bateson. No mesmo seguimento são apresentados os conceitos contemporâneos de juventude e trabalho e também, os dados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”.

3.1 A Coorte

O termo coorte (do latim *cohors*) tem origem militar. De acordo com a acepção etimológica, uma coorte é representada por cada uma das dez unidades de uma legião do exército romano. Esse termo é utilizado para designar um grupo de indivíduos que têm em comum um conjunto de características. As coortes são grupos de pessoas de uma dada cultura que vivenciaram os mesmos acontecimentos na época da passagem para a vida adulta. Portanto, os jovens pertencentes a uma coorte nasceram na mesma época e possuem valores, crenças e atitudes similares porque passaram pelos mesmos eventos externos na fase da vida que mais determina essas características. Nessa perspectiva, determinadas coortes dividem experiências singulares devido às influências das circunstâncias socioconjunturais sobre oportunidades de vida (MAGALHÃES, 2007, p.100; SINGER, 2005, p.27-29).

Segundo Paul Singer, (op. cit., p.27) “[...] compõem a juventude pessoas que estão na mesma faixa etária” que, neste estudo, compreende indivíduos dos 18 aos 25 anos. Isso significa que esses jovens ingressantes de 2009 e 2012 nasceram entre 1983/1991 e 1986/1994, respectivamente, o que os faz parte de uma coorte geracional de 1983 a 1994.

Depreendemos que as peculiaridades, a natureza das exigências formativas e as aprendizagens sociais de uma geração dependem das oportunidades e condições sociais e históricas em que foram socializadas, sobretudo, daquelas experiências adquiridas nos anos formativos, o que significa dizer que a história reflete em sua própria experiência, um fundo comum e experiências compartilhadas por sujeitos sociais vivos, que se convertem em uma espécie de aprendizagem coletiva e, de certa forma, uma reprodução social de fenômenos estruturais, que alcançam a “memória coletiva” e nos coloca diante de uma biografia de grupos de idade, que se torna

criadora de experiências e aprendizagens sociais que operam o presente, tornando inevitável a temporalização de suas vivências. (MAGALHÃES, 2007, p.101).

O conceito de coorte é útil para o estudo da categoria juventude, pois auxilia a compreensão quando a caracteriza como grupo de pessoas de uma mesma cultura que vivenciaram os mesmos acontecimentos na época da passagem para a fase adulta, ou seja, delimita e especifica, mas não se aplica aos jovens de maneira geral, indiscriminadamente. Essa relação é fundamental para as reflexões construídas a partir dos pressupostos de Norbert Elias.

3.2 Esboço teórico em Norbert Elias

Norbert Elias publicou, em 1939, uma de suas maiores obras, *O Processo civilizador* (1993), que trata como a formação do Estado, com suas instituições e leis, afetaram os processos de autocontrole individuais, ou seja, como a regulamentação do Estado agiu sobre os indivíduos fazendo-os internalizar as regras sociais, modificando hábitos, costumes, cultura e até mesmo a personalidade. A partir desse estudo, o autor desenvolve o pressuposto de que a formação individual de cada pessoa depende da evolução histórica do padrão social da estrutura das relações humanas. Isso quer dizer que em determinado momento histórico, por exemplo, era comum comer sem o auxílio de garfo e faca, escarrar no chão enquanto se realizavam as refeições ou fazer as necessidades fisiológicas na presença de outras pessoas – isso fazia parte do comportamento social. Na medida em que as relações entre as pessoas sofrem mudanças, em razão do autocontrole e do poder coercitivo das instituições, os comportamentos vão lentamente se sofisticando.

De forma minuciosa, o autor descreve como as sociedades ocidentais foram ficando mais centralizadas e complexas, assim como as profissões dos adultos que passaram a exigir preparação em instituições especializadas tais como escolas, institutos e universidades, aumentando o tempo de preparação para a vida adulta, o que, segundo Norbert Elias, resultaria em:

Pessoas biologicamente maduras continuam socialmente imaturas. Trata-se de rapazes e moças, adolescentes, jovens inexperientes, ou seja, lá que nome recebam - não mais crianças, mas ainda não homens e mulheres. Eles levam uma vida social distinta, tendo uma “cultura

jovem” - um mundo próprio, que diverge marcadamente do dos adultos. E, embora o prolongamento e o caráter indireto de sua preparação causados pela constante expansão do conhecimento possam facilitar sua assimilação na vida social adulta, frequentemente a tornam mais difícil em termos emocionais. (ELIAS, 1994, p. 104).

Diferente da antiga preparação para um ofício, que exigia anos de dedicação ao aprendizado de uma profissão, ou tão somente a execução sistemática de trabalho de forma precoce, a modernidade cria um espaço temporal para o desenvolvimento do ser ainda não adulto.

Norbert Elias, em *A Sociedade dos Indivíduos* (1994), obra que lhe rendeu o prêmio Europeu Amalfi em 1988, descreve que, nas relações do indivíduo em sociedade, é como se existisse uma “ordem invisível” em que as funções e os comportamentos ofertados aos indivíduos estão condicionados pelo nascimento, pelas condições de seus pais, pela escolarização que recebe e, depois, pelas condições de sustentar seus próprios projetos.

A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamentos possíveis. Por nascimento, ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais, com base nele. Até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe. (ELIAS, 1994, p. 21).

Quais elementos poderão tornar-se visíveis dessa ordem elisiana quando se propõe delinear o quadro socioeconômico e investigar as motivações que condicionaram as escolhas desses jovens? Quais os fatores que influenciaram ou motivaram a decisão de ingressar na BM? Era a oportunidade (o concurso) que se apresentava para o momento? A possibilidade de destacar-se de seus iguais? O Poder, a segurança ou somente o trabalho e a renda? Ou algo mais?

Destaca Norbert Elias, (1994, p. 28) que, nas relações entre pai, mãe, filho e irmãos em uma família, por variáveis que sejam em seus detalhes, são determinada, em sua estrutura básica, pela estrutura da sociedade em que a criança nasce e que existia antes dela. Ou seja, a criança vai falar de determinada forma, vai aprender a gostar mais de determinado tipo de alimento, brincar, divertir-se com atividades específicas do local onde cresceu, enfim,

condicionamentos específicos, singulares - e às vezes universais - que dão sentido e significado, às práticas desenvolvidas e aprendidas. A individualidade que o ser humano acaba por desenvolver não depende apenas de sua constituição natural, mas de todo o processo de individualização (op. cit., p. 28).

Na juventude, a pessoa pode e deve escolher, dentre a profusão de metas possíveis que essas sociedades lhe oferecem - primeiro através da posição de seus pais e depois através da que ela mesma atinge -, esta ou aquela meta que prometa a máxima realização de suas inclinações e aspirações pessoais. Pode almejar atividades profissionais ou de lazer que, segundo acredita, lhe deem uma oportunidade de se destacar dos outros, sustentar-se em seus próprios pés e tornar-se independente até de seus pais ou da tribo; pode buscar algo que a destaque de todos os seus parentes e amigos, que lhe permita conquistar ou transformar-se em algo especialmente excepcional, singular ou “grandioso”, na competição controlada entre os indivíduos. Pois isso é o que ocupa o mais alto lugar na escala de valores dessas sociedades e que garante ao indivíduo o respeito, o aplauso e, muitas vezes, o amor. (ELIAS, 1994, p. 119)

Optar por trabalhar na atividade policial militar seria a promessa de realização das inclinações e aspirações pessoais? Seria a possibilidade de se destacar dos parentes e amigos, de tornar-se independente, ser reconhecido e obter prestígio? Fazer esse tipo de escolha, nessa fase da vida que já é marcada pela transição, é um rito de passagem para a vida adulta? A essas especulações soma-se o fato de que “as oportunidades entre as quais a pessoa se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela.” (ELIAS, 1994, p. 48). Assim, ingresso na BM foi a possibilidade que se apresentou para o momento ou a falta de oportunidade melhor? Em 2012, o IBGE registrou o índice mais baixo de desemprego (7,2), desde a criação desse indicador, para o Estado, mesmo assim, o concurso para a carreira policial militar (soldado) obteve mais de 24 mil candidatos para 2 mil vagas.

Outra proposição de Elias (op. cit., p. 98) fala de “[...] uma trama delicadamente tecida de controles que abarca, de modo bastante uniforme, não apenas algumas, mas todas as áreas da existência humana, que é instilada nos jovens [...], através do exemplo, das palavras e atos dos adultos.” No caso do objeto desta pesquisa é significativo o fato do ingressante possuir parentes na instituição policial militar? Ou para as comunidades do interior do Estado, ser policial ainda representa uma posição que agrega valores? Nessa esteira, Elias acrescenta que “[...] o que era, a princípio, um ditame social, acaba por se tornar, principalmente por

intermédio dos pais e professores, uma segunda natureza no indivíduo, conforme suas experiências particulares” (op. cit., p. 98).

Para Elias, “[...] os indivíduos constituem processos abertos e interdependentes, ou seja, não concebe o indivíduo isolado, com capacidade de agência independente da vontade dos demais, nem completamente subordinado a uma estrutura social anterior [...]”, o que nos leva a entender que os jovens enquanto processos abertos produzem e sofrem influências do meio, das relações e das configurações nas quais estão inseridos. Pais e professores atuam como uma segunda natureza no indivíduo, produzindo condicionamentos específicos e singulares e dando sentido e significado às práticas desenvolvidas pelos jovens, como uma ordem invisível. A necessidade de se destacar caminha de mãos dadas com a necessidade de fazer parte, já sentenciava Norbert Elias, (op. cit., p. 124).

Como emerge a realidade no grupo pesquisado? Quais os caminhos percorridos por esses jovens, quais as configurações que se arranjaram? Pesquisar o perfil dos ingressantes na BM a partir da coorte juventude, pelos motivos explicitados na introdução deste trabalho e utilizando as proposições de Elias (op. cit., p. 25), auxilia a “[...] pensar na estrutura do todo para compreender a forma das partes individuais.” A proposta metodológica desta pesquisa busca, conforme os enunciados contidos nos objetivos específicos, identificar, descrever e comparar o perfil dos jovens ingressantes, estabelecendo as características que os individualizam e que, ao mesmo tempo, os identificam e como se manifestam no indivíduo que só pode ser compreendido no contexto das relações que estabelece com outros. Considerando que “os indivíduos constituem processos abertos e interdependentes” e que é este espaço, o das ideias e das motivações que levam à ação, que se investigou em busca das configurações que possibilitaram que os jovens ingressantes optassem pela atividade policial militar. Desenhado os contornos que singularizam essa coorte, realiza-se uma comparação com o “Perfil da juventude brasileira”. O que nessa lógica for pertinente à coorte juventude, o que a identifica e a singulariza, enquanto plano de reconhecimento, ponto a ponto, auxilia na tarefa de “compreender a estrutura do todo”.

A sociedade brasileira, e conseqüentemente a BM, passa por mudanças ao longo de mais de duas décadas de experiência democrática, que atravessa todas as relações, com reflexos na produção de conhecimento, gestão, formação de seus integrantes e forma de atuar junto a essa mesma sociedade. Segundo Elias (op. cit., p. 143), “[...] a velocidade com que se modificam os grupos humanos, ou seja, as relações das pessoas entre si, é comparativamente rápida.” Pode-se perceber que a sociedade mudou de forma acelerada nas últimas décadas. O padrão social da estrutura das relações humanas, no Brasil, mudou após o seu processo de

redemocratização; o comportamento das pessoas, de modo geral, mudou, não somente porque são outros tempos, mas porque a “ordem” é outra - as Instituições mudaram. Conforme Elias, “[...] a regulamentação do Estado age sobre os indivíduos fazendo-os internalizar as regras sociais, modificando hábitos, costumes, cultura e até mesmo a personalidade.” (op. cit., p. 149).

Seguindo os preceitos elisianos, pode-se pensar a mudança do perfil do soldado da BM como processo social a longo, médio ou curto prazo de tempo. Ainda que essa aproximação não seja óbvia, a obra de Elias pode ser utilizada como um referencial para o entendimento das mudanças que estão ocorrendo e poderão ocorrer na Instituição. A mudança do perfil do ingressante é relevante para a gestão do ensino e para os processos de formação dos novos policiais militares? Segundo Elias:

O que vemos à nossa frente são questões referentes ao equilíbrio entre as exigências da organização social formada pelos indivíduos e as exigências desses mesmos indivíduos enquanto indivíduos. São questões tais como determinar se e como é possível chegar a uma melhor harmonização, por exemplo, entre uma organização estatal, com seus vários órgãos e objetivos, e as necessidades das pessoas isoladas que a compõem. Também devemos acrescentar a satisfação das necessidades dos cidadãos como fim deste equilíbrio entre organização social e indivíduos. (op. cit., p. 122)

Pode-se perceber que a busca pelo equilíbrio entre os interesses da organização e do indivíduo é estratégico porque na outra ponta está a satisfação das necessidades dos cidadãos como fim último. Dessa forma, conhecer a coorte juventude que ingressa na BM passa a ser estratégico para os gestores da área de ensino.

3. 3 O olhar do pesquisador

Mais adiante, ou para ser mais preciso, no quarto capítulo, serão explicitados os caminhos percorridos no processo investigativo, ou a metodologia utilizada na pesquisa; por hora, pretende-se descrever como o pesquisador percebe seu objeto de pesquisa, sua base epistemológica. Para tanto, inicialmente, utiliza-se da proposição formulada por Gregory Bateson acerca da ciência e de como se conhece qualquer coisa:

A ciência, como a arte, a religião, o comércio, a guerra e mesmo o sono, é baseada em *pressuposições*. Ela difere, entretanto, da maioria dos outros ramos da atividade humana no sentido de que não só os caminhos do pensamento científico são determinados pelas pressuposições dos cientistas, como também suas metas são a verificação e a revisão dos antigos pressupostos e a criação de novos. (BATESON, 1986, p. 31).

Bateson (op. cit., p. 33) destaca que é necessário que o cientista conheça conscientemente e seja capaz de criar seus próprios pressupostos, assim como as limitações da própria ciência que aperfeiçoa ou refuta hipóteses. Sugere que a verdade significaria uma correspondência precisa entre a descrição e o que se descreve, ou entre a malha de abstrações de deduções e um total entendimento do mundo exterior.

Os processos de percepção são inacessíveis; somente os produtos são conscientes e, naturalmente, são os produtos que são necessários. Os dois fatos genéricos - primeiro, que estou inconsciente do processo de formação das imagens que vejo conscientemente e, segundo, que *nesses processos inconscientes utilizo uma ampla gama de pressuposições que se tornam construídas na imagem acabada* - são para mim, o começo da epistemologia empírica (op. cit., p. 38).

Assevera Bateson (op. cit., p. 33) que não se pode obter a verdade nesse sentido, porque a descrição será em palavras, desenhos ou pinturas, e o que se vai descrever será em carne e osso e ação, nunca será possível reivindicar conhecimento, seja lá do que for. Para demonstrar, o autor utiliza como exemplo a regra da parcimônia ou a preferência pela suposição mais simples que encaixe nos fatos; enquanto que o fato seguinte nunca é disponível. Tudo que se tem é a esperança na simplicidade e o fato seguinte poderá sempre ser mais complexo. Conforme Baptista:

Quando abordamos sistemas sociais, a complexidade desses fenômenos deve ser reconhecida, seja no sentido da cautela com relação às determinações causais, seja no que se refere à identificação de um conjunto de variáveis que são de impossível mapeamento na sua totalidade. (BAPTISTA, 2008, p.75).

Baptista também registra que os fenômenos que envolvem os seres vivos não são monocausais, são sempre ocorrências de causas múltiplas, de difícil apreensão e, por isso, complexos.

A validação das experiências subjetivas se fará, criando-se espaços consensuais, nos quais a ciência possa se desenvolver [...]. Fica claro, então, que esse jamais será um espaço da verdade, mas um espaço de consenso, de acoplamento entre observadores. (VASCONCELLOS, 2009, p. 140).

Vasconcellos complementa explicando a existência de diversos domínios de experiências que são formados a partir de consensos estabelecidos, sendo cada um definido pelo operar de seus observadores. A ciência constitui um desses domínios e possui critérios de validação, estabelecendo um espaço consensual de realidade científica, ou seja, “[...] o que é necessário não é a objetividade, mas uma comunidade de observadores, cujas declarações respeitem as condições por eles mesmos especificadas.” (BATESON, 1986, p. 33). Dessa forma, conclui o autor que se muda o foco da busca de uma verdade “[...] pelo reconhecimento de *múltiplas verdades*, de diferentes *narrativas*, não mais sobre ‘a realidade tal como existe’, mas sobre a experiência.” (VASCONCELLOS, 2009, p. 41).

Quando se desenha os métodos para a investigação do perfil dos jovens ingressantes na BM, centrado nas categorias: trabalho, estudo, motivações da escolha da atividade PM, transição para a vida adulta e nas variáveis socioeconômicas, procura-se evidenciar as características, as relações e as estruturas para a ação. Os dados são de tipos lógicos diferentes: os coletados a partir dos questionários referem-se à classe, são dados estatísticos probabilísticos; os dados coletados a partir das entrevistas e dos grupos focais são categorias baseadas nas “relações de relações” e, ainda, existe a “relação - observador e objeto”. A solução metodológica fica por conta da complementariedade das informações de tipos lógicos diferentes.

O olhar do pesquisador, tendo como base os autores referidos, sustenta os pressupostos baseados na instabilidade, complexidade e intersubjetividade, diferente da concepção clássica que se sustenta na objetividade, simplicidade e estabilidade do objeto investigado.

3.4 O processo estocástico¹²

Norbert Elias (1994, p.23), fala de “uma ordem invisível”, em que as funções e os comportamentos ofertados aos indivíduos estão condicionados pelo nascimento, pelas condições de seus pais, pela escolarização que recebe e, depois, pelas condições de sustentar seus próprios projetos. Ou seja, os indivíduos são processos abertos e interdependentes, “não concebe o indivíduo isolado, com capacidade de agência independente da vontade dos demais, nem completamente subordinado a uma estrutura social anterior” (op. cit., p. 34).

Utilizando o processo estocástico descrito por Bateson (1986, p. 232), a relação que se estabelece faz com que as oportunidades disponíveis aos jovens funcionem como “o fluxo de eventos que é aleatório”. O processo seletivo requer acesso ao aleatório e um comparador integrado, que no pensamento é denominado “preferência” ou “reforço” e que, nesta pesquisa, é tratado como motivação.

Norbert Elias (op. cit., p. 48) desenvolve a ideia de que o indivíduo só pode ser compreendido no contexto das relações que estabelece com os outros e que as oportunidades são prescritas e limitadas pela estrutura da sociedade. A preferência ou motivação do indivíduo, ou seja, o comparador integrado vai agir fazendo a escolha naquele fluxo de eventos aleatórios, porém, limitado. Estando correto esse pensamento, podem-se relacionar variáveis que aumentariam as motivações para a escolha da atividade PM, como no caso dos ingressantes que possuem parente militar ou que tiveram experiência no serviço militar obrigatório. Quais as variáveis do fluxo de eventos aleatórios que teriam maior poder interveniente para o indivíduo fazer a escolha em um universo de oportunidades prescritas e limitadas? Educação, estabilidade, carreira, prestígio, autonomia, moradia. Porém, tem-se o pressuposto da instabilidade ou imprevisibilidade a ser considerado. Segundo Vasconcellos (2009, p. 132), depois que o físico Heisenberg mostrou ser impossível a observação objetiva das partículas atômicas, uma vez que o próprio ato de observação interferia e alterava o objeto, em vez de captá-lo “tal como ele é na realidade”, deixou de ser exclusividade das ciências naturais ou humanas lidar com as limitações da ciência. Nessa perspectiva, procura-se desenhar o perfil dos jovens ingressantes na BM, com contornos leves e traços com

¹² Estocástico (em grego, *stochazein*, atirar em um alvo com um arco); quer dizer distribuir eventos de uma maneira parcialmente aleatória, alguns dos quais alcançam um resultado determinado. Se uma sequência de eventos combina um elemento aleatório com um processo seletivo de forma que só seja permitida a permanência de determinados resultados do aleatório, essa sequência é considerada *estocástica*. (BATESON, 1986, p. 232).

algumas sombras, nada definitivo, uma possibilidade de descrição, uma aproximação da realidade ou da experiência do ser jovem policial no Estado do Rio Grande do Sul.

São olhares diferentes aqueles de um observador que descreve a realidade pensando que não interfere na mesma, incapaz de reconhecer que cada observador que age em um sistema faz parte desse sistema com o qual interage, e aquele que aprende e reconhece que, como pessoa ou sistema que observa, enquanto descreve um mundo está descrevendo a si mesmo que descreve o mundo (PERTICARI *apud* BAPTISTA, 2008, p. 81).

Conforme Bateson, a “[...] epistemologia é, entretanto, sempre e inevitavelmente pessoal.” (1993, p. 96). Como não considerar a interferência do pesquisador na descrição do objeto observado, quando todo o processo de pesquisa - a escolha do problema a ser investigado, os instrumentos, o campo, a forma de coletar os dados, a análise e reflexões - é permeado pelos pressupostos deste mesmo pesquisador? A busca do rigor metodológico, aliada à atenção aos pressupostos que dão forma à realidade criativa do pesquisador, ajuda a reduzir as distorções na descrição do objeto observado. Bateson (1993) assevera que não é trivial observar que poucas pessoas, pelo menos na cultura ocidental, duvidem da objetividade de suas imagens visuais no mundo externo. O relacionamento é sempre um produto de dupla descrição.

As próximas seções complementam o referencial teórico, discorrendo sobre os conceitos de juventude e o papel que o trabalho representa nessa fase do desenvolvimento do jovem em transição para o mundo adulto.

3.5 Juventude

O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos. Um homem de 25 anos já portava o bigode, a roupa escura e o guarda-chuva necessário para identificá-lo entre os homens de 50, e não entre os rapazes de 18 anos. O prestígio da juventude é recente. Quem não se considera jovem hoje em dia? A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil de consumidor, uma fatia do mercado em que todos querem se incluir (KEHL, 2003, p. 89).

É preciso considerar que as mutações profundas no ciclo de vida como um todo alteram a especificidade da experiência juvenil, que constitui, sem dúvida, uma condição atual diversa daquela experimentada pelos jovens há 50 anos (SPOSITO, 2004, p. 92).

Os jovens brasileiros, nascidos a partir do final da década de 1970, encontraram o mundo mudado. Eles fazem parte de uma geração pós-industrial, pós-Guerra Fria e pós-descoberta da ecologia. Vivem as tensões e os mistérios do emprego, da violência urbana e do avanço tecnológico (NOVAES, 2004, p. 264).

Atualmente, com base nos resultados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, afirma Calazans (2004, p. 218) que “[...] os interesses e as preocupações dos jovens voltam-se predominantemente às temáticas do emprego e do mercado de trabalho, educação, segurança, violência e cultura”.

O contexto do qual emerge a categoria populacional relevante para este estudo e a complexidade que envolve o termo juventude, são os aspectos abordados nesta seção.

As indagações trazidas para esta pesquisa decorrem da observação realizada pelo pesquisador acerca do processo de juvenilização do efetivo ativo da BM. Tal processo é o resultado do grande número de aposentadorias e do necessário recompletamento dos cargos. Nesse contexto, a Instituição começa a contar com um contingente expressivo de jovens soldados policiais militares com idade entre 18 e 24 anos.

Inúmeros estudos tratam da juventude, propondo conceitos e sua caracterização. A Assembleia Geral das Nações Unidas define “jovem” como sendo o grupo de pessoas com idade entre 15 e 24 anos. Essa definição data de 1985, ano internacional da juventude (UNESCO, 2004, p. 25).

Destaca-se o conceito de “juventude” proposto pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que se refere ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e durante o qual se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e gênero (UNESCO, 2004).

Para entender o fenômeno estudado, sugere-se que os jovens se diferenciam dos demais segmentos da população, porque é nesse período da vida que são feitas as opções que definirão a história de cada um. A transitoriedade dessa fase é complexa em si mesma. O excerto abaixo, extraído da obra Políticas Públicas de/para/com Juventudes, da UNESCO (op. cit.), traduz a importância do ser jovem:

Todas as etapas da vida de uma pessoa são transitórias: o adulto encontra-se em transição entre juventude e a terceira idade, no caso dos jovens, essa transitoriedade é muito particular, uma vez que ela determina boa parte das opções fundamentais da vida, que logo só poderão ser parcialmente aprofundadas, sem nunca voltar a ter a **radicalidade que tiveram na fase da juventude**. Esses jovens vão ter que escolher sua área de especialização, seu futuro trabalho e que tipo de família ou grupo de referência que irão constituir, além de suas identidades sociais, sexuais e culturais. (UNESCO, 2004, p. 200). [Grifo nosso].

Para o aprofundamento das reflexões propostas, apresenta-se como condição *sine qua non* investigar as mudanças do perfil dos ingressantes para conhecer e descrever essa coorte da juventude, balizada nas constatações produzidas por autores contemporâneos como Abramo (2005), Abramovay (2002), Branco (2005), Frigotto (2004) e Pochmann (2004).

Trata-se de tentar enxergá-los em sua singularidade histórica e geracional, e não em comparação a um modelo preestabelecido em outros contextos. Dessa forma, podemos não só avançar no conhecimento de sua condição, como também, ao ouvi-los focar a realidade a partir de seu olhar e enriquecer nossa compreensão sobre o momento que a sociedade brasileira atravessa. (CALAZANS, 2004, p. 217).

Toda experiência geracional é inédita. Apreender sua singularidade demanda a explicitação dos termos de comparação (NOVAES, 2005, p. 264). Na seção anterior, o termo coorte foi utilizado para designar um grupo de indivíduos de uma mesma cultura e de uma mesma faixa etária que vivenciaram, nessa fase da vida, os mesmos eventos externos, os quais formarão as categorias de análise para o estudo proposto.

Após realizar a primeira delimitação do objeto de estudo a partir da coorte geracional, parte-se para o segundo passo que é explicitar, de forma mais ampla, os sentidos que o termo juventude assume.

A noção de condição juvenil remete, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação (transição, diz a noção clássica entre infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões de produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade). (ABRAMO, 2005, p. 40-41).

Nesse sentido, Dal Molin (2011, p. 140) destaca que “[...] o conceito de juventude envolve fatores relacionados com o ciclo natural da vida, com o surgimento de uma categoria social e econômica e com a abstração de uma qualidade referente ao ‘novo’”.

O autor consolida a compreensão da heterogeneidade da juventude da seguinte forma:

A maioria dos autores concorda, e as pesquisas mostram que a juventude não é uma categoria homogênea, e o próprio critério difuso para defini-la em termos de amostragem populacional é um exemplo disso. Existem diferentes categorias juvenis, referentes ao ambiente socioeconômico e cultural onde esse jovem está inserido, e estamos falando aqui de acesso qualitativo e quantitativo aos serviços essenciais e à renda, aos diferentes grupos étnicos, às diversas configurações do espaço onde o jovem habita, enfim, a uma multiplicidade de fatores que tornam a categoria jovem um objeto complexo e multifacetado de análise. (DAL MOLIN, 2011, p. 140).

Também é oportuno o pensamento de múltiplas juventudes defendido por vários autores. Neste trecho, Finocchio destaca:

A classificação em idades como parte do arbitrário cultural de cada contexto – delimita a juventude como um período da vida de limites variáveis, com diferentes maneiras de ser e de experimentar “a juventude” de acordo com épocas e condições sociais e culturais. Por isso, para a sociologia, a antropologia ou a história, não é possível pensar em uma, mas em múltiplas e diversas juventudes. (FINOCCHIO, 2007, p. 11).

A concepção de diversas juventudes também é descrita por Faleiros em seu estudo sobre a relação de trabalho e escola, que a maioria dos jovens é submetida no País: “A desigualdade social que se expressa, não somente pela desigualdade de renda, como também pela desigualdade de raça, gênero e território, faz com que existam no Brasil várias juventudes [...]” (FALEIROS, 2008, p. 66).

É um lugar comum nos estudos sobre juventude dizer que este termo não designa um grupo homogêneo, mas que trata de uma noção que delimita uma categoria com base em um corte etário, arbitrário em mais de um sentido, mas a partir do qual se atribui a seus integrantes traços comuns baseados em diversos atributos: biológicos uns e simbólicos outros, ligados aos que cada época e sociedade consideram próprios dessa etapa da vida. (FINOCCHIO, 2007, p. 11).

O destaque desses autores e também de Abramo (2005, p. 44) é o de que precisamos falar de juventudes, no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam essa condição. Essa mudança revela uma transformação importante na própria noção social: a juventude passa a ser reconhecida como condição válida, para todos, ainda que apoiada sobre situações e significações diferentes.

A juventude como um período de transição, de preparação para a vida adulta, mas também como um período de significação própria, onde a vivência, nesse momento especial da vida, adquire significado em si mesma (ABRAMO, 2005, p. 43). Faz-se necessário, além das características que identificam a juventude, apontar onde ocorrem as diferenças nessa categoria tão singular. Quando se define juventudes no plural a intenção é destacar que existem diferentes maneiras de ser e de experimentar a juventude, em razão da desigualdade de renda, raça, gênero, território, condições sociais e culturais que, segundo Brenner (2005, p. 176), “[...] incidem sobre as possibilidades de acesso, experimentação, consumo e criação dos mundos da cultura, do lazer e do tempo livre”.

Quanto aos conceitos de juventude apresentados, todos apontam um rol de características comuns para identificar ou diferenciar a categoria. Porém, não se busca uma visão fragmentada por “tipos de jovens”, mas ressalta-se que há elementos comuns a todos. Conforme Lassance, que analisou os dados do perfil socioeconômico sobre a juventude a partir de medidas estatísticas de dispersão:

[...] o jovem é uma categoria eminentemente nacional. Seus contrastes regionais são extremamente tênues. As dinâmicas demográficas e alguns aspectos socioeconômicos centrais demonstram grande proximidade e sugerem uma identidade de problemas e contingências em torno de um jovem que é brasileiro, antes de ser nordestino, nortista, sulista. Enfim, tudo indica que se trata de um personagem eminentemente nacional. (LASSANCE, 2005, p. 79).

É preciso considerar que a mudança do contexto altera a especificidade da experiência juvenil e que a condição atual é diversa daquela experimentada pelos jovens da década de 1970 e 1980. Eles fazem parte de uma geração pós-industrial, pós-Guerra Fria, pós-descoberta da ecologia, pós-constituente e diretas-já, *impeachment*, inflação, troca da moeda e estabilização econômica. O momento do país é outro; os jovens vivem as tensões e os mistérios do emprego, da violência urbana e do avanço tecnológico e “[...] os interesses e as preocupações desses jovens voltam-se predominantemente às temáticas do emprego e do

mercado de trabalho, educação, segurança, violência e cultura.” (CALAZANS, 2005, p. 218; NOVAES, 2005, p. 264).

Nesse viés, e segundo Abramo em uma sociedade que vive profundamente os problemas da exclusão, com uma estrutura socioeconômica em que “[...] não cabem todos”, a demanda principal da juventude é de inserção. “A inclusão ainda é processada fundamentalmente pela possibilidade de exercer trabalho remunerado, e a sua escassez e fragilidade acentuam o seu peso e importância” (ABRAMO, 2005, p. 70).

Na próxima sessão, discorre-se sobre o tema trabalho, suas múltiplas relações e significados para essa coorte de jovens.

3.6 Trabalho

Quando se impõe a questão sobre a principal demanda da juventude, segundo os autores Pochmann e Frigotto (2004), Abramo e Guimarães (2005), surge a inserção social por meio do trabalho, motivo pelo qual se questiona se os jovens, de fato, procuram a BM somente atrás de um emprego.

Para responder tal questão, investiga-se sobre o trabalho e suas relações e significações, para essa coorte da juventude, considerando o destaque de Guimarães (2005, p. 157), para quem “[...] o trabalho pode ser dotado de múltiplos significados, impossibilitando que se lhe assinie um único sentido, de modo unívoco.” Também é importante considerar que a possibilidade de exercer uma atividade de trabalho socialmente reconhecida é condição, inclusive, para ser feliz.

Parte-se, então, da análise de Frigotto sobre o trabalho e a sua complexidade. O autor alerta para a abrangência desse tema na medida em que aponta que ocorrem simplificações quando o assunto relaciona-se a emprego:

Não menos controverso e complexo é o tema do trabalho e do emprego, em torno do qual há simplificações e mistificações de toda ordem. A mais elementar é reduzir o trabalho, de atividade humana vital - forma de o ser humano criar e recriar seus meios de vida - a emprego, forma específica que assume predominantemente o trabalho sob o capitalismo: compra e venda da mão de força de trabalho. (FRIGOTTO, 2004, p. 181).

Antes de apresentar as implicações do trabalho ou da falta de emprego para a coorte estudada, se faz importante observar outras significações do termo, conforme Pochmann, (2004, p. 226) que identifica o trabalho como “[...] situação de esforço, dor (*labor*) e obra (*opus*), ambos contrários ao ócio, até a condição essencial da própria vida, como bom trabalho, que liberta das necessidades limitadas à sobrevivência e oportuniza participação e inclusão social”. Nesse sentido, ilustra-se sobre o tema trabalho por intermédio de uma pequena digressão através da história, apresentando o longo caminho percorrido para que se pudesse discutir a relação da juventude com o trabalho, como algo positivo, necessário e mesmo fundamental para a construção de subjetividades.

Conforme Pochmann (op. cit., p. 218), na transição das sociedades agrárias para as sociedades urbanas e industriais, a partir da proibição do trabalho para a faixa de até 15 anos, tornou-se possível envolver, sobretudo, os filhos das classes trabalhadoras com a educação, postergando o ingresso no mercado de trabalho.

Nas antigas sociedades agrárias, por exemplo, a criança de 5 e 6 anos já estava envolvida precocemente nas lidas domésticas e agropastoris, permanecendo comprometida com o trabalho voltado para o financiamento da sobrevivência até a proximidade da morte. Nessas condições, a fase juvenil estava espremida pelo compromisso com o trabalho, praticamente associado à decisão privada, sem interferência pública. (POCHMANN, 2004, p. 217).

Segundo o mesmo autor (op. cit., p. 228), o trabalho exigia o cumprimento de jornada diária de 16 a 18 horas, sem descanso semanal, e só foram alcançadas condições mais civilizadas a partir da regulação do mercado, depois de muitas lutas sociais e políticas. Por sua vez, as classes populares ingressavam no mundo do trabalho de forma precoce, em uma época em que a expectativa de vida ficava na faixa de um pouco mais de 30 anos.

A situação da juventude em relação a trabalho e emprego, em nosso país, é mais grave do que para os adultos; o ingresso no mercado de trabalho após concluir o ensino universitário ainda é exceção, porque esse ensino ainda é privilégio de uma minoria, e, o ingresso precoce no mundo de trabalho é um problema que atinge uma parcela expressiva da população mais vulnerável do país. A taxa de desemprego para os jovens é três vezes maior do que para os adultos com idade acima de 24 anos.

Segundo Branco (2005, p.132-134) seria necessário que a economia brasileira apresentasse taxas de crescimento muito superior ao desempenho dos últimos anos, para a criação de empregos suficientes para incluir os novos ingressantes no mercado de trabalho.

Enquanto as medidas estratégicas para uma mudança estrutural estão sendo planejadas pelos governantes, a juventude brasileira lida com a insegurança diante do futuro, com a dificuldade de encontrar trabalho e de manter-se com baixos rendimentos.

Conforme explicitado pelos autores que subsidiaram esta pesquisa, a dificuldade de encontrar trabalho e de manter-se com baixos rendimentos não se reduz à dinâmica de uma trajetória individual, mas se vincula à dinâmica social, pois as possibilidades e oportunidades não estão abertas igualmente a todos. Assim, existe uma distância entre o que os jovens almejam para si e o que realmente conseguem alcançar. As trajetórias individuais são múltiplas e diversificadas e, ao mesmo tempo, se enquadram em um padrão pelas situações condicionantes. Além da desigualdade de capital e renda, as condições de etnia, cor, gênero e território fazem parte desse contexto, em que as juventudes têm que se colocar diante de questões complexas: trabalhar ou estudar, trabalhar e estudar, morar na casa dos pais ou ter a sua própria casa, morar junto com alguém ou morar só, estar empregado neste ou naquele emprego, migrar ou ficar no território conhecido e definir sua vida profissional dentre as possibilidades que se apresentam.

Guimarães (2005), quando analisa os resultados da pesquisa empírica “Perfil da juventude brasileira”, relacionados com o significado do trabalho nas representações dos jovens, supõe que, em razão das mudanças conjunturais, haveria uma decrescente importância do trabalho:

[...] significativas mudanças nos ambientes produtivos e dos efeitos sociais de seletividade, precariedade e exclusão, e que a consequência esperada dessas mudanças seria a decrescente importância do trabalho, não apenas como provedor de oportunidades duradouras de sobrevivência, mas como espaço de sociabilidade, significação subjetiva e construção identitária. (GUIMARÃES, 2005, p. 50).

Contudo, não foi o que a pesquisa apresentou; pelo contrário, “[...] mesmo quando demandados a indicar não apenas o primeiro assunto de interesse, mas o segundo e o terceiro, a apuração novamente aponta que o trabalho continua a mostrar igual importância.” (op. cit., 2005, p.160).

A autora (op. cit., p. 165) faz sua análise a partir do resultado da pesquisa, quando os respondentes associaram uma de cinco palavras à ideia de trabalho: *necessidade*, *independência*, *crescimento*, *autorrealização* e *exploração*. Para a parcela mais vulnerável dos jovens brasileiros, com menor escolaridade (até a 4ª série do ensino fundamental), menor

renda e maior idade entre 21 e 24 anos, a palavra *necessidade* foi associada com 64% das respostas múltiplas.

Nesse sentido, aparece como faceta problemática do trabalho o “[...] desemprego, ou a falta de emprego, como fator de risco, desestabilizador das formas de inserção social e padrão de vida [...]” (GUIMARÃES, 2005, p. 159). Nesse caso, sentida praticamente em igual medida por todos os jovens, independente de sua condição em face do mercado de trabalho.

O desemprego é o problema mais agudamente manifesto como aquele que está a afligir especialmente os jovens entre 18 e 20 anos, com mais baixa escolaridade e menor rendimento; essa confluência de traços alia as piores condições de competição no mercado, num segmento etário em que é mais sentida a pressão que decorre do estatuto (e as necessidades) de novo demandante em busca de inserção. (op. cit., p. 161).

A autora (op. cit., p. 159) resume sua análise destacando que o trabalho aparece entre os assuntos que mais mobilizam o interesse dos jovens; no interior desse amplo tema, a referência precípua diz respeito ao tema do emprego. E o trabalho é o único que, sendo um assunto de interesse, é também um problema destacável (26% dos jovens o têm como o principal problema).

O trabalho tem com a juventude uma significação intensa, como é próprio desse momento da vida. Pode significar tanto a autonomia necessária para o desenvolvimento dos projetos pessoais como o meio de sobrevivência. Pode significar tanto o início da realização pessoal como o fim do sonho de cursar uma faculdade. Enfim, o trabalho ou a falta de trabalho remunerado, o bom emprego, o subemprego, está para os jovens não como uma grande decisão, mas sim, como a oportunidade que pode fazer toda a diferença para a história de suas vidas.

É desse prisma que o processo investigatório desta pesquisa se desenvolve, procurando reconhecer nessa coorte - sob o viés do trabalho - o que a identifica e, ao mesmo tempo, a individualiza como categoria de análise, ou seja, o que pesou para esses jovens na hora de escolher a atividade policial militar como opção de trabalho e renda.

Aqui se faz necessário enfatizar que a desigualdade de oportunidades não oferece as mesmas chances aos jovens, ou seja, dois terços da juventude gaúcha, pelos critérios exigidos para o ingresso na BM, não têm a possibilidade de disputar uma vaga para o concurso, no qual a desigualdade de capitais condiciona as possibilidades e oportunidades que não estão abertas igualmente a todos.

Após apresentar, na seção anterior, a transformação da noção de juventude e a representação do tema trabalho, na seção seguinte será apresentado o “Perfil dos jovens brasileiros” a partir de categorias trabalho e estudo, tempo livre e lazer e as situações clássicas de transição para a vida adulta.

3.7 Perfil dos jovens brasileiros

A pesquisa “Perfil da juventude brasileira” foi realizada em 2003 e faz parte do Projeto Juventude do Instituto Cidadania. Com uma amostra representativa de 3.501 jovens com idades entre 15 e 24 anos, distribuídos em 198 municípios, (pequenos, médios e grandes), urbanos e rurais, contemplou diversas variáveis em mais de dez temas. O resultado dessa pesquisa possibilita comparar os traços da juventude brasileira com o perfil dos jovens ingressantes na BM.

Os pesquisadores, quando produziram as reflexões a partir dos dados coletados, “[...] puderam descobrir novos aspectos, confirmações ou negações, a respeito da realidade dos jovens brasileiros.” (ABRAMO, 2005, p. 13). Um dos produtos dessa pesquisa foi o livro “Retratos da juventude brasileira”, do qual foi selecionado - para estudo neste capítulo - o artigo “Condição juvenil no Brasil contemporâneo” (ABRAMO, 2005, p. 37-72). Tal artigo contempla os processos considerados constitutivos da condição juvenil, as atividades nas quais suas vidas estão centradas (a família, a escola, o trabalho e o lazer) e os elementos que definem a transição para a vida adulta (relação de independência da família de origem, situação matrimonial, condição de maternidade/paternidade).

Importa registrar que as categorias selecionadas para este estudo como definidoras para a transição para a vida adulta, são aqueles consensos dos pesquisadores em relação ao tema. Contudo, não carregam em si características suficientes para determinar, isoladamente, que uma pessoa permaneça na condição de não adulto por não ter vivenciado o processo descrito como de transição para a vida adulta. Sposito, evidencia “a necessidade de se buscar outros elementos definidores da condição adulta na sociedade, para além da independência financeira, sob pena de negar a condição de autonomia para enormes segmentos excluídos da possibilidade de trabalho” (op. cit., p. 89).

O grupo de idade selecionado na pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, de 15 a 24 anos, segundo Abramo (op. cit., p. 45), “[...] é o que vem se tornando convenção, no Brasil,

para a abordagem demográfica sobre juventude, mas é nas últimas faixas etárias, 21 a 24 anos, que de modo geral, ocorre o processo relacionado à transição para a vida adulta.”.

Diversas instituições de pesquisa como o IBGE, o IPEA e a UNESCO têm usado esse recorte etário, porém, Abramo alerta para “[...] a necessidade de sempre relativizar tais marcos, uma vez que as histórias pessoais, condicionadas pelas diferenças e desigualdades sociais de muitas ordens, produzem trajetórias diversas para os indivíduos concretos.” (op. cit., p. 46).

Os dados a seguir colecionados serviram de parâmetro para os dados coletados na pesquisa empírica e para as reflexões propostas. Apresentam-se, então, os processos clássicos definidos como de transição para a vida adulta, utilizados por Abramo (op. cit., p. 44).

3.7.1 Independência da família de origem e situação matrimonial

A grande maioria dos jovens brasileiros (78%) é solteira e a proporção de casados cai quanto maior é o nível de escolaridade e a renda da família: enquanto apenas 10% dos jovens com ensino superior são casados, 43% dos que estudaram apenas até a 4ª série do ensino fundamental já compõem uma nova unidade familiar (ABRAMO, 2005, p. 46). Poucos jovens solteiros são independentes: 3% se declaram chefes de família.

Segundo Abramo, (op. cit., p. 47) “[...] estes dados estão em consonância com tendências reveladas por estudos atuais (SPOSITO, 2003; CAMARANO, 2004), que indicam que, cada vez mais, jovens vivenciam certos elementos de transição para a vida adulta sem realizar a independência da família de origem”.

Confirmando tendências de prolongamento da relação de dependência da estrutura dos pais, a pesquisa demonstra que poucos jovens que ainda moram com os pais têm perspectiva ou mesmo desejo de sair da casa paterna. Prováveis explicações seriam as dificuldades financeiras para montar nova unidade doméstica que, talvez, seja a razão pela qual o desejo de sair da casa dos pais cresce conforme aumentam a escolaridade e a renda. Pela mesma razão pode-se explicar o desejo de prolongar a condição juvenil, uma vez que tal condição pode ser vivida com maiores dimensões de realização ainda na condição de dependência financeira dos pais, adiando a transição de modo que nem se configure como plano (Abramo, 2005, p. 60).

Neste sentido, podemos dizer que a “moratória” juvenil hoje tem menos o sentido de “suspensão” e “espera” para poder realizar melhor as coisas no futuro, quando forem adultos; e mais a noção de uma possibilidade de vivência e experimentação diferenciada (uma vivência em todas as esferas do mundo adulto, mas de maneira singular, não igual ao dos adultos): sexualidade, estudo, trabalho,

diversão, mas com menos compromissos e encargos do que quando se casa e tem filhos, com vínculos menos definitivos (como namorar sem compromissos), com mais alegria e liberdade, em função do maior vigor e disponibilidade para a experimentação e menor número de constrangimentos. (ABRAMO, 2005, p. 69).

A autora especula (op. cit., p. 60) que pode ser um novo modelo cultural de transição para a vida adulta, em que (por razões econômicas) o fim da juventude não implica independência financeira dos pais. Nesse mesmo sentido, Sposito (2005, p. 89) comenta que “[...] o desemprego é uma categoria de natureza estrutural e permanente para grandes contingentes populacionais, a autonomia do adulto via independência financeira pode não se realizar.” Ou seja, os jovens que fazem parte da população de desempregados, que não alcançaram a autonomia financeira nunca serão adultos?

3.7.2 Filhos

Abramo (2005, p. 47-49) destaca que é considerado um traço da moderna condição juvenil a possibilidade da vivência de uma sexualidade ativa, dissociada da função reprodutiva, bem mais tolerada que em décadas recentes. Contudo, a condição de maternidade/paternidade que, acompanha a tendência verificada na situação matrimonial apresenta forte variação quanto à escolaridade e à renda familiar, sobretudo escolaridade: a porcentagem de jovens com filhos vai acima de 30% entre os jovens com menor grau de escolaridade (até o ensino fundamental), mas cai para 9% entre os jovens com nível superior de ensino.

Os dados apontam para uma diferença relacionada à renda familiar e à escolaridade: quanto menor o nível desses dois fatores, maior a porcentagem de jovens que estabelecem independência em relação à família de origem, casam e têm filhos. Casar e ter filhos, entre os jovens das classes de renda mais baixa, não pode ser traduzido como padrão distinto de duração da vivência juvenil, pois mesmo nas faixas de renda mais baixa a maioria dos jovens ainda é solteira, sem filhos e, dependentes da família de origem.

Ficou presente na análise feita por Abramo (op. cit., p. 49) que dos processos citados como forma de transição para a vida adulta fazem parte de uma parcela de 20% de jovens brasileiros e não coincidentes entre si. A mesma autora alerta para que os processos sigam uma linearidade e que nenhum deva ser tomado isoladamente como marco definitivo para a transição, pois não é possível afirmar que quem teve filho deixou de ser jovem.

3.7.3 Educação e trabalho

As relações entre educação e trabalho são variadas e complexas, e não se esgotam na oposição entre os termos. A porcentagem de jovens estudantes é maior entre aqueles que ainda não fazem parte da População Economicamente Ativa (PEA) do que entre aqueles que estão trabalhando (84 e 58%, respectivamente). Todavia, vale notar que mais da metade dos jovens que estão trabalhando ou procurando trabalho estuda (57 e 73%, respectivamente). Porém, deve-se destacar que somente 43% dos respondentes, na faixa entre os 21 e os 24 anos, encontravam-se na condição de estudante (ABRAMO, 2005, p. 50).

Importante registro faz a autora em relação ao fato de que não há grande variação na porcentagem de jovens que estão na PEA por faixa de renda familiar ou escolaridade. Porém, Abramo destaca que, em relação ao nível de escolaridade, a concentração está nos extremos:

A porcentagem gira em torno de 80% em todas as faixas de renda, com um pequeno decréscimo nos extremos: 73% entre os mais pobres e 72% entre os mais ricos. Já com relação ao nível de escolaridade, é o contrário: nos extremos estão os maiores índices de jovens na PEA: 84% entre os jovens com até a 4ª série do ensino fundamental, 82% entre os jovens com ensino superior. A grande diferença, na análise dessas duas variáveis, não parece estar na *disposição a integrar* o mercado de trabalho, mas na *possibilidade de encontrar* trabalho: o índice de desemprego é que aumenta na proporção inversa à renda (cai de 47% nas duas primeiras faixas de renda para 27% na última). O mesmo em relação à escolaridade: somente entre os jovens com ensino superior é que a proporção de jovens trabalhando supera (quase dobra) a de desempregado ou procurando emprego: 54% trabalhando, 22% desempregados e mais 6% procurando o primeiro emprego. (op. cit., p. 52).

Entre os jovens na faixa dos 21 aos 24 anos, “[...] é o trabalho que ocupa a maior parcela (mais de 92%, se somados os que estão trabalhando com os que estão em busca de trabalho), enquanto o estudo é usufruído por menos da metade do grupo etário 43%.” (ABRAMO, 2005, p. 51).

Segundo a autora, (op. cit., p. 50) a possibilidade de estudar varia com a renda familiar, mas só se torna significativa na última faixa de renda (mais de dez salários mínimos). A porcentagem de jovens estudando quase não varia nas três primeiras faixas de até cinco salários mínimos mensais por família, ficando em torno de 60%; na quinta faixa, de mais de dez salários mínimos, sobe para 82%.

Quase universal é a preocupação com o desemprego, altíssima, para todos os grupos pesquisados. Três em quatro jovens se dizem *muito preocupados* com o desemprego, e mais de um quinto se diz *um pouco preocupado*. Ou seja, se a necessidade e o tipo de trabalho variam de acordo com a situação social, o medo da sua falta atinge todos os setores. Pode-se dizer mesmo que aparece com uma forte marca geracional. (ABRAMO, 2005, p. 50).

Os dados da pesquisa não permitem responder com precisão o que leva os jovens ao trabalho, mas levanta questões. As situações são tão diversas e desiguais quanto à estrutura econômica e social do país, mas, conforme a pesquisadora, “[...] não parece seguro afirmar que é apenas a necessidade extrema de garantir a sobrevivência da família, poucos são os que dão todo o seu salário para a família (6%). A maior parcela contribui, mas retém parte do que ganha para uso pessoal.” (op. cit., p. 53).

Outra questão da pesquisa, que investiga os sentimentos em relação ao trabalho, apresenta: “Para 39% dos jovens, a palavra que mais se aproxima do que pensam sobre o trabalho é *necessidade*, mas houve índices significativos de escolha também para as outras três palavras propostas pelos pesquisadores (*independência*, 26%; *crescimento*, 22%; *autorrealização*, 11%.” (op. cit., p. 53).

Nesta mesma linha, argumenta a autora (op. cit., p. 54) que as variações não são muito grandes, mas a ideia do trabalho como necessidade cresce com a idade e diminui conforme aumenta a renda familiar, na faixa de mais de cinco salários mínimos, o trabalho como fator de *independência* (29%) supera a citação do trabalho como *necessidade* (24%), o que reforça a tese de que a “qualidade” do trabalho encontrado varia muito com a classe social. Corrobora essa ideia a posição dos jovens ao responderem sobre a satisfação quanto à possibilidade de trabalho, quando 49% se declaram pouco ou nada satisfeitos (op. cit., p.56).

3.7.4 Lazer

As atividades de lazer e entretenimento, segundo Abramo, (2005, p.54) ocupam parte considerável do tempo livre dos jovens. Inquiridos sobre a atividade com a qual mais se ocupam nos finais de semana, revelam a alta importância que conferem à circulação e ao desenvolvimento da sociabilidade ligada à diversão: em respostas espontâneas e únicas, 78% deles apontam atividades realizadas fora de casa, a maior parte (45%) de lazer e entretenimento.

Poder viver de uma maneira alegre e com muito espaço para diversão é outro traço fundamental e muito valorizado dessa condição. As dimensões de aproveitamento da vida aparecem com mais força do que aquelas relativas à preparação para o futuro.

Destaca Abramo (op. cit., p.55) que há variação por idade, em relação ao que os jovens fazem no tempo livre, e é possível ver qual arco da sociabilidade também muda: as visitas que os adolescentes fazem são para os amigos, e os mais velhos visitam mais os parentes. Os dados apresentam uma variação substancial quando analisados os casados e os solteiros, apresentando uma diminuição bastante expressiva das atividades relativas ao lazer, depois do casamento.

As categorias apresentadas neste capítulo servem de parâmetro para as análises produzidas a partir dos dados empíricos do capítulo subsequente a metodologia, que é a matéria seguinte.

4 METODOLOGIA

Busca-se, neste capítulo, descrever a metodologia utilizada para atingir os objetivos propostos pela pesquisa que, juntamente com o referencial teórico, formam o suporte para análise e compreensão do objeto investigado. A costura da teoria com a prática de campo é o método utilizado para produzir as consequentes reflexões a partir dos pressupostos do pesquisador. Também serão descritos os instrumentos de pesquisa e os caminhos percorridos para a coleta dos dados, por meio das observações, dos questionários, das entrevistas e dos grupos focais.

O trabalho proposto consiste em investigar e descrever o perfil dos jovens que ingressaram na BM, as motivações que levaram esses jovens a escolherem a atividade de polícia militar e, também, as aproximações e distanciamentos do perfil dos ingressantes, tendo como referência o perfil dos jovens brasileiros, conforme a pesquisa nacional do Projeto Juventude.

Foram utilizadas, nesta pesquisa, as abordagens, quali e quantitativas, buscando superar as limitações de cada uma delas, quando utilizadas individualmente.

A abordagem quantitativa permite aferir o fenômeno em sua amplitude, porém, não possibilita a compreensão do seu significado mais amplo. Por outro lado, os seus benefícios consistem no poder da representatividade e inferência do universo analisado. As técnicas qualitativas possuem maior poder descritivo dos fenômenos que estão sendo analisados, mas apresentam quase sempre maior dificuldade de manipulação e inferências mais abrangentes.

A composição dessas duas abordagens é o desafio desta pesquisa e o resultado esperado é um desenho mais nítido do perfil dos ingressantes, a partir da complementaridade das informações obtidas. Essa tarefa, por sua vez, requer um esforço de tradução e leitura das categorias presentes nos dados qualitativos, segundo as representações que emergem da fala dos jovens pesquisados e das suas manifestações frente às temáticas propostas nas entrevistas semiestruturadas e nos grupos focais.

O conjunto composto pelas duas abordagens, a da quantidade e a da qualidade, deve ser composto sem que haja precedência de um tipo de dado sobre o outro. A ideia é de complementaridade. Dessa forma foi possível estudar o comportamento das variáveis e identificar as relações existentes entre elas e examinar os sentidos a elas atribuídos e que as tornam significativas e capazes de orientar as ações dos jovens pesquisados (Abramovay, 2002, p. 23).

4.1 Delineamento da pesquisa

Com base na legislação que regulava o ingresso na Instituição, verifica-se que até o ano de 1975 os interessados dirigiam-se ao EMBM, na condição de voluntários e participavam da seleção para ingresso no cargo de soldado da BM, desde que preenchidos os critérios exigidos pela Instituição que, na época, consistia em: nível de escolaridade mínimo, 5ª série primária; idade até 27 anos e conduta civil ilibada. A exigência do ensino fundamental completo só veio a ocorrer a partir de 1985, período de grandes inclusões na Instituição.

Nova alteração ocorreu por conta da Lei Complementar nº 10.990/97, (Estatuto dos Militares Estaduais) que passou a exigir o ensino médio completo e a carteira de habilitação para o cargo de soldado, entre outros requisitos.

Mesmo com todos os avanços na área da tecnologia da informação, a BM ainda carece de banco de dados, estudos ou relatórios que possam subsidiar uma leitura dos perfis dos quadros de pessoal da Instituição.

As informações obtidas para este estudo, por intermédio do Departamento Administrativo da BM, referem-se ao quantitativo de ingressantes dos dois últimos concursos para o cargo de soldado, ocorrido em 2009 e em 2012.

Conforme os objetivos que foram propostos nesta pesquisa, que vão além de simplesmente criar um banco de dados estatístico para consultas ulteriores, quando se desenha o perfil da juventude que vai dar corpo a Instituição, projeta-se para o campo teórico, espaço legítimo para a construção e reconstrução de pressupostos, subsídios mínimos para reflexões dessa realidade em permanente construção. Ao lançar novos olhares para esse segmento, cria-se a possibilidade de desacomodar a forma atual de planejar e executar a formação, enfim, a gestão de ensino, de maneira que atenda a demanda da sociedade e da Corporação sendo coerente com a realidade dos sujeitos envolvidos.

A experiência profissional do pesquisador nas atividades operacionais, administrativas e de ensino, ao longo de 25 anos de Instituição BM, aliada à característica de sempre questionar “os fundamentos dos costumes”, conduziu-o para a investigação do objeto proposto. Durante o percurso, a postura do pesquisador caracterizou-se pela busca do novo, da descoberta, mesmo tratando-se de um tema, em tese, familiar. Também deve ser registrado o cuidado e a atenção dispensada aos entrevistados e o rigor na manipulação dos dados. O fazer acadêmico, a práxis do pesquisador ao compilar os dados e a teoria, ao analisar e observar o contexto, ao registrar as reflexões e reescrever muitas vezes, de forma recursiva, enfim, foi uma busca constante da construção de forma e conteúdo. Com esta proposta metodológica,

buscou-se investigar e conhecer o fenômeno estudado, utilizando os diferentes instrumentos de pesquisa de forma a complementar a coleta dos dados e possibilitar inferências mais abrangentes.

A abordagem quantitativa objetiva trabalhar com a representatividade e a capacidade inferencial dos dados, a partir de análises probabilísticas. Nesse sentido, foi estruturado um questionário específico, contendo 28 variáveis fechadas (referentes a família, trabalho, renda, moradia, lazer, etnia, religião, nível de escolaridade, entre outros), dirigido à amostra da população composta pelos jovens que ingressaram na BM nos anos de 2009 e 2012.

Os relatórios de análise foram produzidos a partir do programa de análise estatística *Statistical for the Package Social Sciences*, (SPSS, v. 17) e os gráficos, por meio de planilhas Excel.

Na abordagem qualitativa, buscou-se aprofundar, complementar as categorias que serviram de parâmetro de comparação entre os jovens ingressantes e a juventude brasileira, bem como suas motivações à própria ação, no caso, a escolha da atividade policial militar.

As representações sociais são conjuntos dinâmicos de saberes, de ideias que refletem uma prática e, portanto, podem ser consideradas uma preparação para a ação. São entendidas como o “saber do senso comum”, mediações que os diferentes atores desenvolvem. Conhecer as representações dos jovens nos ajuda a melhor compreender o que pensam e como eles próprios veem a sua relação com o cotidiano e com as instituições. (ABRAMOVAY, 2002, p. 28).

Para dar conta da abordagem qualitativa, foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas e os grupos focais, procurando entender as motivações que conduziram a escolha dos ingressantes pela atividade policial militar como profissão. Por mais que os dados quantitativos apontem para uma determinada resposta, a complexidade do objeto investigado requer mais do que respostas baseadas em quantidades ou inferências probabilísticas, necessitando de outras categorias de análise e do contexto para a compreensão do problema de pesquisa, motivo pelo qual foram utilizadas as três técnicas de coleta de dados.

4.2 Instrumentos e técnicas de pesquisa

Conforme Zago, Carvalho; Vilela (2003, p. 301) a “[...] entrevista expressa realidades, sentimentos e cumplicidades que um instrumento com respostas padronizadas poderia

ocultar, evidenciando a infundada neutralidade científica daquele que pesquisa.” O autor também destaca que o grau de implicação do informante depende muito da confiança que ele deposita na pessoa do pesquisador e, evidentemente, de como se sente na situação da entrevista.

Como parte dos procedimentos metodológicos, foi utilizada a técnica de entrevistas com grupos focais, com jovens ingressantes das turmas de 2009 e 2012, quando se buscou perceber o conjunto de ideias, valores e representações acerca das categorias que serviram de base para este estudo.

O grupo focal é uma técnica de investigação qualitativa utilizada para buscar respostas aos “porquês” e “como” dos comportamentos sociais. É uma fonte largamente utilizada quando se procura entender as atitudes, crenças e valores de um grupo ou de uma comunidade. (ABRAMOVAY, 2002, p. 28).

A utilização de grupos focais em sequência às entrevistas individuais possibilitou a avaliação do confronto de opiniões, diferente das informações, das mensagens que os jovens isoladamente expressam sobre um tema específico.

Essa técnica, ainda conforme Abramovay (op. cit., p. 28), “tem o objetivo de obter uma informação ágil, profunda e pouco custosa, com um volume significativo de informações qualitativas.” Segundo a autora, possibilita respostas de uma maneira rigorosa e científica, permitindo compreender os processos de construção da realidade cultural dos jovens pesquisados:

A pesquisa com o grupo focal não procura o consenso, mas principalmente, a emergência das opiniões, preocupações, prioridades, percepções e contradições dos jovens, tal como eles exprimem. Consegue-se a partir dos grupos focais identificar percepções sobre tendências e padrões de comportamentos dominantes. As técnicas grupais possibilitam o confronto de posturas, a argumentação, a réplica ou reforço, que são de enorme riqueza para a interpretação das diversas realidades vividas e sentidas. (ABRAMOVAY, 2002, p. 29).

Com os grupos focais, foi finalizada a coleta dos dados empíricos, que subsidiaram as reflexões propostas e possibilitaram complementar as lacunas deixadas pelos outros instrumentos de pesquisa, auxiliando na compreensão das percepções, atitudes e padrões de comportamentos desses jovens que buscaram na BM seu *locus* de trabalho.

4.3 Descrição do campo, da população e da amostra da pesquisa

A área geográfica de abrangência desta pesquisa é coincidente com os limites territoriais do Estado do Rio Grande do Sul, que possui uma população de mais de 10,7 milhões de habitantes.

A BM está organizada em 16 Comandos Regionais de Polícia Ostensiva, contemplando todo o território do Estado, incluindo a Capital e a Região Metropolitana. O município de Porto Alegre é a capital do Estado do Rio Grande do Sul e MetrÓpole da região sul do país. Possui uma população de mais de 1,4 milhões de habitantes, e uma área geográfica de 500km². A responsabilidade pela execução da atividade de polícia ostensiva compete ao Comando de Policiamento da Capital (CPC), composto por vários batalhões de policiamento: 1º BPM, 9º BPM, 11º BPM, 19º BPM, 20º BPM, 21º BPM, 4º Regimento de Polícia Montada (4º RPMon) e 1º Batalhão de Operações Especiais (1º BOE).

Os ingressantes de 2009 foram distribuídos na maioria dos Comandos Regionais do interior do Estado, da Região Metropolitana e da Capital (Quadro 1). Após a testagem do instrumento de pesquisa, realizada com 50 jovens das unidades da Capital, optou-se em expandir a coleta para outras regiões do Estado. Dessa forma, o questionário foi aplicado por oficiais, previamente instruídos, aos ingressantes de 2009, junto às seguintes regiões do Estado: Fronteira Noroeste, Central, Sul, Fronteira Oeste, Vale do Taquari, Metropolitana e Capital do Estado. A área geográfica abrangida pela pesquisa alcançou mais da metade das regiões do Estado.

Quanto aos ingressantes de 2012, os questionários foram aplicados durante os dias destinados à apresentação dos documentos, última fase do concurso, que ocorreu nas dependências da APM em Porto Alegre.

A população pesquisada é composta pela soma dos ingressantes de 2009 e 2012 que totalizam, no período da pesquisa, 5.251 policiais militares e caracteriza-se por ser composta por jovens com idade entre 18 e 25 anos, na data do ingresso (conforme edital do concurso), de ambos os sexos, com carteira de habilitação e ensino médio completo, entre outros requisitos.

A BM é uma das poucas instituições públicas que se faz presente em todos os 496 municípios do Estado. A classificação ou lotação dos jovens policiais que ingressaram em 2009, após o curso de formação, observou as vagas previstas no edital, privilegiando as grandes cidades e reforçando o eixo entre a cidade de Porto Alegre e a cidade de Caxias do Sul, na serra gaúcha.

A população investigada, segundo dados oficiais do Departamento Administrativo da BM, constitui-se de 3.223 soldados incluídos no concurso do ano de 2009 e 2.028 ingressantes no concurso de 2012, totalizando uma população de 5.251 jovens.

4.4 Tamanho da Amostra Quantitativa

Para a abordagem quantitativa, define-se a amostra aleatória simples, em razão de tratar-se de uma população finita, ou seja, a amostra (**n**) é maior ou igual a 5% do tamanho da população (**N**).

Assim, a confiabilidade dos resultados é assegurada ao tipo de pesquisa proposta, observando os fatores que determinam o tamanho da amostra. Considera-se então, nível de confiança, erro máximo permitido e variabilidade do fenômeno que está sendo investigado. Quanto maior o nível de confiança e a variabilidade e quanto menor o erro permitido, maior deverá ser o tamanho da amostra. (BECKER, 1997, p. 133).

Valores críticos associados ao grau de confiança na amostra

Grau de Confiança	A α	Valor Crítico $Z_{\alpha/2}$
90%	0,10	1,645
95%	0,05	1,960
99%	0,01	2,575

Tabela 1: Valores críticos associados ao grau de confiança na amostra. Fonte: http://www.fesppr.br/~centropesq/Calculo_do_tamanho_da_amostra/Tamanho%20da%20Amostra%20-%201.pdf. Acesso em: 23 jan. 2013.

Conforme a tabela 1, define-se que o erro amostral não deve ser superior a 5% (**Eo** = 0,05), ou seja, que existe uma confiabilidade de 95%.

Os termos foram assim definidos:

Erro Amostral - é a diferença entre um resultado amostral e o verdadeiro resultado populacional.

População - consiste em um conjunto de indivíduos que compartilham, pelo menos, uma característica em comum.

Amostra - é um subconjunto de indivíduos extraídos de uma população.

Métodos de Amostragem Probabilística - são os que selecionam os indivíduos da população de forma que todos tenham as mesmas chances de participar da amostra.

Não se pode evitar a ocorrência do erro amostral, porém, pode-se limitar seu valor por meio da escolha de uma amostra de tamanho adequado. Dessa forma, o erro amostral e o tamanho da amostra seguem sentidos contrários. Quanto maior o tamanho da amostra, menor o erro cometido.

N - tamanho (número de elementos) da população.

n - tamanho (número de elementos) da amostra.

Eo - erro amostral tolerável.

Considerando que a população investigada (N) é de 5.251 ingressantes, conforme o Departamento Administrativo da BM, o tamanho da amostra ficaria em: 295, aplicando-se a fórmula: $n = \frac{N \cdot Eo}{N + Eo}$.

Porém, considerando os fatores já elencados, decidiu-se reduzir o erro amostral, aumentando o tamanho da amostra (n) de 295 para 700 ingressantes, garantindo, assim, maior confiabilidade nos resultados. Obteve-se uma amostra de 691 respondentes.

4.5 Tamanho da Amostra Qualitativa

Para a abordagem qualitativa na etapa seguinte da pesquisa, a amostra selecionada dos jovens foi aleatória simples, ou seja, qualquer um da população poderia ser escolhido, bastava fazer parte da população investigada. Foram definidos alguns Batalhões de Policiamento da Capital, onde foram realizadas as abordagens do pesquisador junto à população investigada para a realização das entrevistas.

Foram realizadas 20 entrevistas individuais. Nesse caso, o tamanho da amostra foi definido em razão da saturação das respostas e das limitações da pesquisa. Os grupos focais foram realizados ao final, como última tarefa de campo. Foram três encontros com cada grupo

da turma de ingressantes de 2009 e da turma de 2012.

4.6 Coleta de dados

Os dados, primeiramente, foram coletados por meio de um questionário fechado, aplicado aos jovens ingressante das turmas de 2009 e de 2012, que abordava as seguintes temáticas: família, trabalho, renda, moradia, lazer, região de origem, etnia, religião e nível de escolaridade.

Este instrumento de pesquisa foi testado em um grupo de jovens policiais militares, quando sofreu pequenas adequações. Para os ingressantes de 2009, os questionários foram aplicados entre os meses de março, abril e maio de 2012 e, para os ingressantes de 2012, foram aplicados no mês de setembro, no momento em que estes efetivaram suas inclusões, ou na linguagem civil, quando realizaram a posse e exercício do cargo público.

Como os questionários foram aplicados aos ingressantes de 2012? Para a última fase do concurso, os ingressantes foram convocados conforme a classificação obtida no certame. No primeiro dia foram chamados do primeiro ao quingentésimo colocado, e assim sucessivamente, durante os quatro dias, até completar os 1.400¹³ ingressantes aprovados.

No ginásio da APM foi montado um teatro de operações, que se assemelhava a uma linha de produção industrial, no qual o ingressante passaria por diversas situações burocráticas para efetivar sua inclusão. Iniciava com a apresentação dos exames de saúde e os documentos pessoais para cadastro no sistema de informações gerenciais da BM (SIGBM) e no Sistema de Recursos Humanos do Estado (RHE); na sequência, era realizada a foto e a identificação, finalizando com a carteira funcional pronta, em mãos. As equipes trabalharam das 7 horas da manhã às 11 horas da noite. Durante o desenvolvimento dessas atividades, os ingressantes faziam a escolha do município em que pretendiam fazer o curso de formação.

Reunidos em grupos de, aproximadamente 40, aguardavam a próxima atividade. Nesse cenário, foi aplicado por este pesquisador o questionário em que o ingressante informava, entre outros dados, sua região de origem. Dessa forma aleatória, a amostra foi contemplada com jovens oriundos de quase todas as regiões do Estado.

Como os questionários foram aplicados aos ingressantes de 2009? A forma de abordagem na Capital e na Região Metropolitana foi realizada a partir de contato formal deste

¹³ 1.400 - nº de vagas para o cargo de soldados de polícia ostensiva previstas no edital do concurso, que foram acrescidas de mais 628, totalizando 2.028 ao final do processo seletivo.

pesquisador com os comandantes das Unidades Operacionais. Depois de solicitada a autorização para aplicação dos questionários ao público interno que se enquadrasse no perfil da amostra, busca-se interferir o mínimo possível na rotina dos batalhões, identificando os dias de instruções para o efetivo daquela unidade para, dessa forma, reunir em um só encontro um número significativo de militares para a aplicação dos questionários. Nos Comandos Regionais do interior, a aplicação dos questionários foi realizada por um Oficial daquele comando, previamente instruído.

Na fase seguinte, concluída a coleta dos dados por meio dos questionários dos ingressantes de 2009, foram realizadas pelo pesquisador as entrevistas semiestruturadas, ocasião em que foi utilizado o mesmo *modus operandi* de abordagem. As entrevistas tiveram início em abril de 2012 e a fase de coleta dos dados empíricos foi finalizada somente em janeiro de 2013, com os grupos focais. A concretização dos grupos focais exigiu um esforço diferenciado, pois, foi necessário mobilizar pesquisados fora de suas atividades diárias de serviço.

Com a utilização dessas três técnicas de coleta de dados, buscou-se preencher as lacunas na construção do perfil da juventude brigadiana, possibilitando melhores condições para a compreensão, análise e descrição do objeto pesquisado.

4.7 Metodologia de análise dos dados

Os dados obtidos a partir das respostas abertas das entrevistas semiestruturadas, bem como o material resultante dos grupos focais, foram tabulados a partir da tradução e leitura das categorias definidas para a pesquisa. Os dados dos questionários fechados foram digitados, processados e analisados no *Statistical for the Package Social Sciences*, (SPSS, v.17), gerando tabelas de distribuição de frequência simples, médias e cruzamento de variáveis.

Primeiramente, foi realizada uma análise dos resultados dos questionários e, a seguir, uma análise dos resultados das entrevistas e dos grupos focais, a fim de revelar as principais mensagens emitidas pelos ingressantes e os pontos de convergência e de divergência. Essa análise foi cotejada com os resultados dos questionários, os dados coincidentes e os contraditórios, fundamentando ou refutando as reflexões propostas.

4.8 Critérios de validação dos dados

Utilizou-se a triangulação dos dados obtidos nos questionários quantitativos, nas entrevistas e nos grupos focais. Essa triangulação, sustentada pela teoria e pelas reflexões do pesquisador, deve assumir a forma lógica de demonstração do problema proposto.

A investigação da vida social, sobretudo na abordagem qualitativa, supõe certos vínculos sociais e vivências intersubjetivas, transcorridos em encontros e relações face a face que não estão previamente dados. Ao contrário, devem ser trabalhados pelos pesquisadores, a fim de assegurar os objetivos e a qualidade da investigação. (ZAGO; CARVALHO; VILELA, 2003, p. 86).

Somente após cruzar os dados dos questionários com as entrevistas individuais e com os resultados dos grupos focais, foi possível rever relações que inicialmente conduziam para determinada leitura e, também, refutar ou validar o que antes se apresentava como evidente. O contraste das informações possibilitou alcançar certo grau de credibilidade e validação dos dados obtidos.

Ao finalizar as considerações metodológicas, coloca-se como possível fator interveniente a posição hierárquica que o pesquisador ocupa na Instituição, em relação aos pesquisados (entrevistas individuais), mesmo considerando que tenham sido utilizados todos os meios ao alcance para reduzir os efeitos sobre as respostas obtidas. Funcionando como mecanismo de controle, restaram os grupos focais que, dada as características desta técnica, possibilitaram o confronto das informações falseadas ou idealizadas, em razão do conjunto das respostas ou manifestações.

No capítulo seguinte, ao leitor será apresentado o resultado dos dados coletados, a partir da proposta metodológica descrita. No primeiro momento apresentam-se os dados estatísticos e seu instrumento de coleta, bem como o relato da experiência de campo. Na sequência, o mesmo rito de apresentação dos dados qualitativos, seus instrumentos e análise. Dessa primeira análise, resulta um esboço do perfil do ingressante que vem a ser complementado com as reflexões constantes do capítulo das Considerações Finais.

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE E RESULTADOS OBTIDOS

Neste capítulo, como o título sugere, são apresentados os dados produzidos por meio da pesquisa empírica, os instrumentos, a análise e os resultados obtidos.

5.1 Do questionário

Estruturou-se um questionário específico com 28 questões fechadas e uma parcialmente aberta, referente à localização geográfica (região) de origem. As variáveis fechadas buscavam caracterizar o respondente a partir de questões tais como idade, gênero e etnia, contemplando os eixos: estudo e trabalho, independência da família de origem, situação matrimonial, filhos, tempo livre e lazer.

O instrumento foi dirigido à amostra da população composta pelos jovens que ingressaram na BM do Rio Grande do Sul em 2009 e 2012 após a qualificação do projeto de pesquisa pela Banca, em março de 2012.

A aplicação do questionário fechado visava a atingir uma amostra de 350 jovens da turma de 2009, que representaria mais de 10% da população investigada (3.223 ingressantes). O mesmo número de questionários, em setembro de 2012, foi aplicado aos ingressantes neste ano, representando um percentual de mais 15% da população investigada, uma vez que o total de concursados nomeados para a atividade de policiamento foi de 2.028 (Apêndices A e B).

5.2 Dos dados

O grupo de idade dos participantes da pesquisa nacional “Perfil da juventude brasileira”, realizado pelo Instituto Cidadania, e que servirá de parâmetro para este trabalho, é de 15 a 24 anos. O grupo de idade dos pesquisados, em razão do requisito de ingresso, previsto no edital do concurso é, em regra, de 18 a 25 anos, pois, alguns poucos ingressaram de forma provisória por terem ultrapassado o limite de idade, por meio de medida liminar concedida pelo Poder Judiciário.

Segundo Abramo (2005, p. 45), o grupo de idade “[...] de 15 aos 24 anos é o que vem se tornando convenção, no Brasil, para a abordagem demográfica sobre juventude, pois

corresponde ao arco de tempo em que, de modo geral, ocorre o processo relacionado à transição para a vida adulta.”.

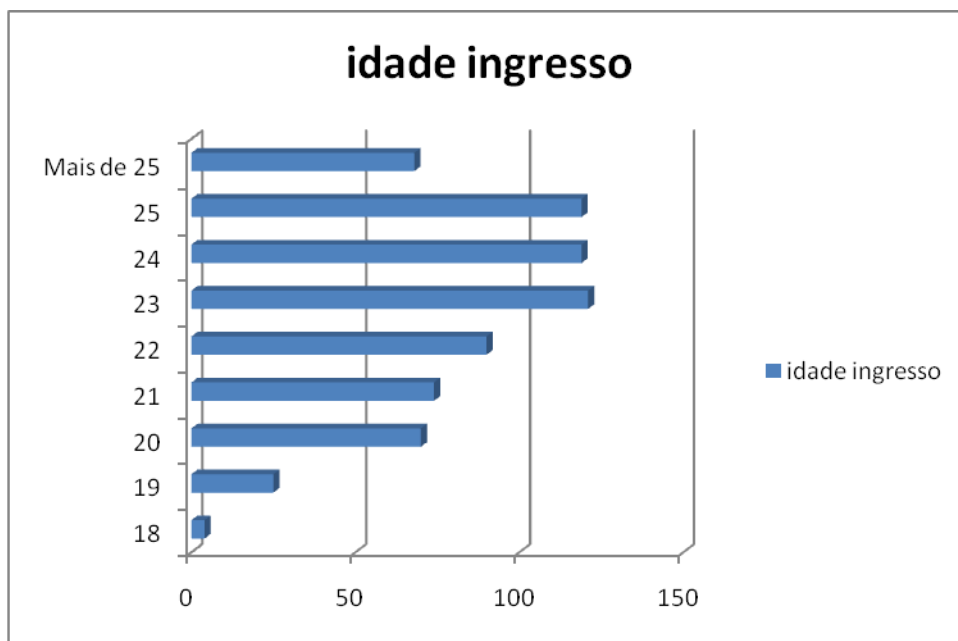


Gráfico 1: Idade de ingresso na Brigada Militar do RS. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

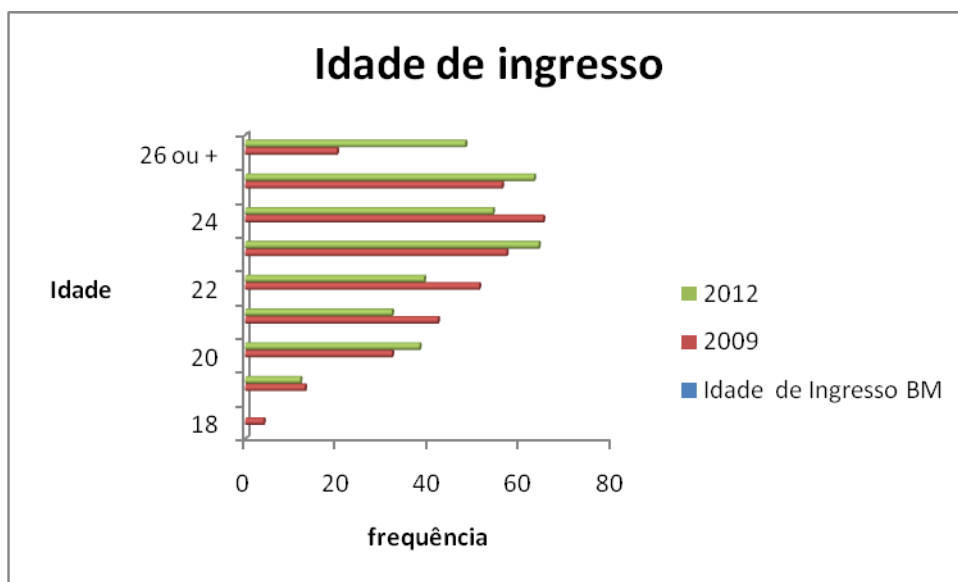


Gráfico 2: Idade de ingresso na Brigada Militar do RS. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

O grupo pesquisado, ao responder a questão referente à idade, apresentou uma média de 23,0 anos. Verifica-se, no gráfico apresentado que, tanto os ingressantes da amostra de

2009 quanto os de 2012, estão concentrados na faixa de idade que se enquadra na classificação de jovens adultos, de 21 a 24 anos.

Quanto ao gênero, 85,1% das respostas válidas correspondem ao sexo masculino e 14,9% ao feminino. Observa-se que não houve alteração significativa da amostra de 2009 para 2012, mantendo-se a média em torno dos 15% de ingressantes do sexo feminino.

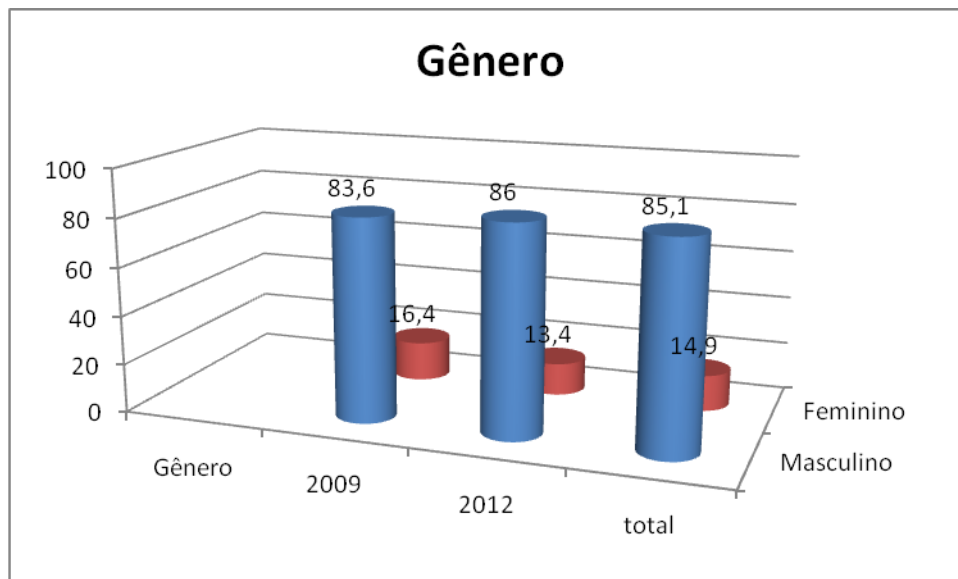


Gráfico 3: Gênero dos ingressantes na Brigada Militar do RS. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

A grande maioria dos respondentes, na questão sobre etnia, declarou-se “branco”, atingindo o percentual de 83% dos entrevistados. Em 2009, esse percentual foi de 80%, aumentando para 86% em 2012. Os demais números em relação à etnia foram: pardos, 10%; negros 5,7%; indígenas e amarelos, 1%. Em 2012, o percentual de pardos se manteve e o de negros sofreu uma redução de 3%, em relação aos ingressantes de 2009.

Etnia

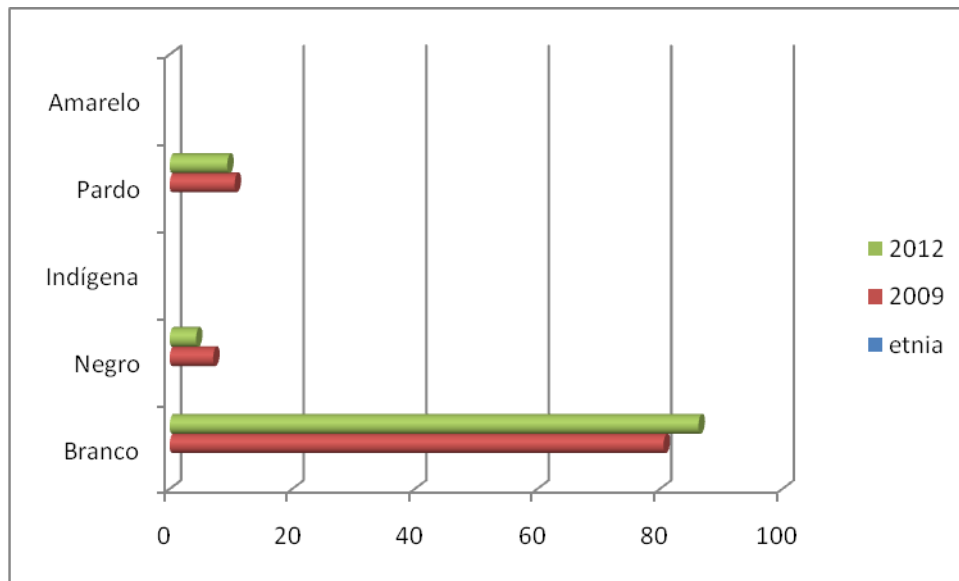


Gráfico 4: Etnia dos ingressantes na Brigada Militar do RS. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Pode-se especular que esse quadro de uma maioria branca é resultado das mudanças nos requisitos de ingresso? As exigências de ensino médio completo, idade e carteira nacional de habilitação restringiram o acesso de negros e pobres? O percentual de negros e pardos, nas décadas de 1980 e 1990, foram mais expressivos?

Não foram encontrados registros junto ao Departamento Administrativo da BM que pudessem responder aos questionamentos postulados, contudo, a experiência do pesquisador indica que sim. No final da década de 1980, o ingresso de negros e pardos foi mais significativo, conforme as fotos dos quadros de formaturas das escolas de formação. Na turma de soldados que este pesquisador ingressou em 1988, praticamente a metade era constituída por negros e pardos.

O perfil dos jovens ingressantes na Corporação gaúcha se assemelha ao perfil dos jovens brasileiros no que se refere ao estado civil e, mesmo fazendo parte do recorte de jovens adultos com idades entre 21 e 24 anos, a grande maioria é solteira, atingindo um percentual de 80,8%. Conforme Abramo (2005, p. 46), “[...] 78% dos jovens brasileiros são solteiros.”

Com relação a filhos, 86,8% dos jovens não possuíam filhos antes de ingressar na BM; um percentual maior dos que responderam “solteiro” para estado civil (80%). Assim, constata-se que um percentual significativo de jovens já estavam casados ou em união estável e não possuíam filhos. Na pesquisa nacional do Projeto Juventude, pouco mais de um quinto dos jovens pesquisados possuem filhos, sendo que, destes, 9% são jovens que possuem nível

superior de ensino. Assim, o percentual aumenta na medida em que reduz a escolaridade, chegando a ultrapassar a 30% para os jovens com o ensino fundamental incompleto.

No caso dos jovens ingressantes na BM, os 13,2% que possuem filhos cursaram, no mínimo, o ensino médio; destes, somente um quinto responderam que pagavam pensão alimentícia.

Ao assinalarem a questão sobre o tipo de instituição em que realizaram seus estudos do ensino fundamental e médio, as respostas dos ingressantes ficaram concentradas: “integralmente em escola pública” com 76,9% e “maior parte em escola pública” 14,5%. Somando as duas variáveis, chega-se a um percentual de 91,4% dos respondentes, ou seja, menos de 10% são egressos de escolas particulares.

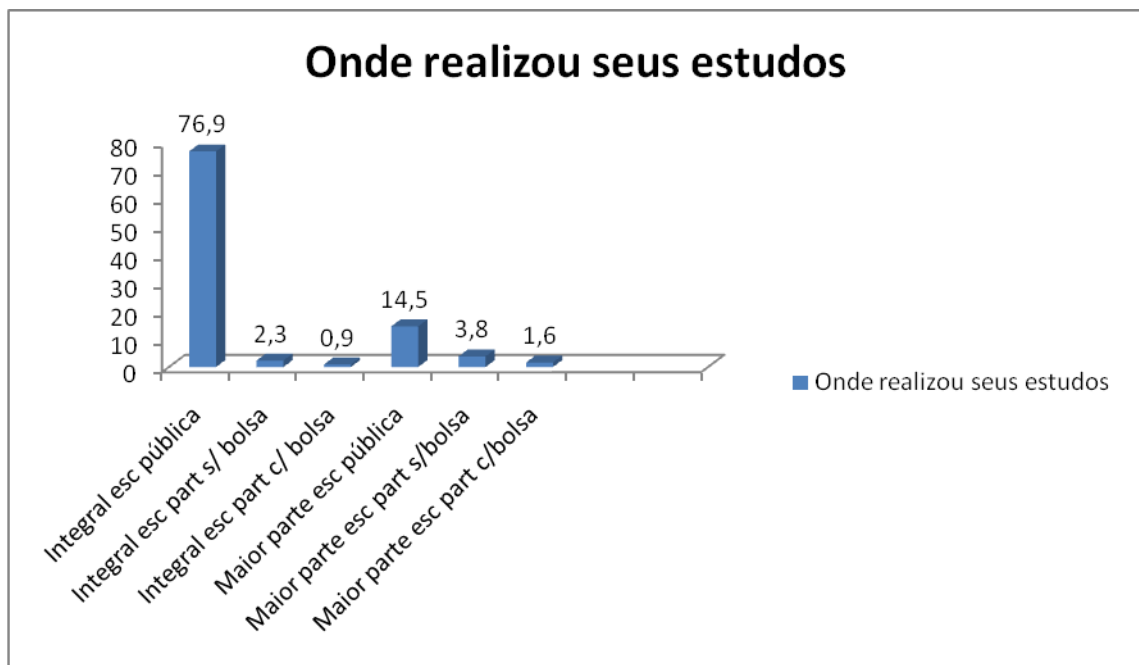


Gráfico 5: Tipo de Instituição onde os ingressantes na Brigada Militar realizaram seus estudos. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Com esses percentuais, pode-se inferir que, de cada dez pesquisados, nove são oriundos do sistema público de educação, situação coincidente com a juventude brasileira.

Quanto ao nível de escolaridade, ficou presente que praticamente dois terços dos pesquisados (59,1%) haviam cursado somente o ensino médio quando ingressaram na BM e mais de um terço (35,0%) ingressaram com o ensino superior incompleto. Ingressantes com nível superior completo e pós-graduado, juntos, somaram 5,9% do total dos pesquisados.

Quando se observa separadamente os dados dos ingressantes de 2009 e 2012, o percentual com escolaridade superior completa apresentou um crescimento na ordem de mais de 100%, uma vez que em 2009 registrou-se 2,9% e, em 2012, 7,4%. Crescimento semelhante ocorreu com o nível de escolaridade superior incompleto que registrou um aumento na ordem de 10% para essa variável.

Nível de escolaridade

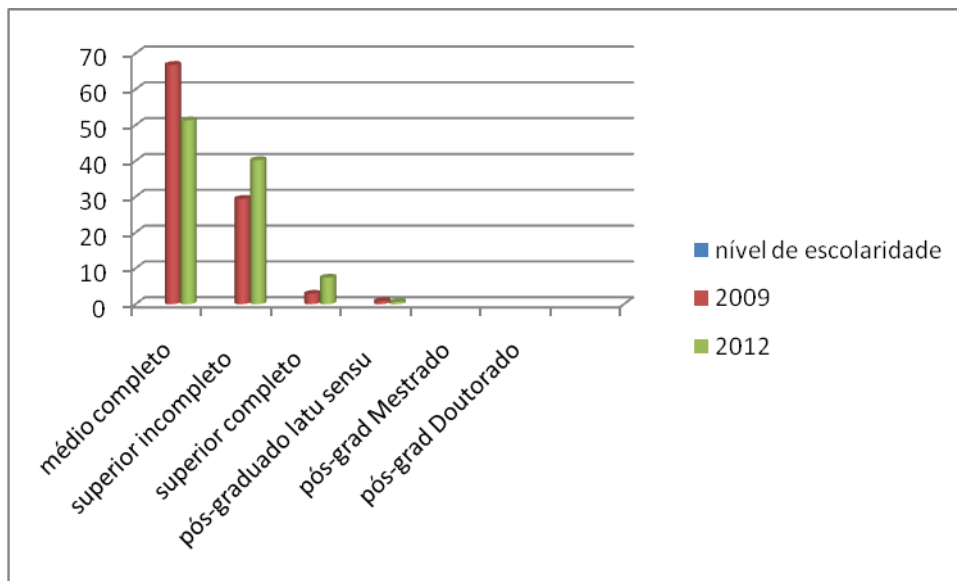


Gráfico 6: Nível de escolaridade dos ingressantes na Brigada Militar do RS. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Quanto ao tipo de residência, a alternativa “morava com os pais” alcançou 50,1%, ratificando os resultados das pesquisas da coorte juventude. Os jovens têm se mantido mais tempo junto ao núcleo familiar originário antes de sair para constituir um novo núcleo. Dos jovens ingressantes, 22% moravam em residência alugada, e 22% possuíam casa própria.

No que se refere ao número de membros da família, o percentual de maior índice ficou concentrado em três membros, seguido de quatro e dois membros na família, com 26,6%, 25,2% e 19,8%, respectivamente. Juntos correspondem a mais de 70% dos respondentes. Pode-se inferir que as famílias desses jovens são compostas, em sua grande maioria, por até quatro membros.

Quanto ao número de membros da família que recebem renda mensal, a opção “dois membros”, correspondeu ao percentual de 42,7%. Com 21,1%, o segundo maior percentual, aparece “somente um membro” da família e, logo em seguida, “três membros”, com 18,4%. As famílias com 4, 5 ou mais membros que percebem algum tipo de rendimento somam,

juntas, 16,5%. Logo, verifica-se que mais de 80% das famílias dos respondentes possuem de um a três membros que percebem algum tipo de rendimentos.

Quanto à renda familiar, ficou presente que quase três quartos dos respondentes (72,5%) viviam com uma renda familiar inferior a cinco salários mínimos, e somente 4,3% possuíam uma renda superior a dez salários mínimos. Ou seja, a renda familiar dos ingressantes é semelhante à renda das famílias dos jovens brasileiros.

Assim como nas questões anteriores, verifica-se um percentual de 70% das famílias que possui “até três membros que dependem da renda familiar mensal”; acrescentado “até quatro”, sobe para 88%, ou seja, a maioria absoluta das famílias dos ingressantes é composta por até quatro membros e dependem de uma renda de até cinco salários mínimos, perfazendo uma média de 1,2 salários por cada integrante, aproximadamente.

Quando perguntados se possuíam veículo automotor, mais da metade dos entrevistados responderam afirmativamente, para carro ou moto e, 8,5% possuíam ambos, totalizando 61,1%. Essa questão auxilia no delineamento do perfil dos ingressantes, quando analisada conjuntamente com as variáveis “trabalho e renda”; verifica-se que se trata de famílias de classe média baixa e que a aquisição desses bens, em sua maioria, só foi possível com o ingresso desse jovem no mercado de trabalho.

O percentual dos respondentes que possuem pais ou responsáveis que não concluíram o ensino médio chega a 60%. Os percentuais foram: analfabetos, 1,6%; fundamental incompleto, 40,1%; fundamental completo, 11,1% e médio incompleto, 7,0%. Comparando aos percentuais de escolaridade das mães ou responsáveis, verifica-se que são semelhantes, com uma variação pouco significativa: analfabetas, 1,0%; fundamental incompleto, 33,8%; fundamental completo, 12,4%, e médio incompleto, 8,9%. Uma parcela significativa das mães (10,1%) possuem o ensino superior completo e pós-graduação, comparando com a proporção de pais, que chegam somente a 8,4%. Acrescentando, os que estão cursando o ensino superior, aumenta a diferença em favor das mães (Ver Apêndice X).

Nível de escolaridades de pais ou responsáveis

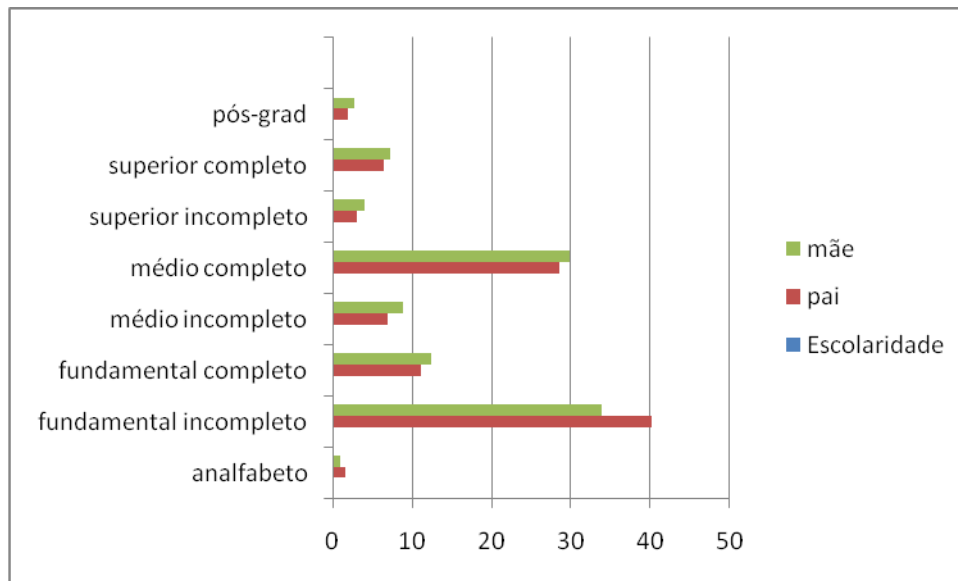


Gráfico 7: Nível de escolaridade pais ou responsáveis. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Do total dos respondentes, 24,5% são filhos de funcionários públicos, ou seja, conhecem os benefícios da estabilidade do setor público. Quase o mesmo percentual (23,7%) é composto de jovens cujos pais trabalharam no setor de serviços e 23,0% representam os jovens filhos de agricultores e trabalhadores do campo.

É significativo o percentual dos filhos de trabalhadores do setor informal, sem carteira assinada, que aparece com 14,9%, seguido dos filhos dos trabalhadores da indústria, com 9,2%. Quanto às atividades desenvolvidas pelas mães ou responsáveis, um percentual de 20,9% aparece para “do lar”, seguido de 18% para mães que trabalharam no setor de serviços, 15,5% para as que trabalham em casa, autônomas e 13,4% para agricultoras e trabalhadoras do campo.

As regiões do Estado que concentraram os maiores percentuais de respondentes foram: Central, com 17,4; Fronteira Oeste, com 17,1; Sul, com 12,6 e Fronteira Noroeste, com 10,4. Somados os percentuais da Capital com os da Região Metropolitana, obtêm-se uma proporção significativa de 13,7%. Porém, se for considerada a concentração demográfica da região Fronteira Oeste (que apresenta o segundo maior percentual) e comparar com a Região Metropolitana (que ultrapassa a casa dos dois milhões de habitantes), infere-se que ingressar na BM não é atrativo para os jovens da Capital e da Grande Porto Alegre.

A cidade de Santa Maria, na Região Central, concentra a maior guarnição militar do Estado, seguida da Região Fronteira Oeste, que possui sete quartéis do Exército.

Após realizar um filtro na questão do serviço obrigatório e analisar somente as respostas dos pesquisados do gênero masculino, constata-se que 52% dos ingressantes haviam servido às Forças Armadas, ou seja, mais da metade dos jovens, quando procuram a BM, estão buscando um tipo de atividade semelhante à que estavam desempenhando ou, pelo menos, um tipo semelhante de sistema hierárquico e disciplinar ao qual estavam submetidos.

Para analisar a ideia de que os ingressantes procuram um tipo de atividade específica, e não somente emprego, quando procuram a BM, destaca-se o fato de que 26,9% dos pesquisados já tinham procurado ingressar na BM em concursos anteriores.

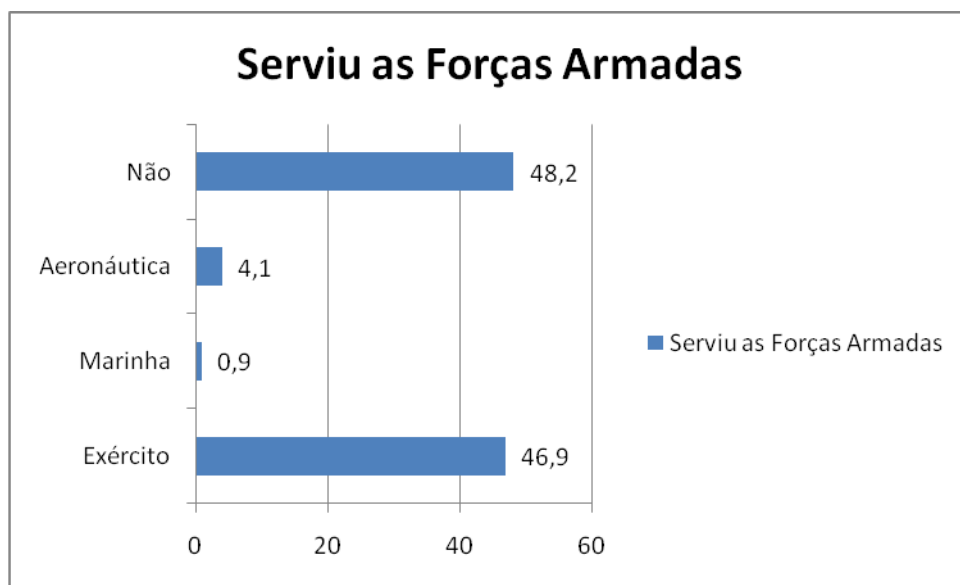


Gráfico 8: Número de ingressantes que serviu às Forças Armadas. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Considerar o exercício de atividade profissional do jovem antes de ingressar na BM, além de reforçar os contornos do perfil que se está desenhando, também auxilia na compreensão do problema proposto quando se procura entender as motivações de escolha da atividade policial militar.

Uma das inferências possíveis quando 90% dos respondentes já faziam parte da PEA, ou seja, estavam no mercado de trabalho antes de ingressar na BM é de que não procuraram a BM por falta de emprego. Essa situação foi aprofundada nas entrevistas em que aparece que, na maioria absoluta dos casos, os pesquisados faziam parte do mercado formal de trabalho e estavam buscando “algo mais”; motivo que os levaram a optar pela carreira Policial Militar. Essa questão possibilitava que o respondente marcasse até três alternativas em ordem de prioridade. Os motivos que aparecem em primeira opção, na sequência decrescente dos mais

escolhidos, são: “estabilidade”, 57,6%; “foi o primeiro concurso no qual fui aprovado”, 20,6%, e “atuação no combate à criminalidade”, 6,3%.

Pode-se inferir, somente com base no percentual de 57,6% obtido pela variável que a grande motivação dos ingressantes é a estabilidade do setor público. Somando as outras duas alternativas, que também obtiveram os maiores percentuais, (“foi o primeiro concurso no qual fui aprovado” e “atuação no combate a criminalidade”), chega-se a 26,9%.

De igual forma, pode-se afirmar que 79,9% dos pesquisados ao apontarem “estabilidade”, “primeiro concurso” e “remuneração” buscavam no setor público possibilidades que os empregos anteriores não ofereciam, e não necessariamente a atividade de polícia. Esses dados serão complementados com as respostas obtidas a partir das entrevistas e dos grupos focais.

Motivo do ingresso na Brigada Militar

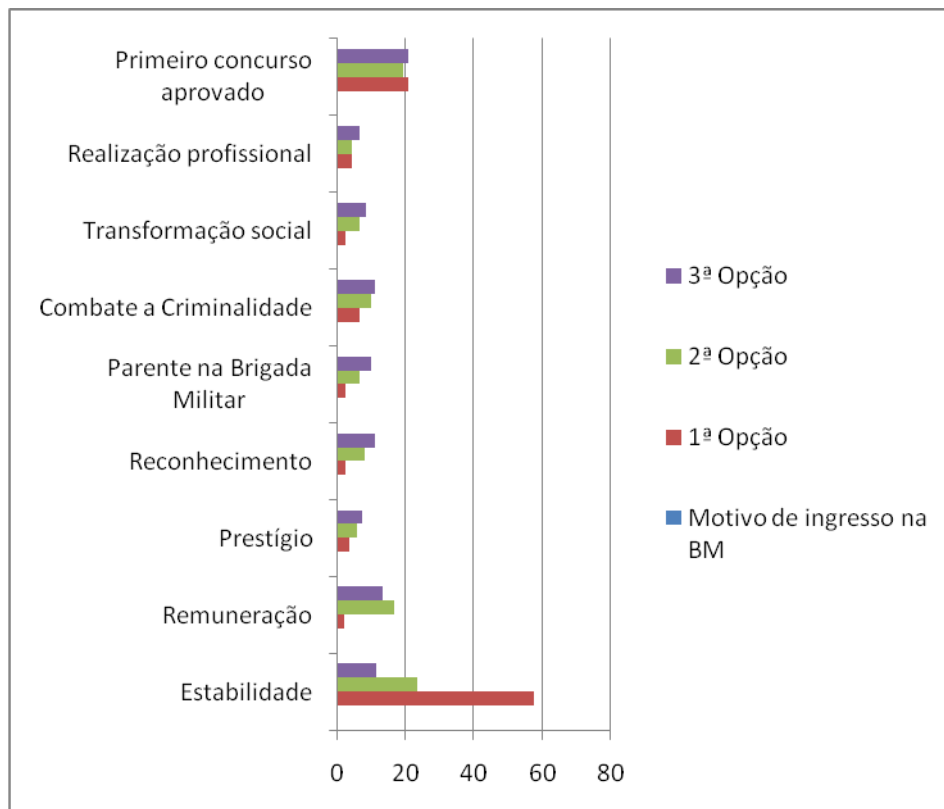


Gráfico 9: Motivo do ingresso na Brigada Militar. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Nos motivos elencados como segunda opção, novamente aparece a “estabilidade” em primeiro lugar, com 23,4%. Em segundo lugar, aparece “foi o primeiro concurso que passei”,

com 19,1%”, seguido de “remuneração”, com 16,7%. Somando as alternativas “Atuação no combate a criminalidade” e “Possibilidade de transformação social”, chega-se a 16,3%.

Na análise dessa segunda opção, deixando de fora as alternativas com maiores percentuais como “estabilidade”, “primeiro concurso” e “remuneração”, tem-se, ainda assim, algo em torno de 35% dos respondentes escolhendo como segunda opção as alternativas voltadas para a atividade policial militar.

Como terceira opção, os respondentes novamente concentraram suas escolhas em alternativas como “foi o primeiro concurso que passei” em primeiro lugar, “remuneração” em segundo e “estabilidade” em terceiro, com 20,7%, 13,2% e 11,4%, respectivamente. Comparando com a questão anterior, verifica-se que a alternativa “foi o primeiro concurso que passei” manteve-se com quase o mesmo percentual, seguida das mesmas alternativas mais escolhidas em segunda opção. Nesta terceira opção, destaque para as alternativas de “parentes na BM”, com 9,6% e “Atuação no combate a criminalidade” e “Possibilidade de transformação social”, chega-se a 19,4%.

Depreende-se, desses resultados, que a “estabilidade” do setor público foi a motivação preponderante, aparecendo de forma destacada nas três opções como a escolhida pela maioria dos respondentes. Da mesma forma, as alternativas “foi o primeiro concurso que passei” e “remuneração”, indicam que os movimentos dos jovens ingressantes buscam “algo a mais”, ou possibilidades que a iniciativa privada não tem oportunizado.

5.3 Delineando o Perfil

Com base nos dados levantados, pode-se inferir que os jovens ingressantes no cargo de soldado da PM do Estado do Rio Grande do Sul possuem, em média, 23 anos de idade e que mais de 80% são do sexo masculino e brancos. Quanto ao estado civil, mesmo fazendo parte do recorte de jovens adultos, são solteiros (80,8%) e somente 13,2% possuem filhos. De cada dez candidatos, nove são oriundos do sistema público de educação.

O percentual de ingressantes com curso superior completo é maior do que o índice nacional. Mais da metade dos ingressantes serviram às Forças Armadas e 90% dos respondentes já faziam parte da PEA.

Mais de 60% dos ingressantes possuíam veículo automotor e 80% possuíam acesso à internet. Assim como a juventude brasileira, 50% moravam com os pais e as famílias eram formadas, em média, por três membros, com renda mensal mantida por dois membros, não

ultrapassando cinco salários mínimos. São adeptos de uma religião, mas não são praticantes. Os pais, em sua maioria, não concluíram o ensino médio e apresentam, de forma significativa, experiências profissionais nos setores públicos, de serviços e no campo.

5.4 Das Entrevistas

Para a realização das entrevistas que ocorreram nos meses de julho e agosto de 2012, inicialmente foi realizado contato com os comandantes do 1º BPM, 9º BPM, 19º BPM e BOE, ficando definidos os quartéis do 1º e 9º BPM, em razão da localização central e, também, porque na ocasião estava sendo desenvolvido o Curso de Qualificação Profissional (CQP) e o curso de Capacitação para a Copa de 2014, reunindo soldados de outras unidades da Capital, tais como do 19º BPM, 20º BPM e 21º BPM, que são unidades responsáveis pelo policiamento das regiões leste, norte e extremo sul da Capital, respectivamente.

Com a autorização dos oficiais instrutores dos cursos acima citados, após breve apresentação da proposta de trabalho, os militares voluntários se dirigiam a uma sala de aula em separado, onde foram realizadas as entrevistas individualmente.

5.4.1 Roteiro de Entrevista

Após realizar a apresentação, a contextualização e o objeto da pesquisa, informando que não era uma atividade da BM, esclarecia-se que a participação era voluntária e que dependia somente do interesse de cada um em participar ou não.

Na medida em que se buscava a empatia do entrevistado, narrando um pouco da história do pesquisador, seu ingresso e trajetória na BM, este se fazia apresentar sempre vestido “a paisana”, como um estudante, um pesquisador.

No momento seguinte, alcançava-se uma cópia do termo de compromisso livre e esclarecido depois de lido e assinado, solicitava-se que se falasse sobre as motivações de ingresso na BM, contando um pouco da história pessoal e profissional.

Mesmo procurando interferir o menos possível na fala dos entrevistados, buscava-se contemplar os eixos de interesse da pesquisa, tais como: juventude, trabalho e estudos; independência da família de origem, filhos, situação matrimonial; tempo livre e lazer; motivação para ingresso na atividade policial militar.

5.4.2 As Entrevistas

A categoria principal a ser investigada buscava descobrir em que base foi construída a decisão daqueles jovens em ingressar na PM, quais as motivações que os levaram a escolher esta atividade profissional e não outra. As outras categorias relacionavam os eixos trabalho, educação e juventude. Nessa seção, destacam-se as motivações para o ingresso na BM e as percepções dos ingressantes sobre a juventude.

Foram destacadas, nas entrevistas, as relações familiares e as experiências por ocasião do serviço obrigatório que, para muitos, foi a primeira experiência de trabalho.

Na fala dos entrevistados aparece de forma mais significativa a presença de parentes nas Instituições BM, Forças Armadas, Polícia Federal, e Polícia Rodoviária Federal, como fator motivador do ingresso na BM. Em várias entrevistas, também foi registrada a seguinte fala: “desde criança gostava de polícia, exército, dessas coisas de quartel”, principalmente do ingressante masculino, como algo que fazia parte do imaginário infantil.

Para muitos dos entrevistados, a experiência do serviço obrigatório foi o fator que definiu o ingresso na atividade policial militar, pois já estavam familiarizados com o sistema militar, com a hierarquia e com a disciplina. Explicavam que o tempo de permanência nas Forças Armadas, sem concurso, era por pouco tempo, depois teriam que procurar outra forma de sustentar-se. Esgotado o tempo de permanência, surgia como possibilidade o ingresso na polícia militar, como temporário ou soldado de carreira.

O percentual de egressos das Forças Armadas ficou em 50% do total dos ingressantes. Dos outros 50%, tem-se um pouco mais de 15% que pertencem ao gênero feminino.

O discurso das ingressantes possui um tom um pouco diferente; algumas citaram como motivação a família, os parentes brigadianos e os amigos, enquanto que outras declararam que foi “por acaso”, que “achava a farda feia para as mulheres”, que “estava tentando todos os concursos possíveis”, ou seja, para a grande maioria não fazia parte de um projeto pessoal ou de uma realização profissional.

Quanto às percepções do que é ser jovem, como é a juventude de hoje, e a sua relação enquanto policiais com os jovens infratores, resultou que parte dos entrevistados, apresentaram a juventude como algo positivo, “Ser jovem é o cara ser entusiasmado, querer sempre progredir, ter sempre um objetivo, não parar, não estagnar.” (entrevista, masculino, 26/07/12, 9º BPM). Nesse caso, o entrevistado se inclui na descrição e agrega valores; quase sempre a narrativa é autobiográfica, aparece o esforço, a vontade de vencer e de conquistar algo melhor.

A nossa juventude está buscando muito mais hoje que antigamente. Tipo, meus pais começavam a trabalhar muito cedo e paravam de estudar. Hoje em dia tem muito mais oportunidades para estudar, tem FIES, PROUNI, bolsas, tudo. Acho que os jovens hoje estão buscando muito mais o estudo porque eles viram todas as dificuldades que os pais passaram. Viram que sem estudo está ruim, com estudo também, está ruim tudo, tem que sempre buscar o conhecimento e estão buscando concursos, eu vejo muita gente fazendo muitos concursos. E eu acho que a internet mudou muito a vida da gente, a gente consegue conhecer o mundo pela internet. E os jovens estão sabendo, alguns não, mas vejo a grande maioria está sabendo aproveitar. Achei que eu entrei velha porque aqui no nono tinha muita gente que entrou com 18 ou 19. (Feminino, entrevista em 03/08/12, 9º BPM).

Nessa entrevista, a ingressante segue a mesma linha anterior, identificando a juventude como fator positivo, um momento de conquistas, inclusive dando destaque para a nova turma de jovens que estão chegando mais qualificados:

Vejo uma juventude bastante pra frente, acho que eles são jovens que tem bastantes objetivos, tem bastante ambição. Até pelo fato de essa última turma que entrou na Brigada agora, se for parar para analisar ou fazer meio que uma estatística, a maioria, sim, do pessoal ou se formou ou está em curso superior, ou está em andamento; são raros os casos que ainda não ingressaram ainda no ensino superior. Então, acho que isso já é uma dica, uma pista do que a gente está buscando, entendo que o ensino é tudo na vida. (Masculino, entrevista em 08/08/12, 9º BPM).

Outra parte dos entrevistados descreve a juventude como algo que já passou em suas vidas, “Aproveitar a vida. Não tenho tempo, preciso trabalhar para adquirir as coisas, venho de família pobre.” (Masculino, entrevista em 20/07/12, 21º BPM). Relacionam juventude com o período de suas vidas em que tinham tempo livre, menos responsabilidade, lazer, diversão e tempo para apenas estudar.

Juventude foi o que eu já tive, né, que é querer estudar, poder estudar, não precisar trabalhar, poder ter tempo livre para o lazer, sem se preocupar em ter compromisso nenhum; juventude é se divertir, sem ter o compromisso do trabalho, somente estudo mesmo. Não tenho tempo, trabalho na BM e faço bico, não consigo estudar. Sou casado e tenho um filho. (Masculino, entrevista em 20/07/12, 21º BPM).

De forma bastante expressiva aparecem nas entrevistas os ingressantes que identificaram o termo “juventude” com jovens infratores, normalmente usuários de drogas, ou com aqueles amigos e conhecidos do bairro onde moravam que se envolveram em atos

ilícitos. Nesses casos, falam de um lugar distante, como se a juventude não fizesse parte do momento de suas vidas.

A parte da educação está fraca. Na parte dos pais, da família, falta carinho, afeto, para futuramente se tornar um bom cidadão. Na minha geração já havia algo errado em termos até de afeto, não da minha parte, de amigos. A juventude da minha época está do lado oposto, estão presos. Morei 24 anos, lá. Eles tinham muita liberdade. Não adianta eu, policial, tentar resolver um problema que vem de anos. O jovem tem que ser tratado como uma pessoa normal, não pelo ato dele; muitas vezes os jovens choram quando a gente conversa com eles. Eles falam o que realmente ocorre com eles. Não adianta a gente pegar, o jovem que é o futuro, nós como policiais, pessoas inteligentes, temos que saber agir, nosso jeito de agir pode fazer a diferença, trazer esse jovem para o nosso lado, para eles verem a polícia de forma diferente, um dia esse jovem vai ser pai. A BM é totalmente diferente do que eu pensava, eu tinha uma ideia que, no meio militar, as pessoas seriam arrogantes, não iam dar valor para o seu humano, mas é totalmente diferente do pensamento que eu tinha. (Masculino, entrevista em 20/07/12, 9º BPM).

Aparece, também, a sensibilidade dos entrevistados para os problemas sociais, quase sempre relacionando os problemas da “outra juventude” com as experiências e histórias de vida. Veja-se o seguinte caso:

Bem diferente de antigamente, estão se esforçando, estão estudando. Muitas experiências novas, muito importantes as atitudes da juventude de hoje. É um serviço que requer, requer muita técnica, ser bastante técnico para trabalhar com eles, ter muita paciência, muita compreensão também, muitas vezes esses jovens eles tem muitos problemas em casa, eles já vêm de uma vida conturbada, aí eles vão para as ruas para fazer coisas ilegais, daí é complicado, tem que ser o mediador, Estado, pessoas, mas é só saber lidar, saber lidar com os jovens. (Masculino, entrevista em 20/07/12, 9º BPM).

Outra situação observada é aquela em que o ingressante discorre sobre as diferenças regionais, capital e interior, estrutura familiar e tráfico.

Eu acho que, hoje em dia, muitos valores, eu sou do interior, e já senti uma diferença muito grande, o jovem do interior é diferente, o pessoal daqui parece que não tem mais aquele respeito, não generalizando, mas antigamente lá no interior, é normal, tu vai tratar até com uma pessoa mais velha e é sim senhor, não senhor, tu vê uma educação maior, tu vê, aqui na capital parece que não, não tem mais esse respeito assim, são mais ..., sinto grande diferença, o pessoal daqui se acha mais esperto, mais malandro, tudo já sabe, tudo já aconteceu, essa é a principal diferença que eu vejo. (Masculino, entrevista em 21/08/12, 9º BPM).

Em relação à juventude de agora, nesses casos, o entrevistado não se considera parte do universo descrito, fala como se fosse algo distante, utilizando, inclusive, a palavra “antigamente” para distinguir a juventude atual, que aparece como perdida em razão das drogas, sem respeito e sem limites, devido à estrutura familiar.

Hoje a juventude é muito envolvida, hoje eles não têm o meio termo ou eles te amam ou eles querem te matar, é isso que funciona para eles, antigamente não, antigamente não, era mais fácil, parece que o pessoal era mais educado, os pais tratavam mais os filhos, não sei se com mais rigidez, mas o pessoal era mais educado. Hoje em dia esse pessoal é muito solto, cada um faz o que quer na hora que quer. Não sei se por influência da mídia, influência com muito uso de drogas, não sei, não sei, mas acho que antigamente era melhor. Quando a gente prende alguém, tento conscientizar o pessoal, mas é difícil, geralmente é em vão. Nunca dá nada, geralmente a gente conversa, mas é em vão, não sei se é emoção, eles gostam de fazer aquilo, é complicado, complicado. (Masculino, entrevista em 20/07/12, 19º BPM).

Nessa mesma linha, a ideia da falta de estrutura familiar permeou quase todas as entrevistas, “[...] a maioria das vezes é uma questão familiar, [...]” (entrevista, 03/08/12); “[...] os pais deixam muito soltos, é muita liberdade e pouca cobrança.” (entrevista, 20/07/12); “[...] têm jovens que não têm mãe nem pai, [...]” (entrevista, 20/07/12). Abramovay registra essa situação por ocasião da pesquisa realizada com a PM do Distrito Federal:

Vale observar que a polícia incorpora o discurso genérico que culpabiliza as “famílias desestruturadas”, a falta de cuidado e atenção no convívio com os jovens, colocando-se como alternativa, como educadora. A polícia estaria, assim, desempenhando um papel que, a princípio, seria da família, qual seja, o de mostrar limites aos jovens, de ensinar o certo e o errado. (ABRAMOVAY, 2002, p. 150)

Foram apresentados, nesta seção, os dados coletados a partir das entrevistas individuais com os ingressantes. As categorias estavam divididas por eixos, sendo que o primeiro eixo buscava responder, de forma complementar, sobre “as motivações para o ingresso na BM” e as “percepções dos ingressantes sobre a juventude.” Como resultado deste instrumento, apareceram as motivações vinculadas às relações familiares (parentes na BM) e a experiência por ocasião do serviço obrigatório que, para muitos, foi a primeira experiência de trabalho. Para outros, o ingresso na BM fazia parte de um sonho de criança ou uma realização

pessoal e, para a grande maioria feminina, não fazia parte do projeto pessoal ou de realização profissional, foi o seu primeiro concurso.

Quanto às percepções dos entrevistados sobre o que é ser jovem, resultaram três modos distintos de impressão: no primeiro modo, o entrevistado percebe a juventude de forma positiva, agrega valores e, se inclui nesse modelo. Já outra parte dos entrevistados descreve a juventude como algo que já passou, relacionam juventude com o período de suas vidas em que tinham menos responsabilidade e mais tempo para lazer e diversão.

Por último, e de forma expressiva, surge a percepção dos ingressantes identificando o termo “juventude” com jovens infratores, normalmente usuário de drogas, ou com aqueles amigos e, conhecidos do bairro onde moravam que se envolveram em atos ilícitos. Nesses casos, falam de um lugar distante, como se a juventude não fizesse parte desse momento de suas vidas.

Verifica-se que os resultados dos dados colhidos a partir das entrevistas possuem uma abrangência maior do que as variáveis constantes nos questionários que investigaram as mesmas categorias. As entrevistas reforçaram o viés do serviço obrigatório que, pela análise isolada da variável, poderia fragilizar as inferências. Em sentido oposto, surgem os parentes na BM que, pelos dados resultantes da variável, não representam um motivo de ingresso que mereceria maior destaque.

E quanto à percepção da juventude? O que poderá surgir a partir dos grupos focais?

5.5 Do Roteiro dos Grupos Focais

Conforme planejado em fase de projeto, a técnica dos grupos focais ficou para ser desenvolvida após as entrevistas individuais. A ideia inicial previa um grupo focal no BOE, pela facilidade, pois a tropa é aquartelada e seria mais fácil reunir um grupo de policiais. Porém, em razão das características do BOE (tropa especializada), esta poderia não ser representativa do universo pesquisado, motivo pelo qual foi decidido realizar um dos grupos focais com os soldados do 19º BPM (ingressantes de 2009), uma tropa de policiamento ostensivo e mais representativa da população investigada.

Para o outro grupo focal, foram escolhidos os alunos da turma de soldado do Departamento de Logística e Patrimônio (DLP), ingressantes em 2012. Foram desenvolvidos três encontros com cada grupo, com duração de 1h30min, aproximadamente. Realizou-se a gravação de áudio, devidamente autorizada pelos participantes. Após apresentação,

contextualização e objeto da pesquisa, entregou-se a todos os participantes uma cópia do termo de compromisso livre e esclarecido, sendo ratificado que a participação era voluntária e que dependia somente do interesse de cada um em participar ou não.

O primeiro grupo focal foi desenvolvido com os alunos soldados do DLP. Estes foram consultados quanto ao interesse em participar da pesquisa durante o desenvolvimento do primeiro ciclo do curso de formação de soldados. A consulta foi realizada em outubro, sendo que os encontros ocorreram somente em dezembro de 2012.

Assim como nas entrevistas, a primeira categoria de observações estava centrada nas motivações de ingresso na atividade de polícia militar e nas variáveis relacionadas com as dimensões do trabalho, do tipo: o que esperava encontrar na atividade policial militar; a possibilidade de realização profissional; as condições de crescimento; a possibilidade de conciliar a atividade de policial militar com as outras dimensões da vida.

As observações seguintes ficavam por conta dos eixos que tratavam das categorias necessárias para a comparação com o cenário da juventude brasileira, conforme o referencial teórico.

O primeiro eixo, estudo e trabalho, tratou das seguintes variáveis: se estava estudando, se pretendia voltar a estudar, se trabalhava quando ingressou na BM e quais os fatores que influenciaram na decisão de ingressar na BM (desemprego, remuneração, baixos salários e qualidade da atividade desenvolvida).

O eixo seguinte tratava da independência da família de origem, situação matrimonial e filhos. Neste caso, os tipos de questionamentos buscavam investigar se o integrante do grupo permanecia morando com os pais/responsáveis ou se havia formado um novo núcleo familiar (casando, morando junto, sozinho ou no quartel).

Assim como nas categorias anteriores, esse eixo tratou do lazer e do tempo livre, buscando investigar, de forma indistinta, como os ingressantes gozavam do tempo livre e de que forma se organizavam, enquanto jovens, para as atividades de lazer.

No quarto e último eixo, foi explorada a representação de “juventude”, por meio de perguntas diretas e contextualizações, oportunizando que os integrantes do grupo falassem a partir de suas experiências enquanto jovens e, também, enquanto jovens policiais que trabalham com a juventude em geral e com jovens infratores. As questões foram as seguintes: “como são os jovens de hoje”, “você se considera jovem”, “atividade de polícia e jovens infratores”.

5.5.1 Grupo Focal – DLP

Conforme referência anterior, o primeiro grupo focal foi formado com a turma de alunos soldados do DLP, que ingressaram em setembro de 2012. Em dezembro de 2012, o encontro do grupo ficou definido para as quintas-feiras, após a última aula da tarde. A sala de aula foi organizada com as cadeiras em círculo, ao lado de uma mesa grande onde foram colocadas bolachas, chocolates, sucos e refrigerantes.

Após a contextualização do trabalho a ser realizado, foi solicitado que cada aluno falasse um pouco da sua história pessoal, sendo que a questão central era a motivação em ingressar na PM.

Assim como nas entrevistas individuais, surge nas falas dos integrantes do grupo focal a experiência vivenciada nas Forças Armadas como motivador da escolha da atividade policial militar, a “escolha pela farda”. Mas, mesmo para aqueles que sofreram a influência das relações da caserna, essa passagem nem sempre ocorreu de forma automática, ou seja, o término do período obrigatório ou engajado seguido pelo ingresso como policial temporário e, depois, ingresso como policial militar de carreira.

Houve relatos de outras experiências profissionais antes do ingresso na BM. Para ilustrar, utiliza-se o caso do aluno soldado Santos¹⁴, que pensava em ser jogador de futebol ou modelo. Depois que saiu do Exército, trabalhou como taxista e vendedor, até resolver estudar para entrar para a BM:

Queria uma profissão legal. Minha mãe bancou o curso preparatório. Estava morando em Eldorado do Sul. Durante o curso eu tinha pouco dinheiro, fiz amizade com um colega do curso que tinha um irmão bombeiro. Depois da aula nós almoçávamos com eles (bombeiros) e lavávamos a louça, era uma troca, aí ficava estudando até às oito horas da noite, quando ia para casa para voltar no outro dia para Porto Alegre. (GF, 22/11/12, DLP).

Seguindo o mesmo viés, está o aluno Oliveira: estudante de Ciências Contábeis, ele serviu ao Exército, ingressou como policial militar temporário e passou no concurso de carreira em 2009, mas decidiu não ingressar. “Eu trabalhava num escritório de contabilidade, dessa vez estava decidido, faria o concurso novamente. É a farda que chama mais atenção, a estabilidade.”

Assim como os outros casos, “Limeira” quando saiu do exército, trabalhou como auxiliar de escritório, e somente depois dessa experiência resolveu ingressar na BM como

¹⁴ Os nomes citados neste capítulo são fictícios.

policial militar temporário. “Todo temporário quer ser de carreira. No meu caso particular, gostei bastante da BM, a estabilidade, a remuneração não é pouca, acho que é o conjunto”.

Constatou-se que a maioria do grupo, após a experiência nas Forças Armadas, estava inserida no mercado formal do trabalho, outros ingressaram diretamente na BM, como policial militar temporário. Assim como nos instrumentos anteriores, o grupo focal, quase na totalidade, apresentou-se como integrante da PEA.

Ainda no eixo “trabalho e estudo”, tornou-se presente que vários fatores influenciaram na decisão de ingressar na BM, desde o medo do desemprego, os baixos salários, a qualidade da atividade desenvolvida até a oportunidade de carreira, remuneração melhor e estabilidade.

A maioria dos ingressantes não sabia o que iriam encontrar na atividade policial militar, tinham uma vaga ideia de carreira e de possibilidade de realização profissional. Os concursos internos para sargento e oficial aparecem como projeto profissional. Mesmo na condição de aluno soldado e com pouquíssimo tempo de Instituição, a maioria dos componentes do grupo focal manifestou satisfação pela atividade escolhida. Dois integrantes manifestaram a intenção de prestar outros concursos na área do Direito ou para a Polícia Federal.

Quando o tema tratado foi o estudo, a composição do grupo focal apresentava percentuais da média da população pesquisada quase a metade cursando o ensino superior e, outros, com o ensino superior já concluído. Também foram significativas as manifestações de prosseguir estudando após a conclusão do curso de soldados da BM.

No eixo seguinte, tratou-se da independência da família de origem, situação matrimonial e filhos. Durante o período de formação, uma vez que a maioria absoluta dos alunos é oriunda do interior do Estado, o quartel, em Porto Alegre, passa a ser o seu novo domicílio. As viagens nos finais de semana só ocorrem quando o aluno não está empregado no serviço de guarda do quartel ou nos estágios operacionais, sendo assegurada uma dispensa coletiva, por mês, em caso de normalidade. Em razão do pouco tempo de BM e de ainda estarem com dedicação exclusiva para o curso de formação, ainda não ocorreram mudanças em relação ao novo núcleo familiar ou matrimonial, o que normalmente ocorre depois de formados. Quanto aos filhos, o grupo novamente apresenta as mesmas características da população, somente dois ingressantes possuem filhos.

No eixo “lazer e tempo livre”, questionou-se quanto à possibilidade de conciliar a atividade de policial militar com as outras dimensões de sua vida, sobre o que restou presente que, durante o desenvolvimento do curso, é mais difícil. Contudo, os períodos de folga são divididos entre família, namorada e lazer:

Eu gosto muito de festa né, e ainda mais que eu vim da cidade universitária. Lá tem festa. Fazia muita festa com os amigos e as amigas da geografia, da farmácia, das contábeis. Nos finais de semana. Antes a gente fazia as festinhas da turma lá no campus. Depois a gente fazia mais na casa de um colega. Santa Maria tem festa todo o dia, tem a segunda maluca [...]. (GF, DLP, 13/12/12).

Nos finais de semana, viajam para o interior do Estado para a casa dos pais ou da esposa, quando possível. Antes do ingresso na BM, utilizavam o tempo livre com futebol, pagode, churrasquinho, namorada, *play*, festa, balada e amigos (foram as atividades citadas).

Desde que eu saí do colégio parei com as festas, daí meu pai teve o quarto infarto aí ele não pôde mais trabalhar, aí eu botei as manguinhas para fora e comecei a trabalhar para juntar dinheiro, daí nos tempos de lazer eu tiro um dia para estudar e no outro convido os amigos para jogar uma carta, comer uma pizza, jogar um *play*. Festa..., faz um tempinho que não faço festa. (GF, DLP, 13/12/12).

O eixo “juventude” abordou a percepção dos jovens ingressantes sobre a categoria juventude, a partir de suas vivências antes de ingressarem na BM.

Quando o tema abordado foi “juventude e jovens infratores”, vários componentes do grupo fizeram comparações com os amigos, principalmente com aqueles que seguiram outros caminhos, ou como eles referiram “foram para o lado errado, foram para o outro lado”. As falas foram pautadas com palavras que atribuem ao termo “juventude” valores comportamentais como: batalhar, estudar, evoluir, força de vontade e determinação.

Os ingressantes fizeram relação entre as juventudes e a atividade policial que passarão a desempenhar depois de formados. Destacaram comportamentos que não são compatíveis com a função de policial militar como o caso de um aluno soldado de uma unidade do interior que foi encontrado dormindo em um banco de praça. Também foi comentada a apreensão de um adolescente de 13 anos, filho de mãe alcoolista, pobre, que não frequentava escola e necessitava da intervenção do poder público.

Desse último fato, foram destacadas as questões sociais, a estrutura familiar e a formação dos policiais militares antigos como mais truculenta, em contraste com a formação atual, mais voltada para a técnica. Surge o debate e os posicionamentos discordantes, polarizando o grupo entre a responsabilização do sujeito ou da conjuntura social e familiar. Os argumentos dos que responsabilizavam o sujeito ficavam por conta daqueles valores comportamentais, tais como força de vontade e determinação. “Força de vontade,

determinação, empenho, objetivo é o que move. Sacrifício, outros valores. Os jovens estão acostumados com mais facilidade. Enquanto uns buscam trabalho, outros preferem jogar futebol.” (GF, 22/11/12, DLP).

O outro ponto de vista centrado na conjuntura social e familiar destacava a importância da base familiar, principalmente na primeira infância, inclusive para dar limites e a estrutura material necessária para que eles chegassem aonde chegaram.

Para exemplificar o seu posicionamento, um aluno divide uma situação muito pessoal que somente cinco pessoas tinham conhecimento: “eu vou falar uma coisa particular minha, meu pai foi viciado em *crack*, há dois anos ele foi internado em uma clínica.” Apareceu muito a questão do apoio familiar e do incentivo para o crescimento.

[...] meus pais se separaram quando eu tinha oito meses. Fui criado somente pela mãe, ela foi minha base familiar; fui criado próximo a uma vila. Minha mãe me incentivou a estudar. Minha primeira profissão foi aos 19 anos, com o serviço militar no exército, por cinco anos. Meus amigos... um está preso por tráfico, dois estão casados, assalariados, sem estabilidade, e um estuda e mora com os pais.” (GF, 22/11/12, DLP).

Vários trouxeram a questão de serem filhos de pais separados, criados pela mãe, conforme segue:

[...] depois que meus pais se separaram e aí eu, eu tive que batalhar, até demorei pra cair na realidade, porque até então eu queria fazer festa, sei lá, é natural da gente quando o cara é jovem assim, mas depois que eu parei assim, e comecei a refletir, não foi num dia, foi meses assim, comecei a parar para pensar: eu tenho que dar um jeito na minha vida, senão eu vou ficar para trás, alguns amigos meus, mais velhos, já tinham ido para a EsSA, para o Exército, e outros foram pra trás, eu disse: tchê, eu tenho que escolher ou vou por esse caminho aqui ou vou por esse caminho aqui, parei com as festas, pedi ajuda para o meu pai e a minha mãe que eu queria estudar. (GF, 22/11/12, DLP).

Também apareceu de forma significativa a relação com os antigos amigos a partir da função de policiais militares, como passaram a ser vistos, o que os amigos esperam do comportamento deles e a forma como eles pretendem agir se um dia voltarem para a cidade natal.

[...] eu tinha um círculo de amizade muito boa... Se eu voltar para o interior, vou ter que cobrar dessa juventude que cresceu comigo, eu tenho certeza que os caras gostam de carro rebaixado, eu gosto, só que não vou poder mais fazer, eu gosto de tomar minha cervejinha, mas agora vou ter que voltar a pé ou de táxi, e se enxergar alguém errado

vou ter que cobrar, se for meus amigos, vou ter que cobrar do mesmo jeito, eu, eu mudei, se eles não mudaram, o problema é deles, eu voltei e vou cobrar. (GF, 22/11/12, DLP).

Quando falam de si e narram suas trajetórias, percebe-se que o grupo não é homogêneo; poucos são os que tiveram a oportunidade de somente estudar para, depois, ingressar no mercado de trabalho. Contudo, a diferença também merece destaque:

Eu tinha muita facilidade com estudo. Eu sempre estudei em colégio particular, daí, no início, eu queria fazer agronomia, mas depois vi que não era aquilo que eu queria. Daí eu disse: oh mãe! Ou eu vou pra polícia ou vou ser piloto. Dos 17 aos 19 anos eu estudei bastante na aviação. E hoje, no caso, meus amigos ficaram parados no tempo e eu evolui, já atingi um bom salário. Eu não concordo que ganhei tudo de mão beijada, eu tenho um irmão que tem duas faculdades e nunca trabalhou. (GF, 29/11/12, DLP).

Ao finalizar as análises desse primeiro grupo focal, pode-se destacar, da categoria “motivação de ingresso”, que: Santos, Oliveira e Limeira serviram às Forças Armadas e que, após saírem do serviço obrigatório, ingressaram no mercado formal do trabalho. Santos nunca sonhou em ser policial; queria ser jogador de futebol ou modelo. Foi taxista e vendedor. Queria uma profissão legal e decidiu entrar para a BM. Oliveira gostava da farda, fez o concurso para a PM de Santa Catarina, passou nas provas, mas, rodou no exame médico. Passou no concurso da BM em 2009, mas desistiu. Prestou o concurso novamente e fez a escolha pela farda. Ganhava bem no escritório de contabilidade, porém, não tinha segurança e estabilidade. Limeira trabalhou de auxiliar de escritório, mas largou para entrar como temporário na BM e, “como todo temporário quer ser de carreira”, fez o concurso para soldado de carreira. Além de gostar da função, “[...] tem um bom salário, estabilidade, enfim é o conjunto”. A fala deste último ingressante sintetiza a ideia central que permeou esse grupo focal; foi esse conjunto de fatores a motivação de ingresso na BM.

Na categoria “juventude”, um fato que apareceu com destaque na fala dos ingressantes foi a situação de filhos de pais separados, criados somente pela mãe como se essa situação acabasse por impor uma obrigação de “dar certo”.

O grupo se divide em três blocos distintos quanto à forma de perceber a juventude: o primeiro modo de percepção é positivo, “Ser jovem é o cara ser entusiasmado, ter sempre um objetivo, não parar, não estagnar, vontade de vencer e conquistar algo melhor”. A segunda forma de percepção remete a uma juventude que já passou, relacionada ao tempo livre, sem

tanta responsabilidade: um tempo voltado para os estudos e para o lazer. A terceira forma de percepção identifica o termo “juventude” com aqueles jovens (os outros) que enfrentam problemas de estrutura familiar, econômicos e sociais e, também, com os que responsabilizam o sujeito.

5.5.2 Grupo Focal – 19º BPM

O segundo grupo focal foi formado com os ingressantes de 2009, integrantes do Pelotão de Operações Especiais (POE) do 19º BPM. O primeiro encontro ocorreu em 28 de dezembro de 2012, e os seguintes, no início de janeiro de 2013.

Os encontros foram realizados no alojamento do pelotão. Um local pequeno, onde ficavam seus armários, algumas cadeiras, um banheiro e uma pequena cozinha. O primeiro encontro havia sido agendado com o comandante do pelotão, o qual procedeu na apresentação do pesquisador ao grupo que, aos poucos, foi se organizando na pequena dependência. Após a saída dos policiais que não participariam do grupo focal, foram explicitadas as atividades a serem desenvolvidas, com destaque para a necessidade da participação voluntária.

O grupo apresentava as mesmas características dos ingressantes de 2012, quais sejam: maioria absoluta das regiões de fronteira do interior do Estado e que ingressou na BM após o serviço obrigatório nas Forças Armadas. Quase a metade do grupo ingressou como policial militar temporário e, outros passaram por atividades no setor de serviços. Conforme relatado: “Cidade de fronteira é comércio e Exército, ganha pouco e trabalha muito. Concurso da Prefeitura é concorrido, é sempre disputado e se ganha pouco.” (GF, 28/12/12, 19º BPM). Com o término do serviço obrigatório ou do tempo engajado, surge a função de policial temporário ou de carreira como opção de continuar na atividade militar. “Eu já acho que tem influência do Exército, eu acho que se não consegue seguir no Exército, entra para a brigada.” (GF, 18/01/13, 19º BPM).

Importa destacar que, para ingressar como policial militar temporário, o requisito obrigatório é ser reservista das Forças Armadas do último ano, ou seja, o jovem não pode ter um afastamento superior a um ano do serviço militar para poder ingressar na BM como policial militar temporário. A vantagem é que, para essa função, só é exigido o ensino fundamental, podendo permanecer por até três anos na atividade.

Quanto às motivações de ingresso, o grupo foi bem direto: “Entrei por causa da estabilidade, para poder fazer outro concurso, acabei gostando, não saio mais.” (GF, 28/12/12, 19º BPM). Ou, ainda: “Eu fiz só para ser concursada. Não pretendo voltar para o interior.

Estou fazendo curso superior em Administração, mas vou mudar para o Direito, para fazer o concurso para Oficial da BM.” (GF, 28/12/12, 19º BPM). E também: “Tem cidade no interior que não tem emprego, aí tu trabalha numa empresa e eles te chutam, não tem estabilidade.” (GF, 18/01/13, 19º BPM).

A fala dominante, ou as histórias pessoais do eixo “trabalho e estudo” se repetiram; as características foram semelhantes, ou seja, quase a totalidade de egressos das Forças Armadas, sendo a única exceção uma soldado feminina. Dentre as motivações ou fatores que influenciaram na decisão de ingressar na BM, aparece o conjunto onde constam: oportunidade de emprego com melhor remuneração, carreira, plano de saúde (IPERGS), qualidade da atividade desenvolvida, estabilidade e visibilidade.

O bom da Brigada, que diferente do Exército, que eu vejo, é que a Brigada te proporciona isso, dentro da carreira né, tu fica soldado a vida toda se tu quer né, se tu quer se dedicar, no mínimo dos mínimo, se tu estudar, tu sai sargento, se se esforçar né, apesar que eu acho que é bastante tempo sete anos, pra fazer pra sargento né, devia ser cinco anos, até menos, quem tem capacidade estuda,[...] muitos reclamam da vida de soldado, muitos reclamam da Brigada, mas eu trabalhava numa firma antes de vir pra Brigada, ganhava quinhentos reais, pegava às cinco da manhã e largava às onze, que não tinha plano de saúde, não tinha hora-extra, não tinha nada, tudo no amor, né, se tu vai reclamar, eles dizem tá achando ruim, assina aqui e vai. (GF, 28/12/12, 19º BPM).

Quando o tema foi “estudo”, o resultado foi mais tímido do que o da turma de 2012. Somente dois dos integrantes do grupo estão com os projetos de estudo em andamento. Os outros ingressantes manifestaram dificuldades para voltar a estudar neste momento de suas vidas. Esse quadro parece refletir a realidade dos policiais militares em geral: somente a exceção permanece estudando. Muitos manifestaram a vontade de continuar os estudos, porém, estão priorizando outros projetos, principalmente os que envolvem a aquisição de bens materiais. “Não tenho tempo, preciso trabalhar para adquirir as coisas, venho de família pobre. Faço bico.” (GF, 18/01/13, 19º BPM).

Quanto à possibilidade de realização profissional, o grande grupo se manifestou satisfeito com a atividade; alguns se dizem realizados, outros reclamaram do plano de carreira, que impede a participação dos novos ingressantes no concurso para sargento antes de sete anos de serviço. Manifestaram, também, que o concurso é difícil, muito concorrido na forma como estão sendo distribuídas as vagas (70%, antiguidade), restando somente 30% para o concurso. “É mais concorrido que vestibular para medicina.” (GF, 18/01/13, 19º BPM).

Quando a categoria a ser investigada tratou de independência da família de origem, situação matrimonial e filhos, esse grupo apresentou as seguintes características: somente um policial militar manifestou interesse em retornar para o interior do Estado, para a casa dos pais. Nesse caso, como em outros semelhantes da população estudada, a motivação para retornar fica por conta da necessidade de acompanhar os pais com idade avançada, de doença na família, entre outros.

Com apenas três anos de atividade policial, mais da metade do grupo estudado está casado ou em relação estável. Os outros moram sozinhos, ou dividem aluguel com colegas, nas imediações do quartel, ou seja, não retornaram para o núcleo de origem e permanecem sem filhos. Pode-se inferir que a tendência (até o terceiro ano) é que a maioria dos ingressantes não retorne para o núcleo familiar de origem, formando um novo núcleo pelo matrimônio ou, simplesmente, assumindo uma relação estável e passando a morar junto com a companheira. Nesse primeiro momento, os filhos não aparecem como projeto imediato.

Faz seis meses que ela começou a trabalhar, ela não gosta muito daqui porque é muito agitado. Aqui ela depende bastante de mim para se locomover. Por isso que eu pretendo voltar para Passo Fundo, já pensei em ter filho, mas só quando retornar, aqui não tem familiar para acompanhar ela. (20/07/12).

No eixo “lazer e tempo livre”, ficou delineado que a rotina desses jovens gira em torno da atividade que desempenham; nos momentos de tempo livre, praticam esporte (futebol, natação e musculação) ou ficam em casa, descansando, assistindo à televisão. Não foram citados programas como cinema e teatro. Viajam para o interior para a casa dos pais ou parentes com menos frequência que nos anos anteriores.

Acredita-se que a resposta foi positiva quando questionados sobre a possibilidade de compartilhar as outras dimensões da vida com a atividade de policial militar, em razão de que, nesse grupo, a atividade paralela “bico” não apareceu de forma dominante.

Tal grupo, diferente do grupo focal do DLP, apresentou suas percepções sobre a categoria juventude como “problema”, possivelmente em razão da própria experiência de trabalharem em uma área com sérios problemas sociais, muita pobreza, violência e tráfico de drogas. Veja-se:

[...] a maioria que vem são jovens. A nossa área tem bastante ponto de drogas. Eu tenho um filho e me preocupo muito com esta questão. E não é feito nada para coibir. Estão querendo aprovar a maconha, a mídia faz apologia, acham o uso normal. Na minha cidade que é bem pequena, tu não ouvia falar em drogas, três anos atrás não tinha *crack*, agora tem um monte de gente viciada em *crack*, esse é meu ponto de vista da juventude de hoje. (GF, 28/12/12, 19º BPM).

Interessante é a percepção deste policial militar, que avalia o processo de amadurecimento dos jovens ingressantes na BM pelo tipo de atividade que se deparam no dia-a-dia:

Na verdade no meu ver tem guri mais novo que vai entrar, eu creio que esse pessoal que entra novo na Brigada pega um amadurecimento bem mais rápido do que o paisano. Tem cara que entra na Brigada às vezes pode até ser um criança, mas a rotina em si te leva a amadurecer bastante. Tu começa a se deparar com situação de drogas, não tem classe social, atinge o mais humilde ao mais alto, é um negócio que nunca vai ter fim. Todo dia tu vai na Conceição, na Tucá, vai prender bastante droga, prender gente, e depois vai ter outro ali vendendo, é um ciclo, né. Às vezes tu prende o cara e ele sai antes de ti da DP. Enquanto não mudar as leis. Andar com arma hoje, é, é, é... (GF, 28/12/12, 19º BPM).

Também apareceu a crítica ao que está sendo valorizado pela Corporação BM, como se, ao valorizar o policiamento comunitário e a própria comunidade, o Comando estivesse menosprezando o trabalho realizado pelo POE do Batalhão.

[...] hoje em dia muito voltado, a Brigada está voltada para a polícia comunitária, e não sei o quê, não sei o quê, a ideia é legal, mas só que em contrapartida têm uns que pensam que só isso vai resolver, mas na verdade não é, tem que ter os dois lados, o docinho, pra poder, pra poder dar o equilíbrio se não tiver o que bate, que vai na repressiva, que prende e coisa, no outro dia vai o traficante e chuta a bunda do brigada, ali na Bento. Se hoje em dia tem o policial no Rio Grande do Sul, o policial que é respeitado é porque tem 'os pelotão' que fazem esse papel direto aí nas vilas, de ir lá e prender. (GF, 28/12/12, 19º BPM).

Com pouco tempo de Corporação, parte dos jovens brigadianos já demonstra certo desgaste emocional em razão da exposição diária às mazelas das comunidades assoladas pelo tráfico: “É desmotivador, né, a própria mãe do cara, do adolescente, não tem mais esperança

nele, diz pra levar pro DECA e ela nem aparece lá. E têm outros que pelo simples fato de pegar e apreender ele larga fora”.

[...] a gente tenta, repreende só na conversa, a gente fala: ô, meu, larga isso tu só está alimentando o tráfico, tu só está dando dinheiro para eles, que cada vez cresce mais. Não adianta falar. Aí cai nos colégios, eles acham bonito, aumenta o número de viciados, acho que está perdida a coisa, não vai ser fácil, mas a gente tenta, repreende. (GF, 28/12/12, 19º BPM).

O sentimento que os jovens policiais passam é de impotência, percebem a missão como necessária, mas acham que não é reconhecida nem pela própria Corporação. Relatam que o Comando vem recebendo pessoas no quartel que foram reclamar dos policiais que as prenderam. “Aí, eles chegam lá e são recebidos com cafezinho e tudo mais, e nós nem somos ouvidos, só vamos responder depois as sindicâncias, os IPM.”

Encerra-se esta longa apresentação dos dados obtidos em campo e das análises produzidas com a sensação de que o desenho do perfil ainda está embaçado e os contornos, pouco nítidos. A explicação fica por conta da questão metodológica: este capítulo ficou restrito aos dados empíricos, é a base, o material para as comparações com o “Perfil da juventude brasileira”. As costuras e reflexões com o material teórico aparecem nos capítulos seguintes.

5.6 As aproximações e distanciamentos dos perfis dos jovens brasileiros e brigadianos

Nos capítulos anteriores, foram apresentados os elementos considerados constitutivos da condição juvenil, os processos que definem a transição para a vida adulta e os resultados das pesquisas empíricas, tanto da juventude brasileira quanto dos jovens ingressantes na BM.

Os dados das categorias selecionadas da pesquisa Juventude brasileira, juntamente com os dados dos jovens ingressantes na BM, possibilitaram desenhar os contornos do perfil da juventude brigadiana, resultando em momentos de aproximações e distanciamentos, conforme será descrito neste capítulo.

Os dados, a seguir colecionados, serviram de parâmetro para os dados coletados na pesquisa empírica e para a reflexão proposta. Contudo, de acordo com Abramo (2005, p. 46) “[...] é importante relativizar os marcos apresentados, uma vez que as histórias pessoais, condicionadas pelas diferenças e desigualdades sociais, produzem trajetórias diversas para os

indivíduos concretos.” Situação que será destacada por ocasião da apresentação das reflexões e considerações finais. Com base no que já foi apresentado sobre os temas “juventude e trabalho”, verifica-se que o tema trabalho é central para a maioria absoluta dos jovens adultos, com idade entre 21 e 24 anos.

No capítulo anterior, foram apresentadas as atividades nas quais as vidas dos jovens estão centradas (tais como a família, a escola, o trabalho e o lazer), quando se destacou que as relações entre estudo e trabalho são variadas e complexas. Segundo a análise realizada por Abramo (2005, p.45), mais da metade dos jovens que estão trabalhando ou procurando trabalho estuda (57% e 73%, respectivamente). É importante destacar que esses percentuais referem-se somente a 64% da amostra pesquisada e inclui jovens de 15 a 24 anos, ou seja, a grande maioria não concluiu o ensino médio, e alguns nem o ensino fundamental. Esse percentual é reduzido para 43%, quando se refere à faixa de idade dos 21 aos 24 anos.

Os jovens ingressantes na BM, somando-se os percentuais de respondentes que concluíram o ensino superior com os que estavam cursando, alcançam os 48%. Os outros quase 52%, após a conclusão do ensino médio, estavam trabalhando e, alguns, se preparando para os concursos. Conforme já apresentado, 90% dos ingressantes faziam parte da PEA. (ver gráfico Apêndice L e R).

Entre os jovens com mais de 20 anos, segundo Abramo (op. cit., p. 51), “[...] é o trabalho que ocupa a maior parcela (mais de 90%, se somados os que estão trabalhando com os que estão em busca de trabalho), enquanto o estudo é usufruído por cerca de menos da metade do grupo etário, 43%.”. Esses dados, face às características da população da pesquisa realizada, foram confirmados, ou seja, mais de 90% dos ingressantes faziam parte da PEA. Contudo, a diferença é que os ingressantes, em sua grande maioria, concluíram o ensino médio dentro da idade prevista, ou seja, até os 18 anos.

Quanto à independência da família de origem, no cenário nacional, apresenta-se o dado de que a grande maioria dos jovens brasileiros é solteira (78%). Poucos jovens solteiros são independentes; somente 3% se declaram chefes de família, segundo Abramo (op. cit., p. 46-47). Dos ingressantes, 44% moravam em casa própria ou alugada, sendo que somente 19% são casados. Os outros 50% moravam com os pais. Pode-se concluir que os 19% casados são chefes de família e os outros 25% possuem autonomia do núcleo familiar de origem. Um quadro bastante diferente da juventude brasileira; porém, deve-se novamente destacar que os ingressantes na BM estão concentrados na faixa de jovens adultos.

O perfil dos jovens ingressantes se assemelha ao perfil dos jovens brasileiros no que se refere ao estado civil. Mesmo fazendo parte do recorte dos jovens adultos, com idade entre 21 e 24 anos, a grande maioria é solteira, atingindo um percentual de 80,8%.

De acordo com Abramo (op. cit., p. 47), esses dados estão em consonância, com as tendências reveladas por estudos atuais, os quais indicam que, cada vez mais, os jovens vivenciam certos elementos de “transição para a vida adulta”, tais como sexualidade dissociada da função reprodutiva, sem realizar a independência da família de origem. Ainda segundo a autora (op. cit. p. 59-60), “[...] confirmando tendências de prolongamento da relação de dependência da estrutura dos pais, a pesquisa demonstra que poucos jovens que ainda moram com os pais têm perspectiva ou mesmo desejo de sair da casa paterna.”.

Dos jovens que ingressaram na BM, 50% “moravam com os pais”; 22% moravam em residência alugada e, também 22% dos respondentes, possuíam casa própria. Infere-se, conforme os dados das entrevistas e do grupo focal, que há uma tendência relativamente alta de o jovem sair da casa dos pais após o curso de formação de soldados. Os motivos são diversos, desde trabalhar longe do município de origem até as oportunidades dos grandes centros urbanos. A outra metade já estava morando por conta própria. No grupo focal dos ingressantes de 2009, somente um policial, entre dez, manifestou interesse em retornar para trabalhar no interior do Estado. Os outros ingressantes destacaram as oportunidades que os grandes centros proporcionam, tais como emprego para o cônjuge, instituições de ensino e outras facilidades.

A questão sobre a condição de maternidade/paternidade dos ingressantes na BM apresentou que 86,8% não possuíam filhos antes de ingressar na BM, um percentual maior do que o percentual daqueles que responderam, para estado civil, “solteiro” (80%). Assim, tem-se um percentual de jovens que já estavam casados ou em união estável e não possuem filhos. Na pesquisa nacional, consta que 9% de jovens com filhos possuem nível superior de ensino, percentual que aumenta na medida em que reduz a escolaridade, chegando a ultrapassar 30% para os jovens com o ensino fundamental incompleto. No caso dos ingressantes, os 13,2% que possuem filhos cursaram, no mínimo, o ensino médio. Os jovens que ingressaram na BM acompanham o perfil da moderna condição juvenil, ou seja, a possibilidade da vivência de uma sexualidade ativa, dissociada da função reprodutiva, inclusive entre os casados, como já foi analisado.

As atividades de lazer e entretenimento, (ABRAMO, 2005, p. 54) ocupam parte considerável do tempo livre dos jovens. Inquiridos sobre a atividade com a qual mais se ocupam nos fins de semana, revelam a alta importância que conferem à circulação e ao

desenvolvimento da sociabilidade ligada à diversão: em respostas espontâneas e únicas, 78% deles apontam atividades realizadas fora de casa, a maior parte (45%) de lazer e de entretenimento.

A partir de uma questão de múltipla escolha, o ingressante poderia marcar até quatro alternativas, razão pela qual o total dos percentuais apontados ultrapassa os 100%. As alternativas com maior percentual de escolhas foram: “praticando esportes”, com 78,4%; seguido por “amigos”, com 68,4% e, na sequência, “namorando”, com 61,4%. Ainda aparece “dormindo”, com 21,3% e “jogos eletrônicos”, com 20,4%. (ver Apêndice EE).

Diversamente da juventude brasileira para a qual, segundo Abramo, (op. cit., 68), “As dimensões de aproveitamento da vida aparecem com mais força do que aquelas relativas à preparação para o futuro”, os jovens brigadianos valorizam os espaços para diversão, mas estão focados nos projetos pessoais e para o futuro próximo. Uma questão que apareceu nos grupos focais de forma surpreendente, em razão da idade dos informantes, foi o projeto de casar e de ter filhos ou encontrar um parceiro ou parceira para casar.

5.6.1 Contornos do Perfil da Juventude Brasileira

Com base nos dados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, a região Sul abriga 13,7% ou 4,75 milhões dos jovens do país. Destes, 75% são brancos, 9% pardos, 8% negros e 2% indígenas. Quanto ao estado civil, a grande maioria dos jovens pesquisados é solteira (79,0%) e 22% dos jovens possuem filhos. Somente 3% são chefes de família. De cada dez jovens, nove são oriundos do sistema público de educação. O percentual de jovens com curso superior incompleto ou completo (13%) é maior que a média nacional. Porém, somente 43% dos pesquisados com idade entre 21 e 24 anos, encontravam-se na condição de estudantes. Dos pesquisados, 76% já faziam parte da PEA; 36% trabalhando e 40% em busca de trabalho. Além disso, um percentual significativo de jovens sem vínculo empregatício e/ou baixa remuneração e um percentual de 50% que moravam com os pais. As famílias com renda mensal não ultrapassam cinco salários mínimos. Na grande maioria, são adeptos de uma religião. Nas atividades de lazer e de entretenimento, o tempo livre aparece ligado à diversão (78%). Desses 78%, 45% estão relacionados a lazer e entretenimento.

5.6.2 Esboço do Perfil dos Ingressantes

Com base nos dados produzidos nesta pesquisa, é possível inferir que os jovens ingressantes na PM do Estado do Rio Grande do Sul, no cargo de soldado, possuem em média 23 anos de idade, mais de 80% do sexo masculino e, predominantemente, brancos, (86%). Quanto ao estado civil, mesmo fazendo parte do recorte de jovens adulto, 80,8% são solteiros e somente 13,2% possuem filhos. De cada dez candidatos, nove são oriundos do sistema público de educação. O percentual de ingressantes com curso superior completo é maior que o índice nacional. Mais da metade dos ingressantes serviram Forças Armadas e 90% dos respondentes já faziam parte da PEA. Mais de 60% possuíam veículo automotor e 80% possuíam acesso à internet. Assim como a juventude brasileira, 50% moravam com os pais. As famílias são formadas, em média, por três membros, dos quais dois mantêm a renda mensal, que não ultrapassa cinco salários mínimos. São adeptos de uma religião, mas não são praticantes. Os pais, em sua maioria, não concluíram o ensino médio e desenvolveram suas atividades profissionais nos setores público, privado (serviços) e no campo.

5.6.3 Aproximações e Distanciamentos

Quando o tema é “trabalho”, deve-se considerar, conforme Lassance (2005, p. 83), que existe uma grande variação regional quanto às condições de emprego e estratégias para conseguir emprego. Nesse sentido, os dados referentes à região de origem dos ingressantes aponta uma tendência significativa, relacionada à oferta e à qualidade das oportunidades de emprego. Esses dados aparecem nos grupos focais, principalmente na fala dos ingressantes oriundos das regiões de fronteira, onde é menor a oferta de emprego.

Comparando os percentuais referentes à PEA, constata-se que a diferença é significativa porque a juventude ingressante na BM é o produto de filtros de seleção desse grupo maior. Quando o tema é o “estudo”, ilustra-se com a situação dos policiais militares temporários, que são necessariamente egressos das Forças Armadas, e dos quais é exigido somente o ensino fundamental. Se por um lado muitos desses jovens, ao concluírem o serviço obrigatório, não podem disputar uma vaga para o cargo de soldado de carreira, a atividade de policial militar temporário possibilita o acesso a uma atividade remunerada e às condições de seguir estudando até concluir o ensino médio. Assim, prestar o concurso para soldado de carreira ou buscar outras atividades em melhores condições de disputa passa a fazer parte dos projetos pessoais desses jovens.

Conforme os dados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, somente 33% dos jovens brasileiros, pelo grau de escolaridade, poderia fazer parte do grupo de ingressantes na BM. Esse percentual aumenta para 38% se considerar somente a região Sul. Então, quando se busca uma aproximação entre a juventude brasileira e a brigadiana, isso é feito por meio desse recorte que abrange somente 38% dos jovens brasileiros que estudam.

Quanto à “independência do núcleo familiar de origem”, é possível inferir que o ingressante, ao procurar a Instituição BM, em razão do tipo de atividade, reflete um movimento de autonomia, pois, na maioria das vezes, são os primeiros passos para o afastamento do núcleo de origem, a saída da casa dos pais ou responsáveis. O afastamento provocado pela BM, ocorre em razão da localidade das escolas de formação ou resulta da classificação após o curso que, na maioria das vezes, não coincide com a cidade natal do ingressante.

Quanto aos “filhos”, assim como na pesquisa nacional¹⁵ o percentual de jovens que são pais é significativo, mas não é predominante, 13,2% dos ingressantes na BM e 22% dos jovens brasileiros. Como já foi visto, esse percentual é menor do que o número de jovens casados.

Nas atividades de “lazer e entretenimento”, o tempo livre aparece estar ligado à diversão (78%). Desse percentual, 45% correspondem a lazer e entretenimento. Os ingressantes na BM concentraram suas respostas nas alternativas: “esporte”, “amigos” e “namorando”, mas também citaram de forma expressiva “jogos eletrônicos” e “dormindo”.

Ao encerrar este capítulo, questiona-se: foram relevantes as categorias escolhidas para o delineamento do perfil dos ingressantes? Foi possível a comparação com o perfil da juventude brasileira? De maneira sintética, pode-se afirmar que as categorias escolhidas serviram como referência para as comparações realizadas, na medida em que foram apontadas as fronteiras, os contornos, o tamanho, os tipos e as preferências, as situações e condições dessa coorte da juventude brigadiana, que faz parte de um universo maior, mas que possui características próprias.

¹⁵ Pesquisa Nacional: “Perfil da juventude brasileira”, Projeto Juventude do Instituto Cidadania.

6 CONSIDERAÇÕES

“É notoriamente muito mais difícil detectar uma mudança gradual, pois junto com nossa elevada sensibilidade a mudanças rápidas vem também o fenômeno da acomodação.”

(Gregory Bateson)

Destacou-se que, no início do século XX, a preocupação principal da BM consistia em alfabetizar as suas Praças e que, no final do século passado, o destaque ficou por conta do PNSP e da MCN como política de Estado, em nível federal, para a formação profissional dos policiais.

Se, em tempos pretéritos, a formação e a qualificação dos policiais militares foram tratadas *intra murus*, porque o tema “segurança pública” era assunto somente de polícia, hoje são as próprias Instituições policiais que pregam a participação dos demais setores públicos e privados e do próprio cidadão no enfrentamento e na resolução das questões de segurança que afligem essa mesma sociedade.

Com esse entendimento questiona-se: porque considerar importante a mudança do perfil dos ingressantes no cargo de soldado de polícia militar, a partir da coorte juventude?

A resposta não é simples, porque o problema também não é simples. Inicialmente, sustenta-se a relevância do problema de pesquisa, em razão da necessidade de se fazer conhecer o público que é formado para servir, mesmo com o risco da própria vida, a sociedade da qual fazemos parte.

Outro fator também relevante diz da dificuldade de se perceber a mudança gradual do fenômeno observado, agravado pela inexistência de trabalhos com abordagem semelhante produzido pela Corporação ou pelas Academias. Como construir um projeto regional/local de modelo policial militar e produzir reflexões que sustentem a reformulação de currículos específicos, desconsiderando as especificidades dos sujeitos deste processo? Nesse sentido, destaca-se que as questões, que antes faziam parte de um rol de suposições, sustentadas somente pelo senso comum dos profissionais da Instituição, passam agora a valer-se de uma pesquisa que se propôs, de forma exploratória, a traçar os contornos iniciais do perfil dos ingressantes na BM.

De outra banda, para além dos muros dos quartéis da BM, também é ofertado um material que possibilita às Academias e à sociedade civil de modo geral, conhecer um pouco sobre o perfil dos profissionais que representam a BM, nas diversas atividades típicas de polícia ostensiva.

Dar visibilidade a essa juventude é valorizar a coorte que traz em si a potência do novo, o vigor, a energia, e a vontade de acertar. Acredita-se, também, na qualificação da gestão dos processos de ensino e de aprendizagem da BM, na medida em que essa juventude, os novos policiais militares passam a condição de sujeitos do processo formativo. Dessa forma busca-se contribuir para uma sociedade mais justa e mais segura.

Nesse sentido, objetiva-se que o processo de desvelamento da juventude brigadiana e dos jovens, de uma maneira geral, com suas características e potencialidades próprias dessa coorte, passem a fazer parte da agenda das políticas de gestão de ensino da BM. Dessa maneira, a Instituição que transforma essa juventude, por meio das suas ações formativas, ao buscar conhecer e entender essa coorte em específico, também se transforma, qualificando seus serviços junto à comunidade.

Com esse processo, objetiva-se sensibilizar os gestores da BM para o fato de que mudou o modelo policial militar, que os jovens mudaram e que, o alcance dos resultados esperados pela sociedade e pela própria Instituição passa pela superação do modelo tradicional de formação e de suas contradições éticas e pedagógicas.

A partir da Educação para a Paz insistiu-se na necessidade de buscar a coerência entre os fins e os meios a empregar, nesse caso, entre a finalidade de formar pessoas democráticas e comprometidas com a democracia e os meios e estruturas a construir para alcançar esses fins. (JARES, 2002, p. 194).

Com o programa atual, espera-se que o jovem policial seja um mediador de conflitos, tenha um comportamento proativo, defenda direitos e promova a cidadania. Para tanto, é fundamental que se desenvolva um modelo de formação (relações e processos) e currículo (conteúdo) que privilegie valores, competências, comportamentos e atitudes, comprometidas com uma ética cidadã.

As limitações da pesquisa e as dificuldades encontradas ficaram por conta da inexistência de banco de dados que subsidiassem informações para servir de parâmetro sobre o perfil dos ingressantes na BM. De outra sorte, registra-se que as limitações da pesquisa, em grande parte, refletem as limitações do pesquisador, o tempo exíguo, e a trajetória

profissional, pois, se por um lado, fazer parte do sistema auxilia na compreensão do problema, por outro, tende a tencionar os dados em razão dos pressupostos deste mesmo pesquisador, conforme explicitado no capítulo da metodologia.

Por conta do objeto de estudo, ficam as limitações derivadas de sua complexidade e dos inúmeros vieses possíveis de serem explorados, inclusive com maior profundidade e consistência. Dessa forma, segundo Sposito (2005, p. 88) é importante ter presente que “[...] sempre estaremos lidando com o caráter provisório dos resultados e com a necessidade de novas perguntas e outros estudos.” Após elencadas as limitações e dificuldades, incluindo o caráter provisório dos resultados, a pergunta que se impõe é: o problema de pesquisa foi solucionado?

A resposta é afirmativa, sim, a resolução do problema proposto começou com o trabalho sempre vigilante da professora orientadora e da contribuição generosa dos professores que participaram da banca que qualificou o projeto desta pesquisa. Os apontamentos foram fundamentais para a delimitação do objeto pesquisado.

Após serem realizados os ajustes necessários no projeto, como a limitação do objeto da pesquisa, o caminho percorrido para alcançar os objetivos foi balizado pelas seguintes questões: pressuposto da mudança da composição do efetivo ativo da BM, que passa a contar com uma força de trabalho muito jovem. Esse pressuposto se confirma com os resultados da média de idade do ingressante (23 anos) e com as informações relativas aos últimos concursos aprovados, que totalizam mais de 7 mil soldados, devendo somar mais 2 mil no próximo ano. Se considerar a faixa etária até os 29 anos, esse número chega a quase dois terços do efetivo existente.

Com base no referencial teórico, foi apresentada a categoria “juventude” a partir das experiências de vários autores contemporâneos e dos vários sentidos que o termo encerra, tais como uma etapa do ciclo de vida, de transição, e também como uma categoria “[...] social e econômica e com a abstração de uma qualidade referente ao ‘novo’,” conforme Dal Molin (2011, p. 140).

Ao discorrer sobre a juventude brasileira e a juventude brigadiana a partir dos processos clássicos de transição para a vida adulta e das atividades nas quais suas vidas estão centradas, tais como trabalho, estudo e lazer, acredita-se ter resolvido um dos objetivos específicos proposto na pesquisa, na medida em que foram delimitados os parâmetros de comparação, auxiliando na resolução do problema.

Outro trajeto investigativo foi: em que medida os jovens procuram a BM em busca da inserção por meio do trabalho? Essa questão se origina do pressuposto de que a falta de

oportunidade de trabalho, para a coorte estudada, seria a motivação de ingresso na Instituição. Porém, conforme os dados resultantes (Apêndice R) 90% dos jovens faziam parte da PEA antes de ingressarem na BM. Logo, pode-se inferir que não foi a falta de trabalho remunerado (emprego) que os levou a procurar a BM. Mas, se a coorte estudada não estava atrás de emprego, o que buscavam?

Realizado o cruzamento dos dados obtidos no questionário, nas entrevistas e nos grupos focais, a categoria referente à motivação de ingresso é desvelada na medida em que sugere a comunhão de vários elementos, sendo que alguns fatores adquirem maior relevância em razão do momento vivido e das relações, como no caso dos egressos do serviço militar obrigatório que representam 50% do total dos ingressantes. O que resultou da categoria “motivação de ingresso”? Resultou que a variável “estabilidade” aparece como a motivação para a maioria dos ingressantes, nas três opções, refletindo como uma resposta para a “incerteza do futuro” e a preocupação com o desemprego, conforme apontado também na pesquisa “Perfil da juventude brasileira.” A segunda e terceira motivações “primeiro concurso” e “remuneração” sugerem que esses jovens buscavam no setor público possibilidades que os empregos anteriores não ofereciam, e não necessariamente a atividade de polícia. Esses dados foram complementados com as respostas obtidas a partir das entrevistas e dos grupos focais. Depreende-se, desses resultados, que a “estabilidade” do setor público foi a motivação preponderante, aparecendo de forma destacada nas três opções como a escolhida pela maioria dos respondentes. Da mesma forma, as alternativas “foi o primeiro concurso que passei” e “remuneração”, indicam que os movimentos dos jovens ingressantes buscam “algo a mais”, ou possibilidades que a iniciativa privada não contempla, caso dos egressos do serviço militar.

Considerando as categorias que trataram dos processos clássicos de transição para a vida adulta e as situações da vivência juvenil (tais como trabalho, estudo e lazer), ficou visível que o público pesquisado guarda características próprias, ao mesmo tempo em que reflete situações que se aproximam do quadro nacional, veja-se, pois:

Comparando os percentuais referentes à PEA, quando o tema é “trabalho”, constata-se que a diferença é significativa, não no percentual da população que faz parte da PEA, e sim na qualidade. Enquanto a juventude brasileira apresenta um percentual alto de jovens desempregados, a mesma situação não ocorre com os ingressantes, porque a juventude ingressante na BM é o produto de filtros de seleção desse grupo maior, ou seja, encontram-se em situação mais favorável em função do nível de escolaridade.

Quando o tema é o estudo, segundo os dados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, somente 33% dos jovens brasileiros que estudam poderiam fazer parte do grupo de ingressantes na BM, em razão do seu nível de escolaridade. Esse percentual aumenta para 38%, se for considerada somente a região Sul. Então, quando se busca uma aproximação entre a juventude brasileira e a brigadiana, está se fazendo por meio desse recorte que abrange somente 38% dos jovens brasileiros que estudam. Aqui, cabe um destaque: metade da juventude brasileira está fora do sistema de ensino.

Quanto à categoria “independência do núcleo familiar de origem”, constata-se que o movimento da juventude brigadiana, de acordo com os percentuais apresentados, é extremamente superior e possibilita inferir que a procura pela BM, por conta do tipo de atividade, reflete uma tendência pela procura de autonomia do núcleo de origem (sair da casa dos pais) ou resulta como uma consequência.

Quanto ao tema “filhos”, assim como na pesquisa nacional, o percentual de jovens com filhos é significativo, mas não é predominante: 13,2% dos ingressantes na brigada e 20% dos jovens brasileiros. Como já foi visto, o percentual é menor que o número de jovens casados.

Em relação às atividades de “lazer e entretenimento”, para a juventude brasileira o tempo livre aparece ligado à diversão num percentual de 78%, dos quais, 45% relacionam-se a lazer e entretenimento. Os jovens brigadianos colocam o projeto de filhos para o futuro e, priorizam a questão material. O tempo livre, ou do não trabalho, é dedicado às atividades ligadas ao trabalho, às atividades físicas e ao descanso.

7 CONCLUSÃO

“O assunto se torna mais difícil quando tentamos julgar a tendência de fenômenos que são caracteristicamente mutáveis.”

(Gregory Bateson)

Esta pesquisa consiste em uma primeira aproximação com o tema sob essa perspectiva, mas permite inúmeras possibilidades de investigações de caráter qualitativo em razão da complexidade do objeto. Para estudos futuros, sugere-se a análise do impacto da recente Lei Estadual de Cotas¹⁶ (negros e pardos) para ingresso na Corporação ou a contribuição do programa Policial Militar Temporário, como porta de entrada para os militares egressos das Forças Armadas. Também se destaca a possibilidade de serem realizadas pesquisas aplicadas pelos Departamentos da Pedagogia, Psicologia, Saúde, Sociologia e Direito, a partir de convênios com a BM e a UFRGS, pois, além da formação profissional, a característica da função policial militar requer um acompanhamento e um desenvolvimento de estratégias de intervenções permanentes, que hoje inexistem. Em contrapartida, a BM ofertaria seus espaços que compreendem desde unidades operacionais de polícia e bombeiro até escolas, creches e hospitais.

Conclui-se que os elementos elisianos, que se tornaram visíveis depois de delineado o perfil dos ingressantes, ficaram por conta daqueles condicionamentos específicos e singulares que deram significado às práticas apreendidas e, também, às relações que, naquele momento de decisão, tiveram um papel definidor. Nesse sentido, é significativo o fato de o ingressante possuir parentes na BM, assim como morar em cidades de menor porte do interior do Estado, onde ser policial representa uma posição que agrega valores e prestígio, tanto quanto as relações estruturais, como falta de emprego e precariedade das atividades de trabalho. É assim que a BM aparece como uma das metas possíveis, como uma oportunidade que oferece estabilidade e possibilidades de crescimento. As escolhas desses jovens, vão recair sobre aquelas oportunidades que lhes ofereçam uma gama maior de chances de concretizar seus projetos pessoais, porém, “as oportunidades são prescritas e limitadas pela estrutura e posição que esses jovens ocupam nessa sociedade” (Elias, 1994, p. 48).

¹⁶ Lei Estadual n.º 14.147/2012 - Assegura aos negros e aos pardos o mesmo percentual apurado pelo IBGE, referente a sua representação populacional no RGS, o número de vagas oferecidas nos concursos públicos efetuados pela Administração Pública Direta e Indireta de quaisquer dos Poderes do Estado.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers**: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: Unesco; Bid, 2002.

BAPTISTA, Cláudio. Batesonianas: uma aventura entre a epistemologia e a educação. In: _____; CAIADO, Kátia Regina Moreno; JESUS; Denise Meyrelles de. **Educação Especial**: diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Mediação, 2008. P. 28-47.

BATESON, Gregory. **Metadiálogos**: trajectos. Lisboa: Gradiva Publicações, 1989.

_____. **Mente e Natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BORGES, Geraldo Coimbra. **Histórico e evolução do Ensino na Brigada Militar**. Porto Alegre: BM Edições, 1990.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.p. 129-148.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Ministério da Justiça. **Plano nacional de segurança pública**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública, Imprensa Nacional, 2000.

_____. Ministério da Justiça. **Matriz curricular nacional para formação dos profissionais de segurança pública**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2003.

_____. Ministério da Justiça. **Matriz curricular em movimento**: diretrizes pedagógicas e malha curricular. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2009.

BRENNER, Ana Karina; DAYREL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 175-214.

CALAZANS, Gabriela. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 215-242.

DAL MOLIN, Fábio. Redes sociais e micropolíticas da juventude. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos; TEIXEIRA, Alex Niche; RUSSO, Maurício. (Orgs.). **Violência e cidadania**: práticas sociológicas e compromissos sociais. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2011. p. 128-150.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador**: formação do Estado e Civilização (vol. 2). Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FALEIROS, Vicente de Paula. Juventude: trabalho, escola e desigualdade. **Revista Educação & Realidade**: Juventude, Violência e Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 63-82, jul./dez. 2008.

FINOCCHIO, Sílvia. Práticas dos jovens de hoje (e fantasmas dos adultos de ontem). **Cadernos Adenauer**: geração futuro, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 09-24, ago. 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 149-174.

JARES, Xesús R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KEHL, Maria Rita. **A juventude como sintoma de cultura**. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LASSANCE, Antônio. Brasil: jovens de norte a sul. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Educação, história e memória: uma aproximação do estudo geracional. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 28, p. 99-105, dez. 2007. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/28/art07_28.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2012.

MARIANTE, Helio Moro. **Crônica da Brigada Militar**. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1972.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

POCHMANN, Márcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 217-241.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

RIBEIRO, Aldo Ladeira. **Esboço histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Brigada Militar, 1987. 3 v.

ROCHA, Santos Robert. Ensino Policial-Militar: uma reflexão crítica. **Unidade: Revista de assuntos técnicos de Polícia Militar**, Porto Alegre, n. 16, p. 13-24, jul. 1993.

SAVARIZ, Manoelito Carlo. **Breve Histórico da Academia de Polícia Militar da Brigada Militar**. Porto Alegre: BM Edições, 1990.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 27-35.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília: Unesco, 2004.

VALDETE, Boni; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, vol. 2, n. 1 (3), p.68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2010.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papyrus, 2009.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

APÊNDICE A - Questionário - Perfil dos ingressantes na Brigada Militar em 2009.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Este questionário destina-se a coletar dados referentes ao perfil socioeconômico dos soldados da BM que ingressaram em 2009.

1. Em que ano você nasceu?

a.() 1983	f.() 1988
b.() 1984	g.() 1989
c.() 1985	h.() 1990
d.() 1986	i.() 1991
e.() 1987	j.() Outros___

2. Onde você realizou seus estudos de ensino fundamental e médio?

a.() Integralmente em escola pública.	d.() Maior parte em escola pública.
b.() Integralmente em escola particular, sem bolsa.	e.() Maior parte em escola particular, sem bolsa.
c.() Integralmente em escola particular, com bolsa.	f.() Maior parte em escola particular, com bolsa.

3. Qual o nível de escolaridade que você possuía quando ingressou na **BM**?

a.() médio completo	d.() pós-graduado <i>latu sensu</i>
b.() superior incompleto	e.() pós-graduado - Mestrado
c.() superior completo	e.() pós-graduado - Doutorado

4. Qual o seu estado civil quando ingressou na **BM**?

a.() solteiro	d.() divorciado
b.() casado	e.() separado
c.() viúvo	f.() união estável*

* Considerou-se estado civil somente para a finalidade da pesquisa.

5. Quanto ao tipo de residência quando ingressou na **BM**:

a.() própria	c.() morava com os pais
b.() alugada	d.() de terceiros

6. Número de membros da família?

a.() dois	d.() cinco
b.() três	e.() seis
c.() quatro	f.() mais de seis

7. Número de membros da família que recebem algum tipo de renda mensal (salário, pensão, aposentadoria)?

a.() um	d.() quatro
b.() dois	e.() cinco
c.() três	f.() mais de cinco

8. Renda mensal da família (em salários mínimos)?

a.() até três	d.() mais de oito, até dez
b.() mais de três, até cinco	e.() mais de dez, até quinze
c.() mais de cinco, até oito	f.() mais de quinze

9. Membros da família que dependem da renda familiar mensal?

a.() até três	d.() até seis
b.() até quatro	e.() até sete
c.() até cinco	f.() mais de sete

10. Você exerceu atividade profissional antes de ingressar na BM?

a.() Sim	b.() Não
-----------	-----------

11. Possuía veículo automotor quando ingressou na BM?

a.() carro	d.() ambos
b.() motocicleta	e.() não possuía

12. Quanto à etnia, você se considera:

a.() branco	d.() pardo
b.() negro	f.() amarelo
c.() indígena	

13. Possuía filhos quando ingressou na BM?

a.() um	d.() quatro
b.() dois	e.() mais de quatro
c.() três	f.() não possuía

14. Paga pensão alimentícia a filhos ou ex-esposa/esposo?

a.() Sim	b.() Não
-----------	-----------

15. Qual o nível de escolaridade de seu pai ou responsável?

a.() analfabeto	e.() médio completo
b.() fundamental incompleto	f.() superior incompleto
c.() fundamental completo	g.() superior completo
d.() médio incompleto	h.() pós-graduado

16. Qual o nível de escolaridade de sua mãe ou responsável?

a.() analfabeta	e.() médio completo
b.() fundamental incompleto	f.() superior incompleto
c.() fundamental completo	g.() superior completo
d.() médio incompleto	h.() pós-graduado

17. Em que trabalha ou trabalhou na maior parte da vida?

ATIVIDADE	PAI	MÃE	CÔNJUGE
Agricultura, campo, fazenda ou pesca.			
Indústria.			
Comércio, banco, outros serviços.			
Funcionário público Federal, Estadual, Municipal ou Militar.			
Profissional liberal, Professor, técnico superior.			
Trabalhador do setor informal, autônomo (sem carteira assinada).			
Trabalha em casa, em serviços (costura, cozinha, aula particular etc.).			
No lar.			

18. Motivos que o levaram a optar pela carreira de policial militar (marque até três opções, em ordem de prioridade):

MOTIVO	1ª opção	2ª opção	3ª opção
Estabilidade.			
Remuneração.			
Prestígio.			
Reconhecimento.			
Parentes na BM.			
Atuação no combate à criminalidade.			
Possibilidade de transformação social.			
Foi o primeiro concurso no qual fui aprovado.			
Possibilidade de realização profissional.			

19. Você serviu às Forças Armadas?

a.() Exército	d.() Aeronáutica
b.() Marinha	e.() Não

20. Você já tinha procurado ingressar anteriormente na BM?

a. <input type="checkbox"/> Sim	b. <input type="checkbox"/> Não
---------------------------------	---------------------------------

21. Você era associado a algum tipo de clube de recreativo/lazer?

a. <input type="checkbox"/> Sim	b. <input type="checkbox"/> Não
---------------------------------	---------------------------------

22. Qual o município/região que residia antes do ingresso na BM?

23. Quais as condições do bairro em que morava (pode marcar até quatro alternativas)?

a. <input type="checkbox"/> Bem localizado, próximo à zona central da cidade.	d. <input type="checkbox"/> Transporte público adequado.
b. <input type="checkbox"/> Longe da zona central da cidade.	e. <input type="checkbox"/> Transporte público inadequado.
c. <input type="checkbox"/> Possuía infraestrutura e serviços públicos.	f. <input type="checkbox"/> Local seguro.
g. <input type="checkbox"/> Possuía infraestrutura e serviços públicos de forma precária.	h. <input type="checkbox"/> Local inseguro.

24. Qual era o seu principal meio de informação?

a. <input type="checkbox"/> Jornal	d. <input type="checkbox"/> outras pessoas
b. <input type="checkbox"/> internet	e. <input type="checkbox"/> rádio
c. <input type="checkbox"/> revistas	f. <input type="checkbox"/> não me mantinha informado

25. Você tinha acesso a microcomputador e à internet?

a. <input type="checkbox"/> Sim	b. <input type="checkbox"/> Não
c. <input type="checkbox"/> Sim, somente a microcomputador	

26. Você tinha filiação partidária?

a. <input type="checkbox"/> Sim	b. <input type="checkbox"/> Não
---------------------------------	---------------------------------

27. Como você ocupava seu tempo livre? (pode marcar até quatro alternativas)

a. <input type="checkbox"/> Jogos eletrônicos	d. <input type="checkbox"/> Bailes
b. <input type="checkbox"/> Namorando	e. <input type="checkbox"/> Amigos
c. <input type="checkbox"/> Praticando esportes	f. <input type="checkbox"/> Bares
g. <input type="checkbox"/> Dormindo	h. <input type="checkbox"/> Não tinha tempo livre

28. Marque com um "X" o espaço que corresponde ao gênero do respondente:

a. <input type="checkbox"/> Masculino	b. <input type="checkbox"/> Feminino
---------------------------------------	--------------------------------------

29. Você é adepto de alguma religião?

a. <input type="checkbox"/> Sim	b. <input type="checkbox"/> Não
---------------------------------	---------------------------------

30. Você é praticante de algum tipo de religião?

a. <input type="checkbox"/> Sim	b. <input type="checkbox"/> Não
---------------------------------	---------------------------------

31. Quando foi a última vez que participou de um rito religioso?

a. <input type="checkbox"/> nesta semana	d. <input type="checkbox"/> neste ano
b. <input type="checkbox"/> neste mês	e. <input type="checkbox"/> mais de um ano
c. <input type="checkbox"/> neste semestre	f. <input type="checkbox"/> não lembro
h. <input type="checkbox"/> nunca participou	

32. Você gostaria de participar de uma entrevista sobre o perfil dos Militares incluídos em 2009?

a. <input type="checkbox"/> Sim	b. <input type="checkbox"/> Não
---------------------------------	---------------------------------

Caso a resposta seja, “sim”, solicito-lhe que anote um telefone para que o pesquisador entre em contato ou, desejando, poderá entrar em contato com o pesquisador através do telefone (51) 97086184, ou pelo endereço eletrônico ltorres@brigadamilitar.rs.gov.br

Agradeço pela participação!

APÊNDICE B - Questionário - Perfil dos ingressantes na Brigada Militar em 2012.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Este questionário destina-se a coletar os dados socioeconômicos e culturais para a pesquisa sobre os jovens ingressantes na BM, no ano de 2012.

1. Em que ano você nasceu?

a.() 1986	f.() 1991
b.() 1987	g.() 1992
c.() 1988	h.() 1993
d.() 1989	i.() 1994
e.() 1990	j.() Outros_____

2. Gênero do respondente:

a.() Masculino b.() Feminino

3. Quanto à etnia, você se considera:

a.() branco	d.() pardo
b.() negro	e.() amarelo
c.() indígena	f.()

4. Qual o seu estado civil?

a.() solteiro	d.() divorciado
b.() casado	e.() separado
c.() viúvo	f.() união estável*

* Considerou-se estado civil somente para a finalidade da pesquisa.

5. Possui filhos?

a.() um	d.() quatro
b.() dois	e.() mais de quatro
c.() três	f.() não

6. Paga pensão alimentícia?

a.() Sim b.() Não

7. Onde você realizou seus estudos do ensino fundamental e médio?

a.(<input type="checkbox"/>) Integralmente em escola pública.	d.(<input type="checkbox"/>) Maior parte em escola pública.
b.(<input type="checkbox"/>) Integralmente em escola particular, sem bolsa.	e.(<input type="checkbox"/>) Maior parte em escola particular, sem bolsa.
c.(<input type="checkbox"/>) Integralmente em escola particular, com bolsa.	f.(<input type="checkbox"/>) Maior parte em escola particular, com bolsa.

8. Qual o nível de escolaridade que você possui?

a.(<input type="checkbox"/>) médio completo	d.(<input type="checkbox"/>) pós-graduado <i>latu sensu</i>
b.(<input type="checkbox"/>) superior incompleto	e.(<input type="checkbox"/>) pós-graduado - Mestrado
c.(<input type="checkbox"/>) superior completo	e.(<input type="checkbox"/>) pós-graduado - Doutorado

9. Quanto ao tipo de residência:

a.(<input type="checkbox"/>) própria	c.(<input type="checkbox"/>) morava com os pais/responsáveis
b.(<input type="checkbox"/>) alugada	d.(<input type="checkbox"/>) de terceiros

10. Número de membros da família? (considerando o respondente)

a.(<input type="checkbox"/>) dois	d.(<input type="checkbox"/>) cinco
b.(<input type="checkbox"/>) três	e.(<input type="checkbox"/>) seis
c.(<input type="checkbox"/>) quatro	f.(<input type="checkbox"/>) mais de seis

11. Número de membros da família que recebem algum tipo de renda mensal (salário, pensão, aposentadoria - considerando o respondente)?

a.(<input type="checkbox"/>) um	d.(<input type="checkbox"/>) quatro
b.(<input type="checkbox"/>) dois	e.(<input type="checkbox"/>) cinco
c.(<input type="checkbox"/>) três	f.(<input type="checkbox"/>) mais de cinco

12. Renda mensal da família? (em salários mínimos - considerando o respondente)

a.(<input type="checkbox"/>) até três	d.(<input type="checkbox"/>) mais de oito até dez
b.(<input type="checkbox"/>) mais de três até cinco	e.(<input type="checkbox"/>) mais de dez até quinze
c.(<input type="checkbox"/>) mais de cinco até oito	f.(<input type="checkbox"/>) mais de quinze

13. Membros da família que dependem da renda familiar mensal?

a.(<input type="checkbox"/>) até três	d.(<input type="checkbox"/>) até seis
b.(<input type="checkbox"/>) até quatro	e.(<input type="checkbox"/>) até sete
c.(<input type="checkbox"/>) até cinco	f.(<input type="checkbox"/>) mais de sete

14. Você exerceu atividade profissional antes de ingressar na BM?

a.() Sim b.() Não

Em qual setor:

a.()	Agricultura, campo, fazenda ou pesca.
b.()	Indústria.
c.()	Comércio, banco, outros serviços.
d.()	Profissional liberal, professor, técnico superior.
e.()	Trabalhador do setor informal, autônomo (sem carteira assinada).
f.()	Trabalha em casa, em serviços (costura, cozinha, aula particular etc.).
g.()	No lar.

15. Você serviu as Forças Armadas? (serviço obrigatório - somente masculino)

a.() Exército	d.() Aeronáutica
b.() Marinha	e.() Não

16. Você já tinha procurado ingressar anteriormente na BM?

a.() Sim b.() Não

17. Motivos que o levaram a optar pela carreira de policial militar (marque três em ordem de prioridade):

MOTIVO	1ª opção	2ª opção	3ª opção
Estabilidade.			
Remuneração.			
Prestígio.			
Reconhecimento.			
Parente na BM.			
Atuação no combate a criminalidade.			
Possibilidade de transformação social.			
Possibilidade de realização profissional.			
Foi o primeiro concurso no qual fui aprovado.			
Desemprego.			

18. Possui veículo automotor?

a.() carro	d.() ambos
b.() motocicleta	e.() não possui

19. Qual o nível de escolaridade de seu pai ou responsável?

a.() analfabeto	e.() médio completo
b.() fundamental incompleto	f.() superior incompleto
c.() fundamental completo	g.() superior completo
d.() médio incompleto	h.() pós-graduado

20. Qual o nível de escolaridade de sua mãe ou responsável?

a.() analfabeta	e.() médio completo
b.() fundamental incompleto	f.() superior incompleto
c.() fundamental completo	g.() superior completo
d.() médio incompleto	h.() pós-graduado

21. Em que trabalha ou trabalhou na **maior parte** da vida (somente uma opção para cada membro da família)?

ATIVIDADE	PAI	MÃE	CÔNJUGE
Agricultura, campo, fazenda ou pesca.			
Indústria.			
Comércio, banco, outros serviços.			
Funcionário público Federal, Estadual, Municipal ou Militar.			
Profissional liberal, Professor, técnico superior.			
Trabalhador do setor informal, autônomo (sem carteira assinada).			
Trabalha em casa, em serviços (costura, cozinha, aula particular etc.).			
No lar.			

22. Qual o município/região em que reside?

23. Quais as condições do bairro em que mora? (pode marcar até quatro alternativas)

a.() Bem localizado, próximo a zona central da cidade	e.() Transporte público inadequado.
b.() Longe da zona central da cidade	f.() Transporte público adequado.
c.() Possuía infraestrutura e serviços públicos	g.() Local inseguro.
d.() Possuía infraestrutura e serviços públicos de forma precária.	h.() Local seguro.

24. Qual é o seu principal meio de informação (marque somente **uma** alternativa)?

a.() jornal	d.() outras pessoas
b.() internet	e.() rádio
c.() revistas	f.() TV

25. Lugar onde você acessa a internet:

a.() casa b.() *lan house* c.() amigos d.() não acessa

26. Você é sócio de clube recreativo/lazer?

a. Sim b. Não

27. Como você ocupa seu tempo livre (**pode** marcar até quatro alternativas)?

a. <input type="checkbox"/> jogos eletrônicos	f. <input type="checkbox"/> bares
b. <input type="checkbox"/> namorando	g. <input type="checkbox"/> dormindo
c. <input type="checkbox"/> praticando esportes	h. <input type="checkbox"/> não tenho tempo livre
d. <input type="checkbox"/> bailes	i. <input type="checkbox"/> estudando
e. <input type="checkbox"/> amigos	j. <input type="checkbox"/> cuidando do(s) filho(s) e/ou da casa

28. Você tinha filiação partidária?

a. Sim b. Não

29. Você crê ou é adepto de alguma religião?

a. Sim b. Não

30. Você é praticante de algum tipo de religião?

a. Sim b. Não

31. Quando foi a última vez que participou de um rito religioso?

a. <input type="checkbox"/> nesta semana	d. <input type="checkbox"/> neste ano
b. <input type="checkbox"/> neste mês	e. <input type="checkbox"/> há mais de um ano
c. <input type="checkbox"/> neste semestre	f. <input type="checkbox"/> não lembro

Agradeço pela participação!

APÊNDICE C - Termo de livre consentimento esclarecido.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Termo de Livre Consentimento Esclarecido

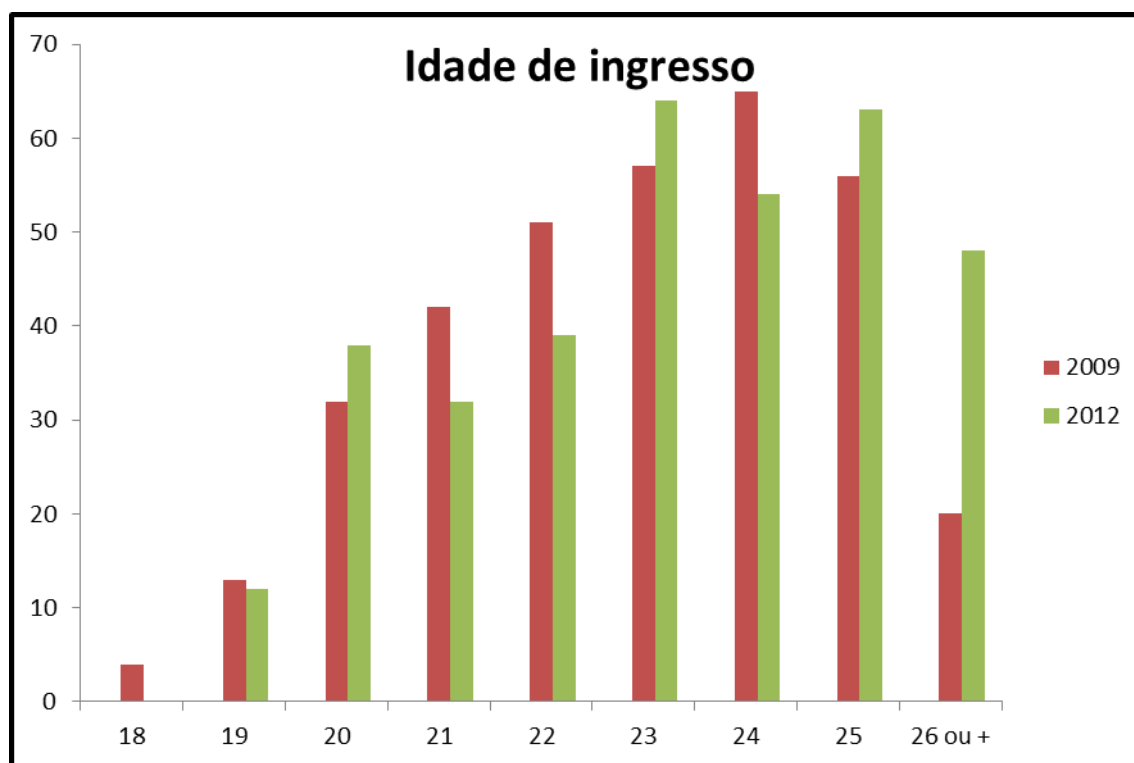
Pesquisa: “PERFIL DOS INGRESSANTES NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DA COORTE JUVENTUDE”.

Estou ciente de que participo de forma livre, voluntária e esclarecida da pesquisa supracitada, sob a responsabilidade do pesquisador *LEO ACIR TORRES DOS SANTOS*, aluno do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientando da professora Dr.^a Carmem Maria Craidy:

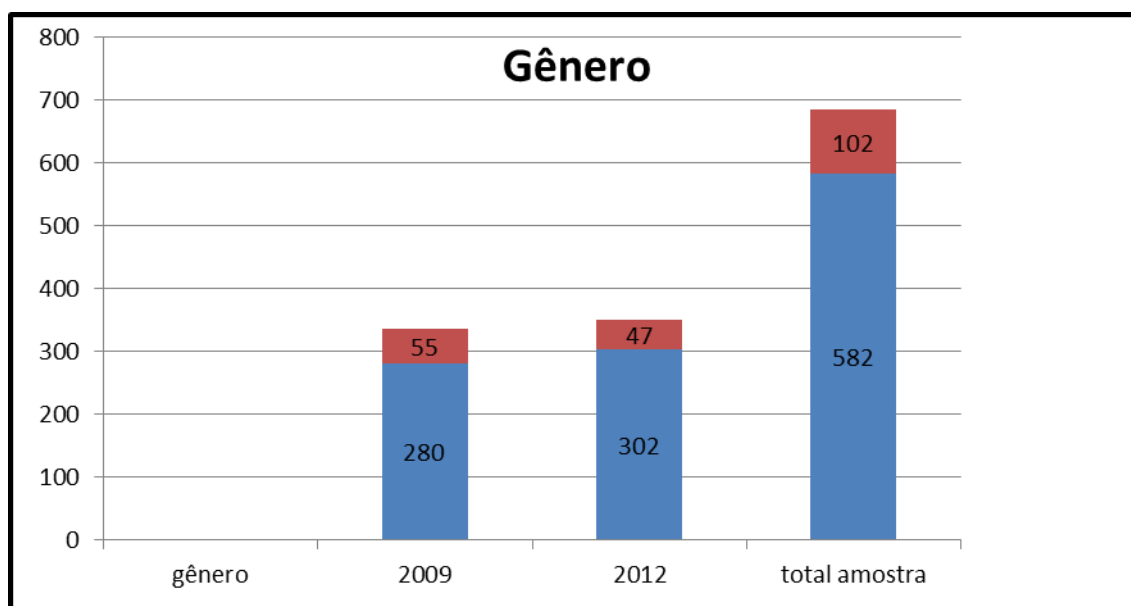
Antes do início do trabalho de investigação, obtive todas as informações necessárias para poder decidir, conscientemente, sobre a minha participação.

1. Este estudo pretende descrever o perfil socioeconômico e cultural dos jovens que ingressaram na Brigada Militar em 2009 e 2012, e investigar as motivações para a escolha da atividade Policial Militar, a partir da coorte juventude, fazendo um paralelo com o perfil da juventude brasileira.
2. O pesquisador compromete-se em compatibilizar as necessidades da pesquisa com o respeito ao pesquisado e ao funcionamento da Instituição.
3. A pesquisa compreenderá a aplicação de um questionário junto aos Militares que incluíram nos anos de 2009/2012, e alguns pesquisados, de acordo com a necessidade do pesquisador, serão convidados a conceder entrevista e a participar de grupos focais.

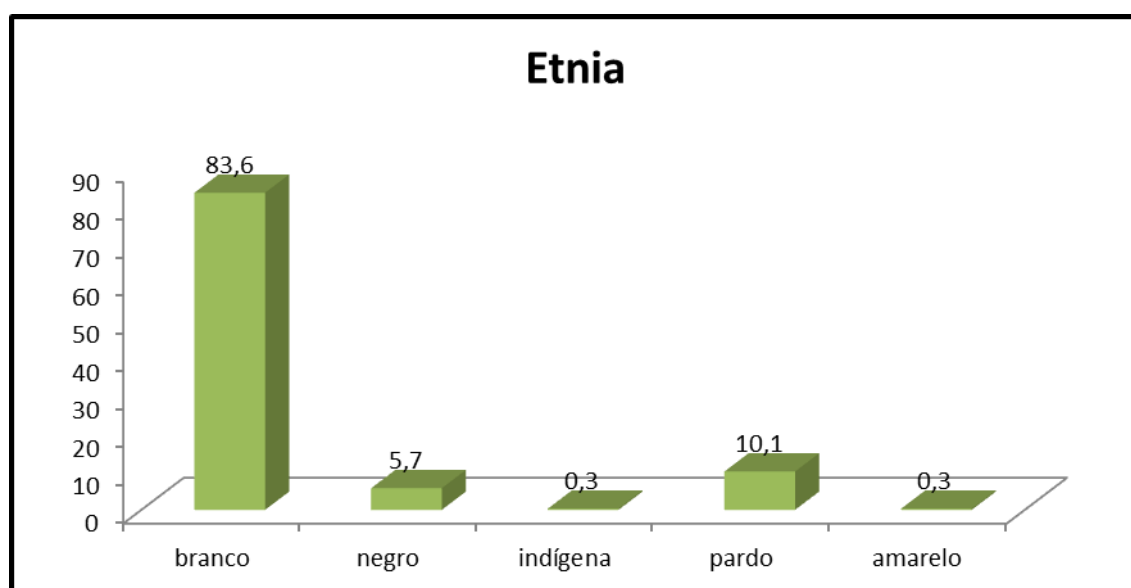
4. Os registros das entrevistas presenciais serão feitos por meio de gravação.
5. Os resultados da pesquisa serão divulgados por meio de publicações em periódicos especializados, apresentação em eventos na área da Educação em geral e em espaços que discutam temáticas tais como: juventude, trabalho e educação.
6. O pesquisado está livre para interromper, a qualquer momento, a participação na pesquisa, ou para optar pela participação em apenas algumas das atividades propostas pelo pesquisador.
7. Os dados pessoais dos participantes da pesquisa serão mantidos em sigilo e os resultados obtidos serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho e o estudo da temática.
8. O pesquisado poderá entrar em contato com o responsável pela pesquisa, pelo telefone (51) 97086184, 3315 9284 ou pelo endereço eletrônico ltorres@brigadamilitar.rs.gov.br - sempre que julgar necessário.

APÊNDICE D - Idade de ingresso na Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

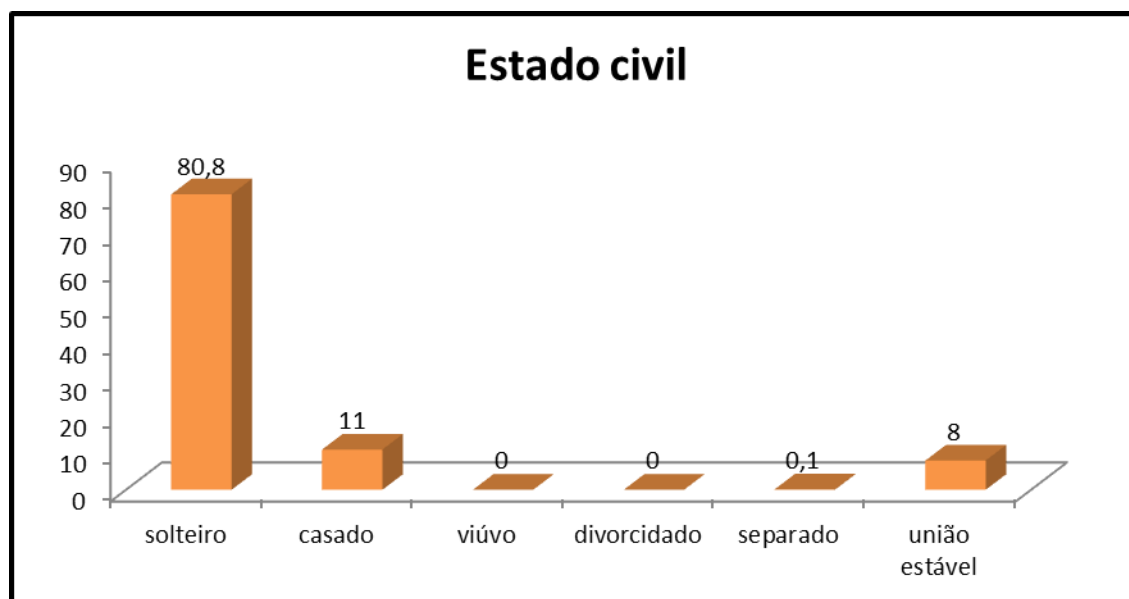
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE E - Gênero dos ingressantes na Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

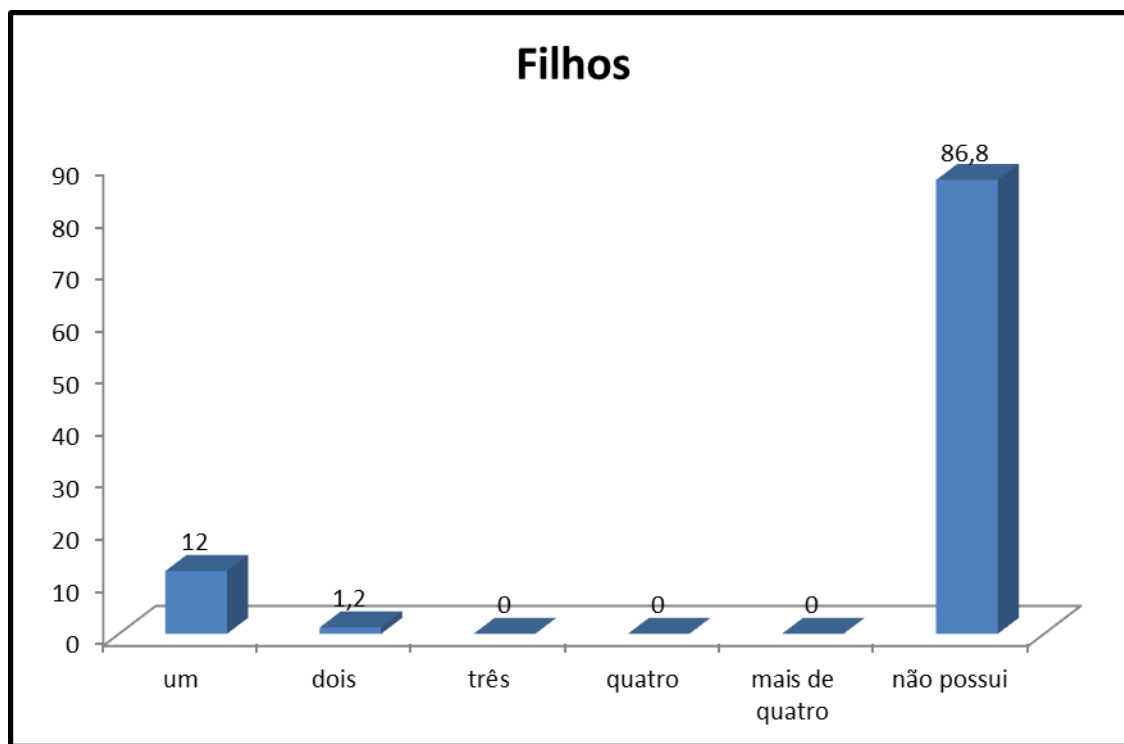
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE F - Etnia dos ingressantes na Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

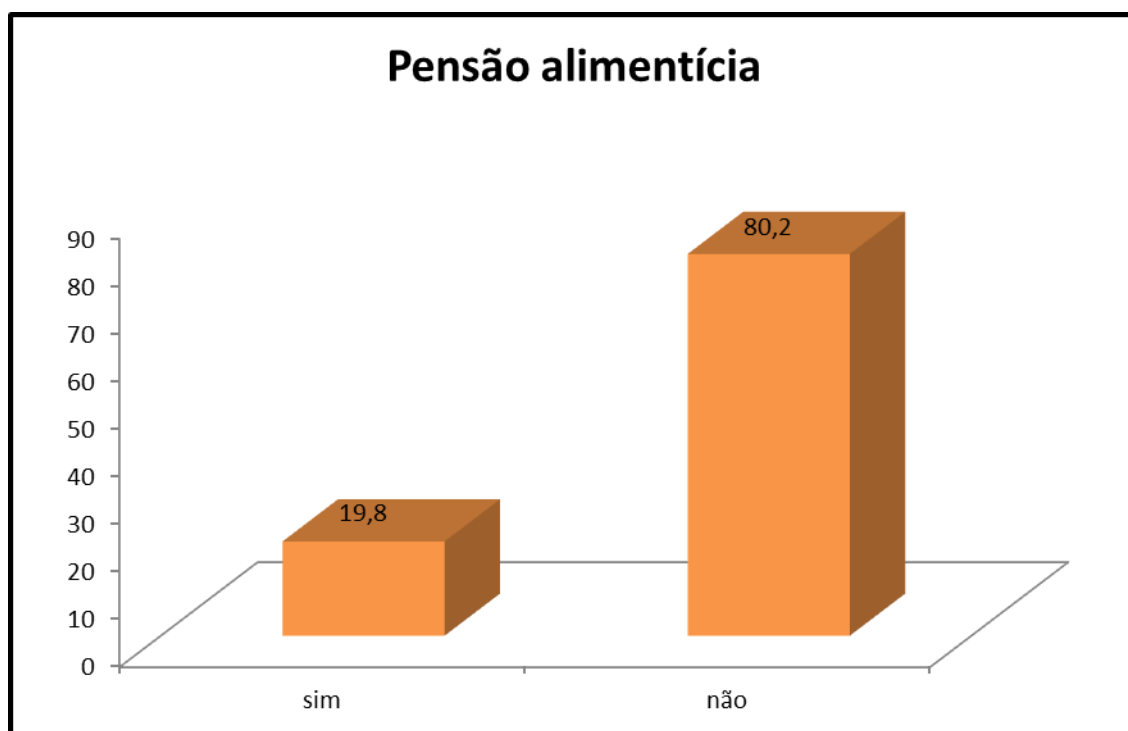
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE G - Estado civil dos ingressantes na Brigada Militar do Rio Grande do Sul

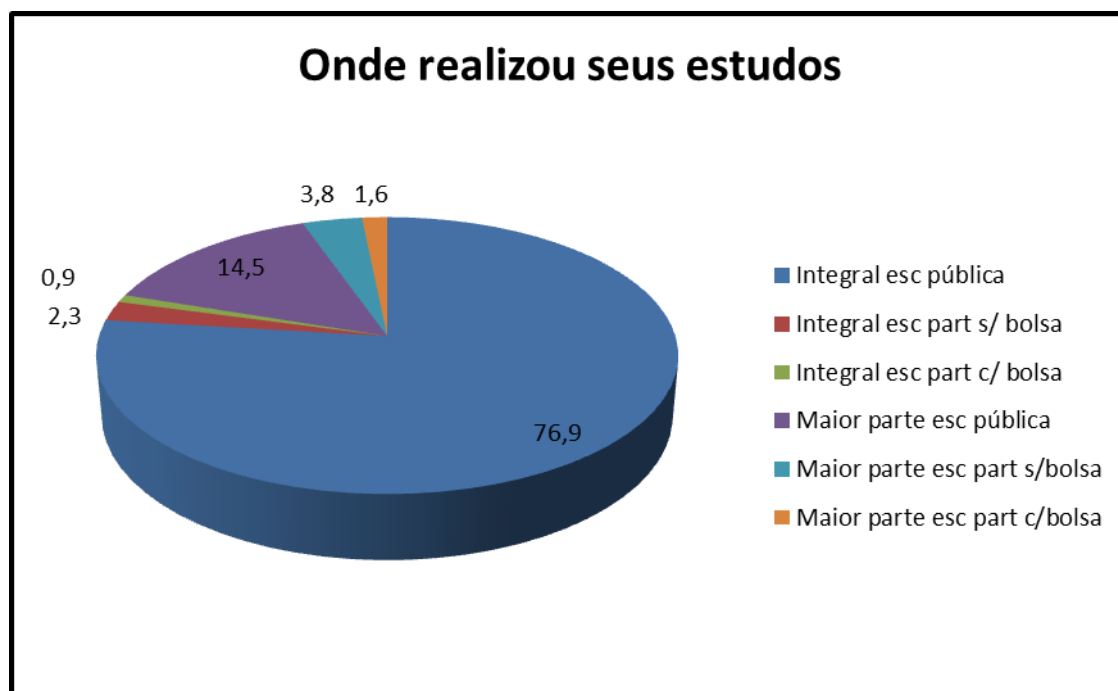
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE H - Número de filhos dos ingressantes na Brigada Militar.

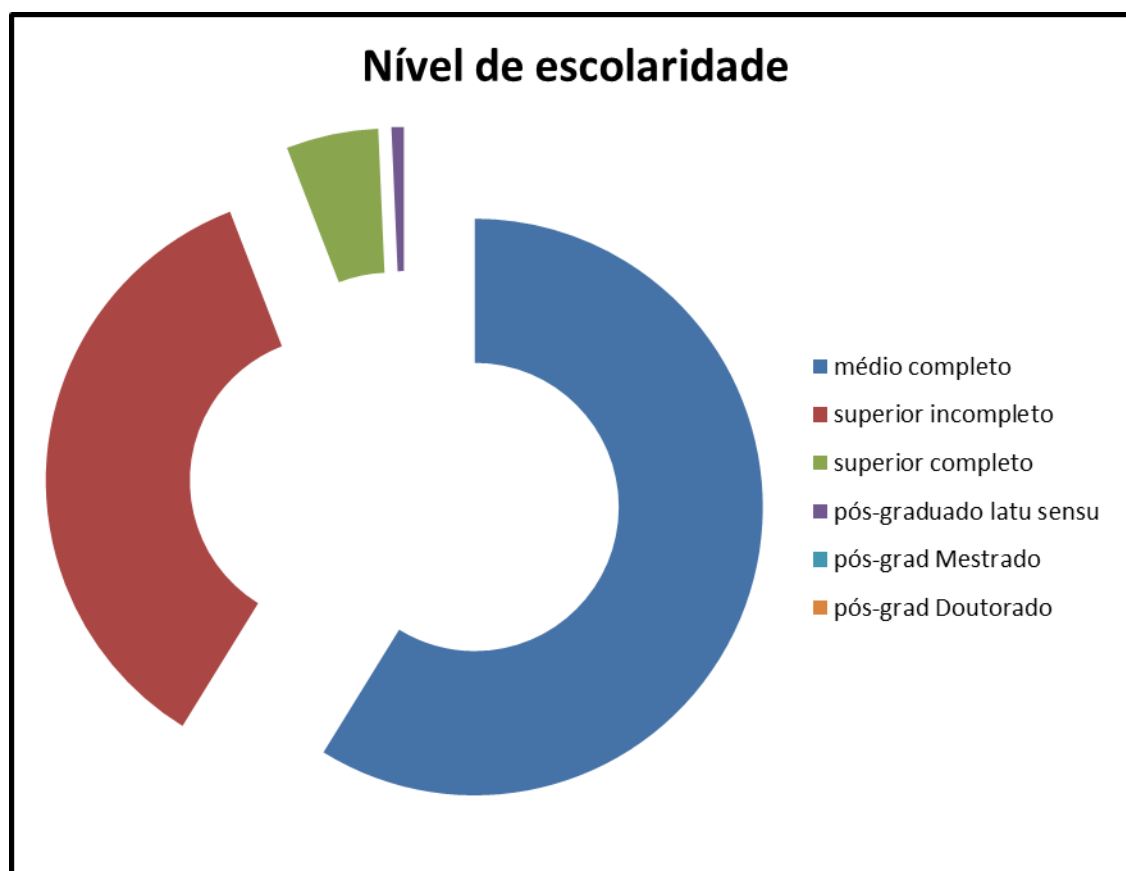
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE I - Pagamento de pensão alimentícia pelos ingressantes na Brigada Militar.

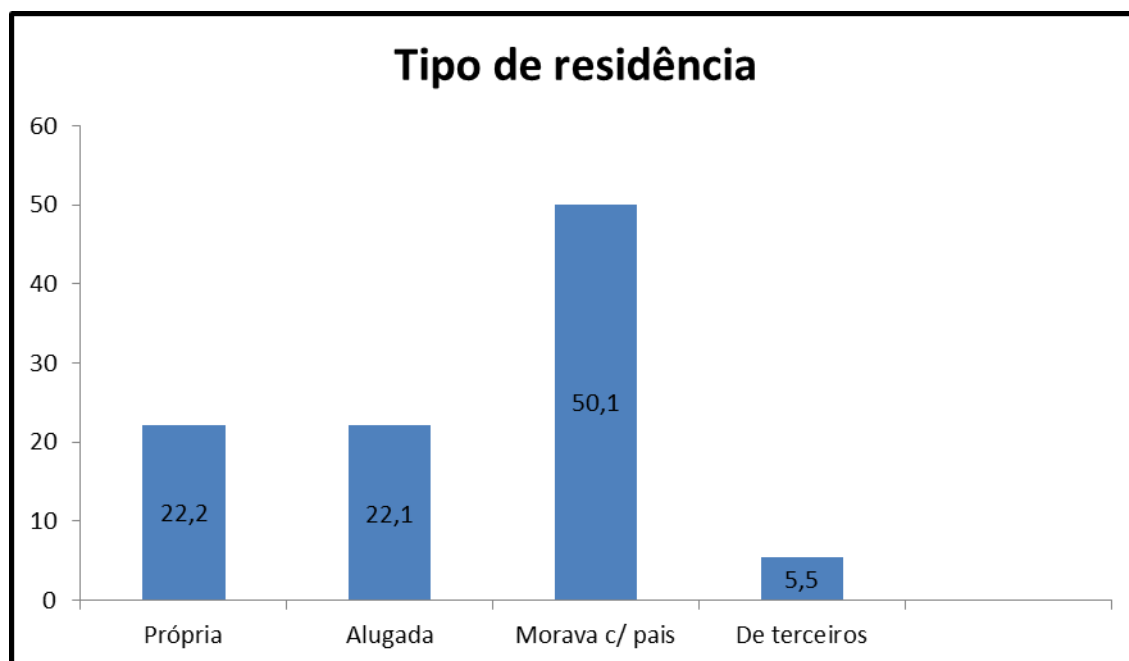
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE J - Instituição de ensino onde o ingressante realizou seus estudos.

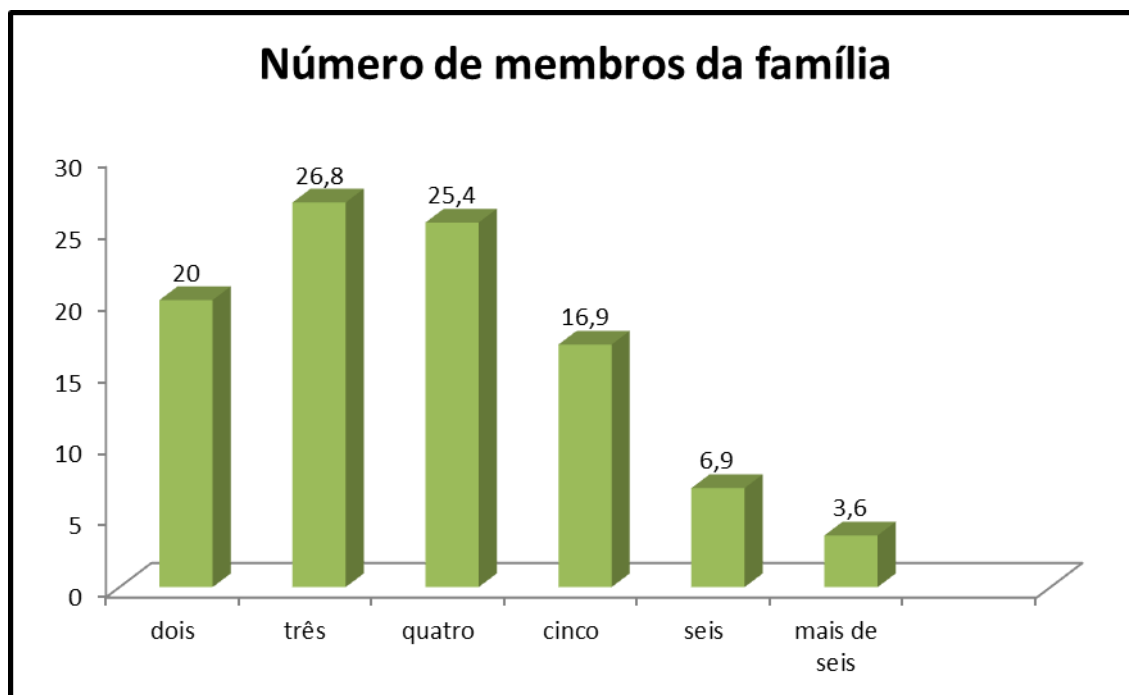
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE L - Nível de escolaridade do ingressante na Brigada Militar.

Fonte: Fonte da pesquisa, 2012.

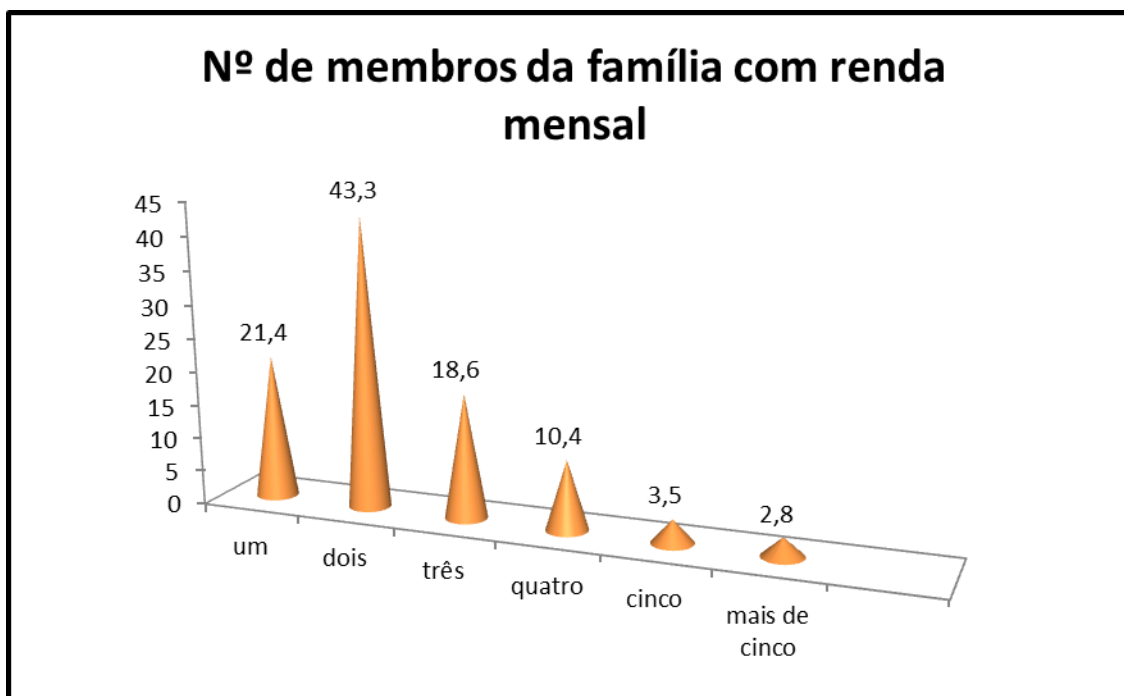
APÊNDICE M- Tipo de residência do ingressante na Brigada Militar.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

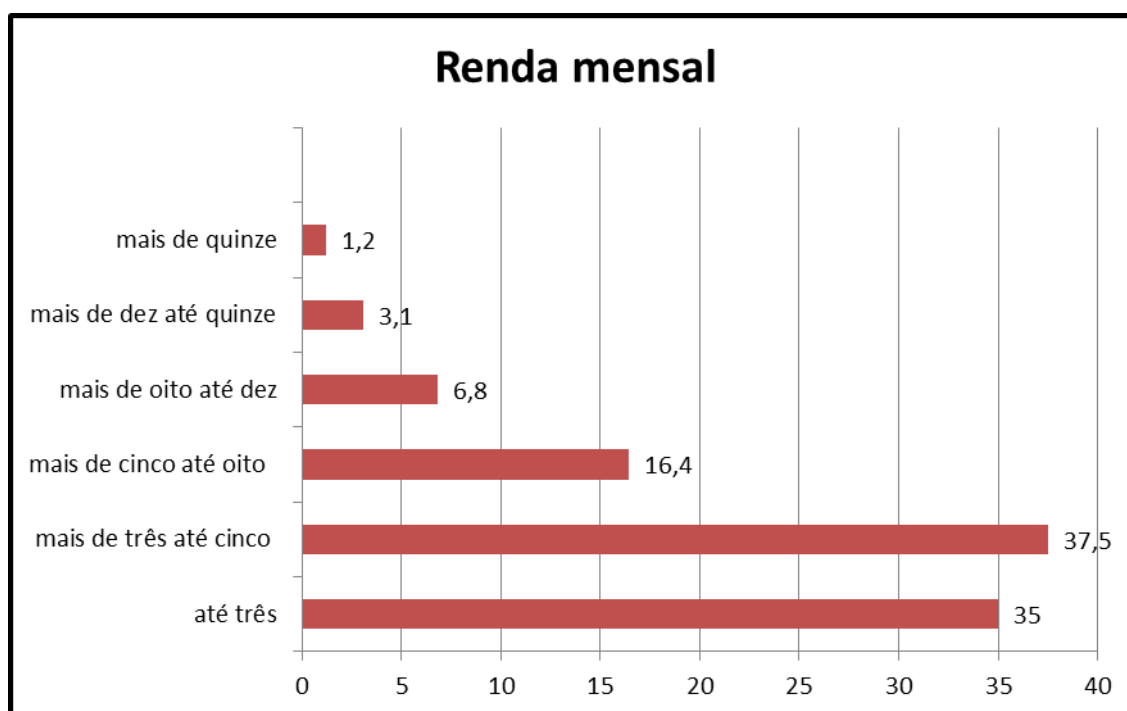
APÊNDICE N - Número de membros da família do ingressante na Brigada Militar.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

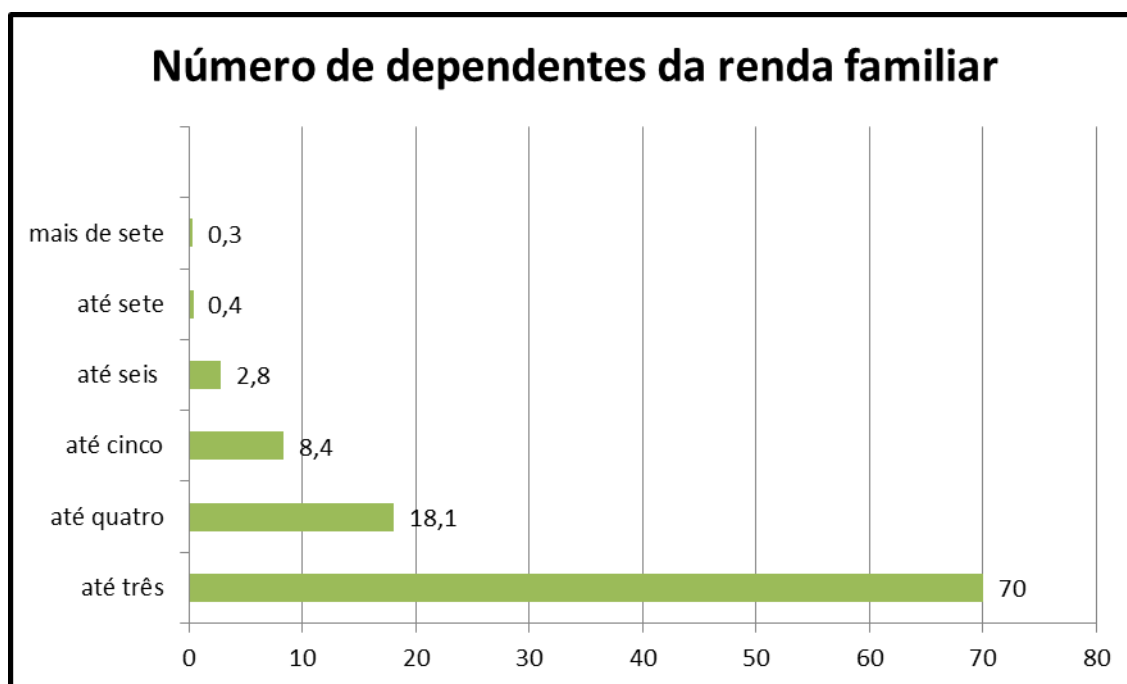
APÊNDICE O - Número de membros da família do ingressante na Brigada Militar com renda mensal.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE P - Renda mensal da família do ingressante na Brigada Militar.

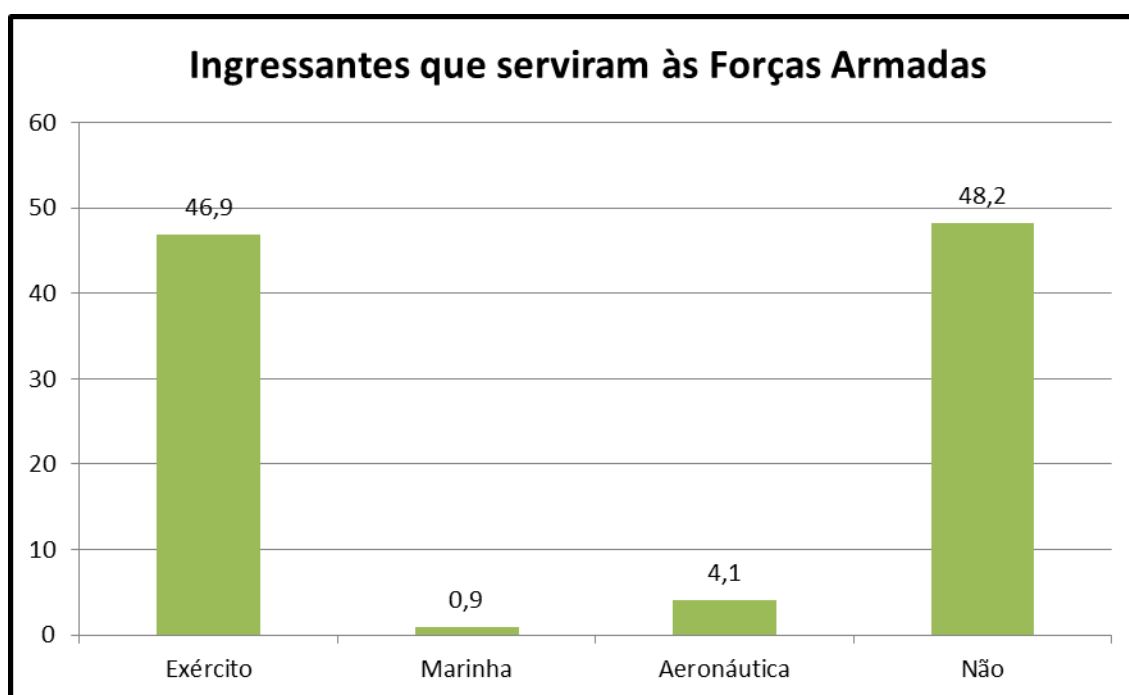
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE Q - Número de dependentes da renda da família do ingressante.

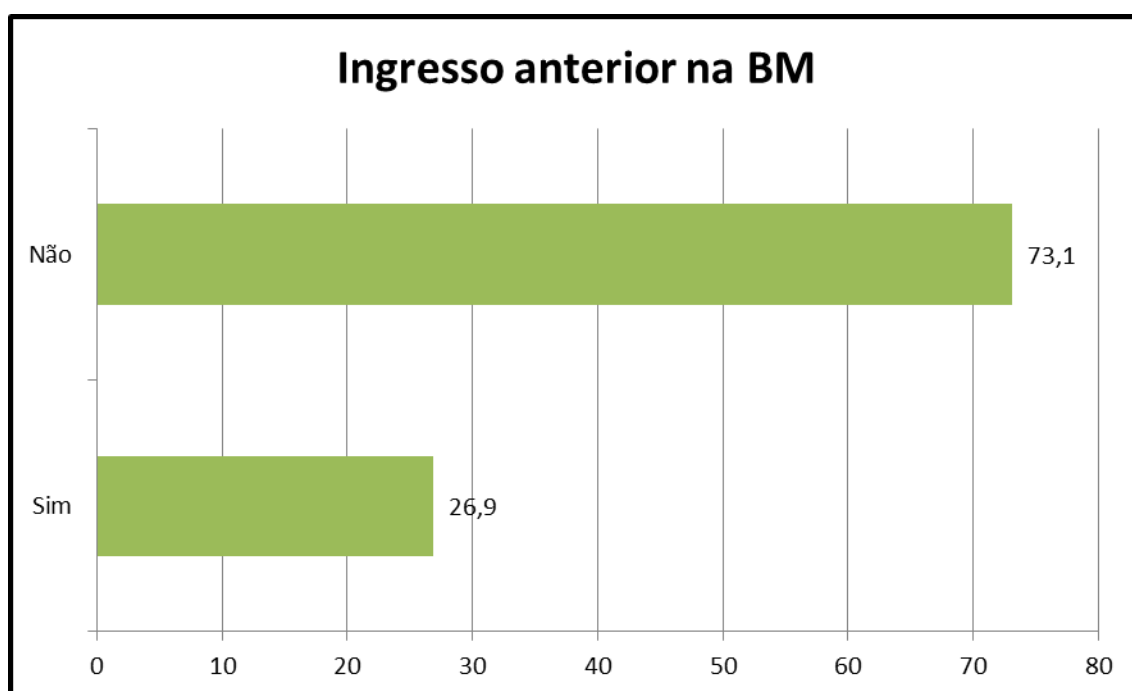
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE R - Atividade profissional antes do ingresso na Brigada Militar.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

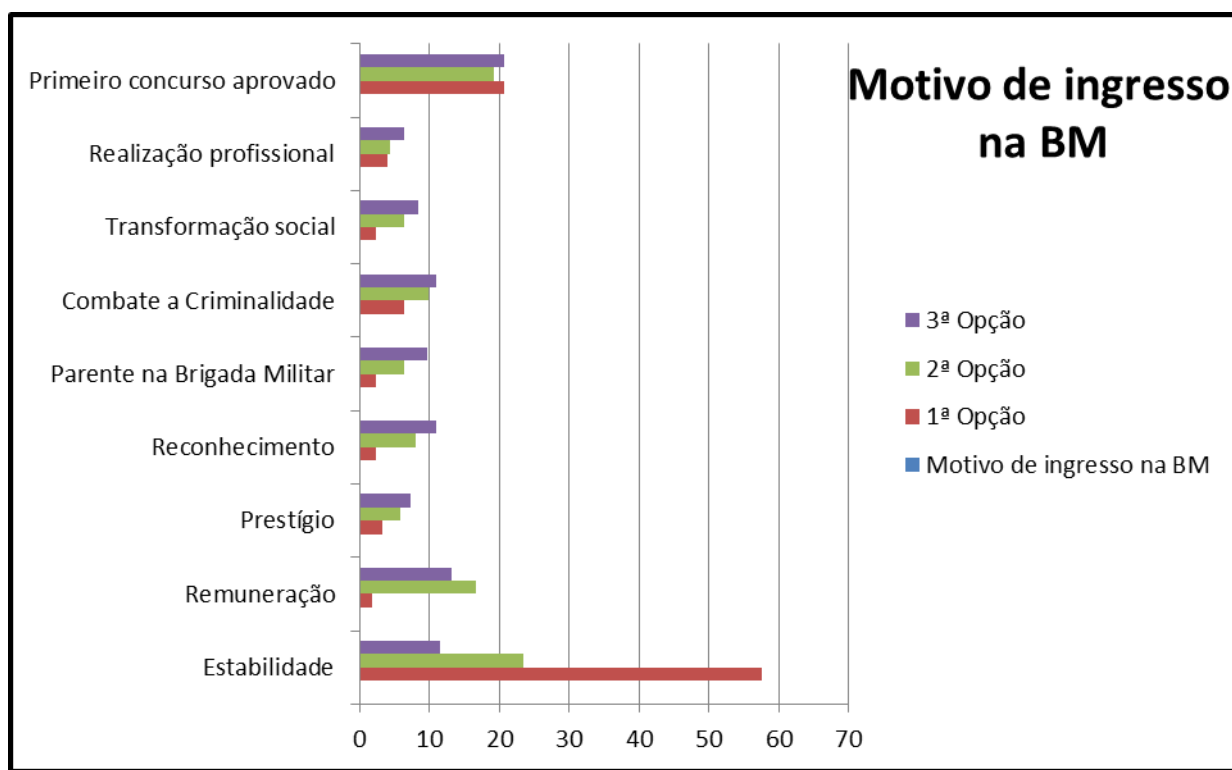
APÊNDICE S - Número de ingressantes na Brigada Militar que serviu às Forças Armadas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

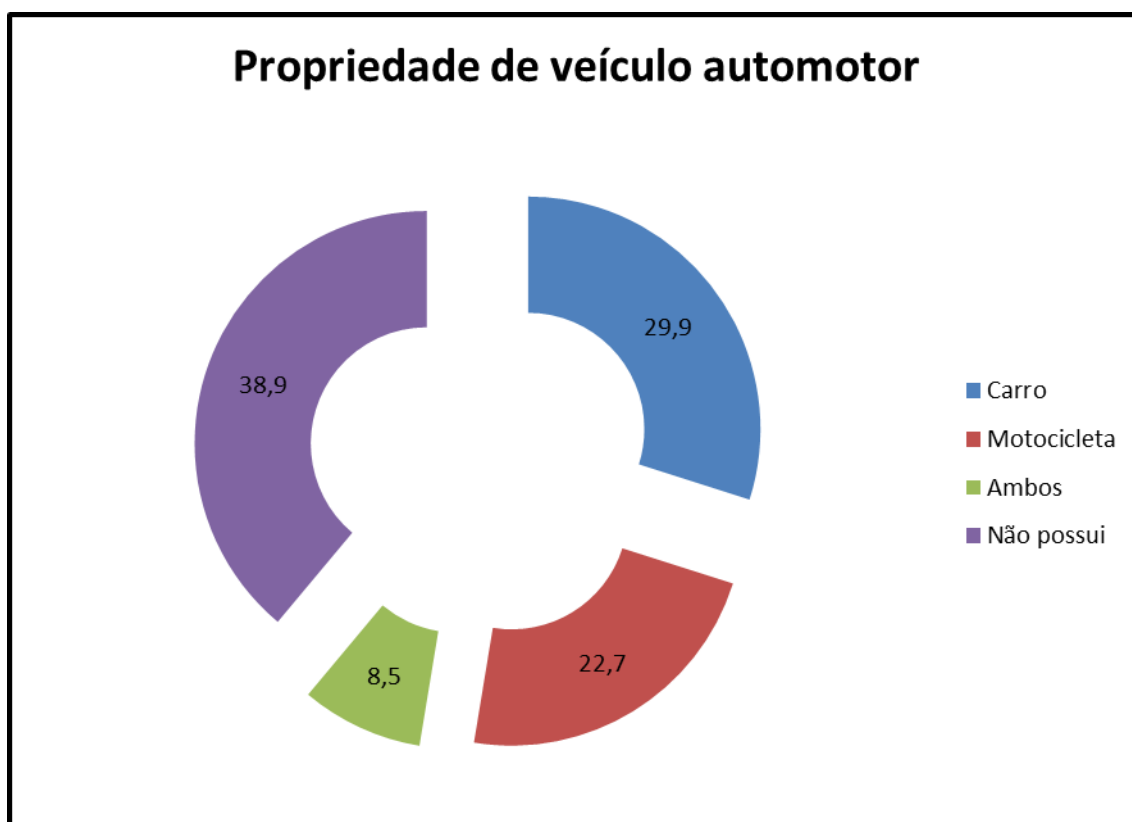
APÊNDICE T - Ingresso anterior na Brigada Militar.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

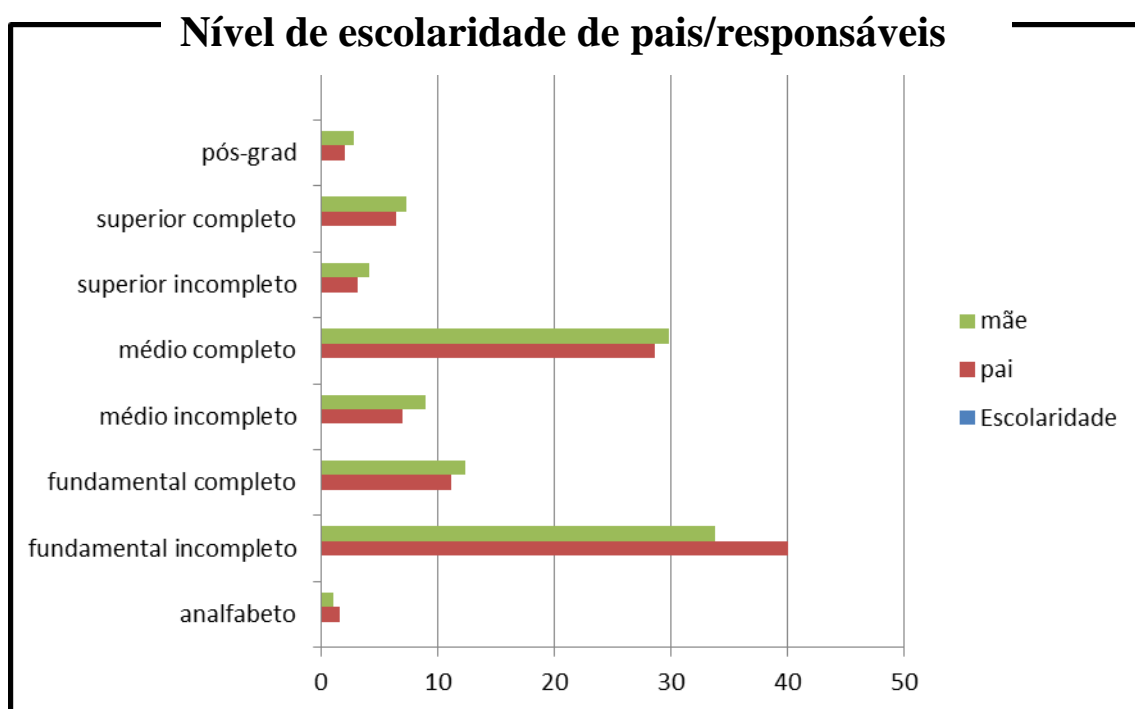
APÊNDICE U - Motivos de ingresso na Brigada Militar.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE V - Propriedade de veículo automotor pelo ingressante.

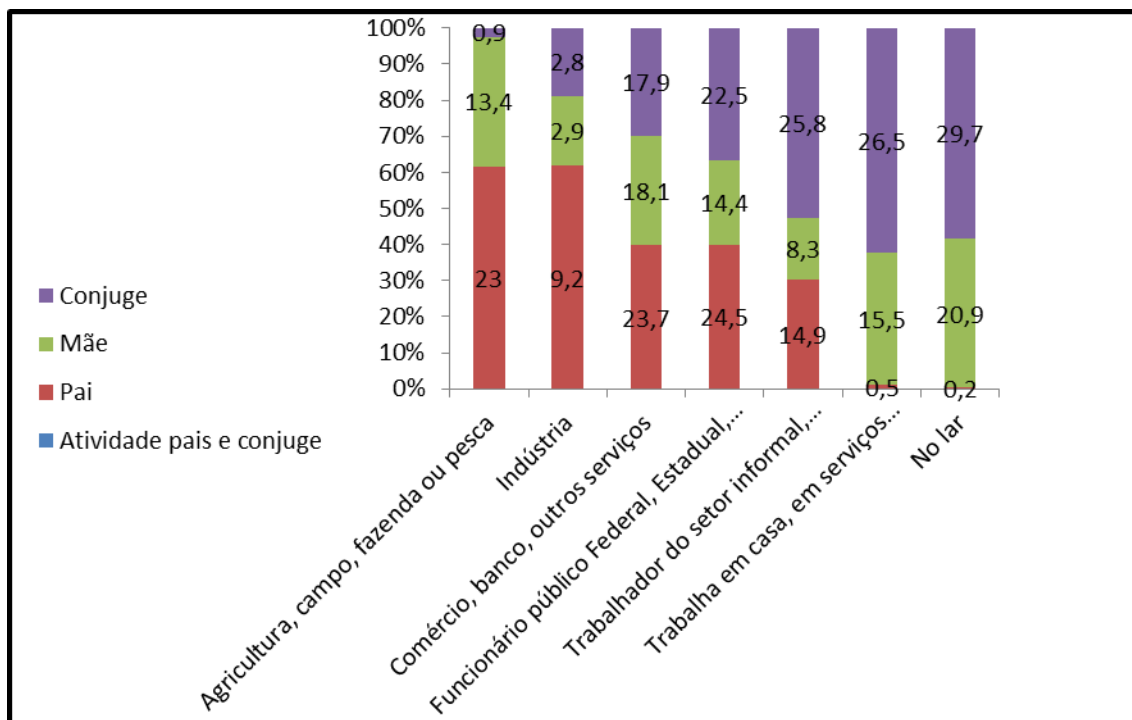
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE X - Escolaridade de pais e/ou responsáveis dos ingressantes na Brigada Militar.

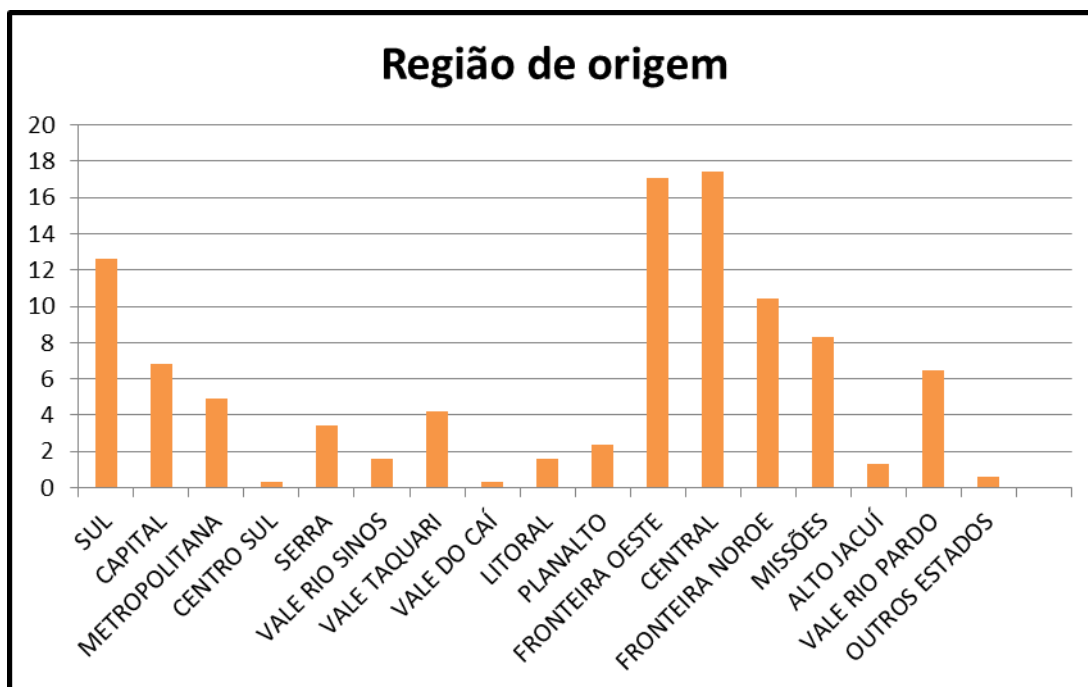
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE Z - Atividade profissional de pais/cônjuge do ingressante na Brigada Militar.

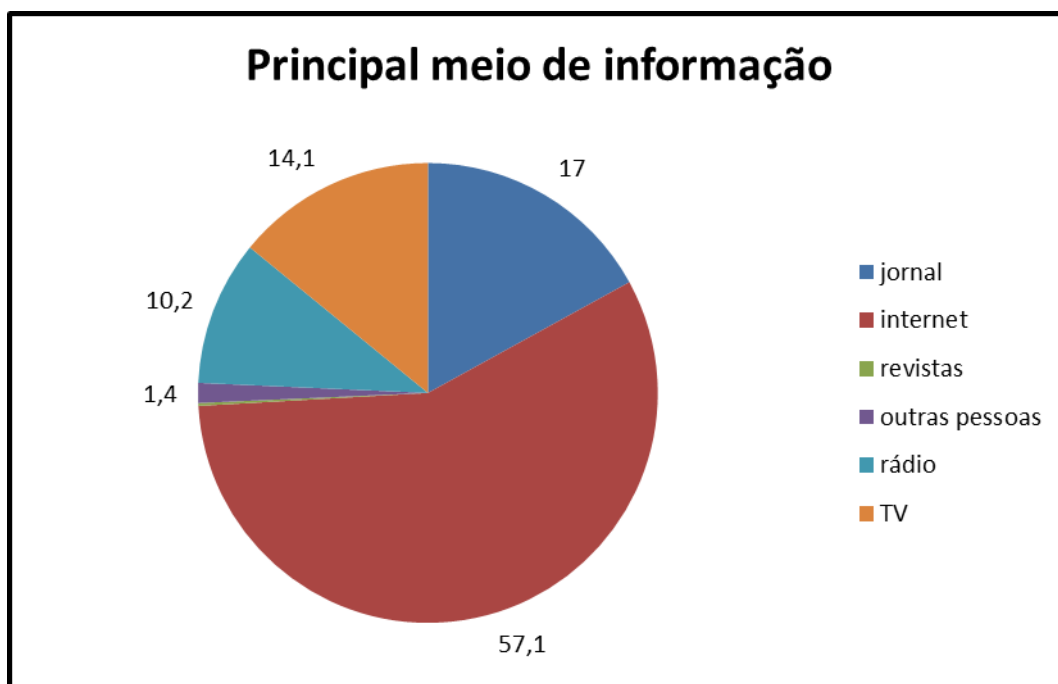
Atividade profissional de pais/cônjuges



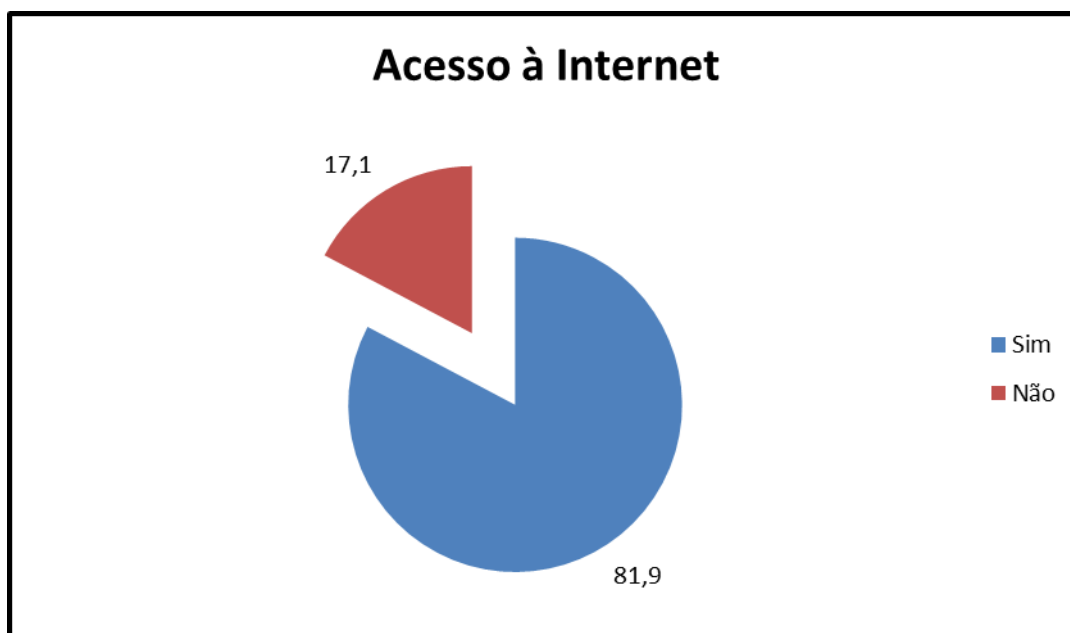
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE AA - Região de origem do ingressante na Brigada Militar.

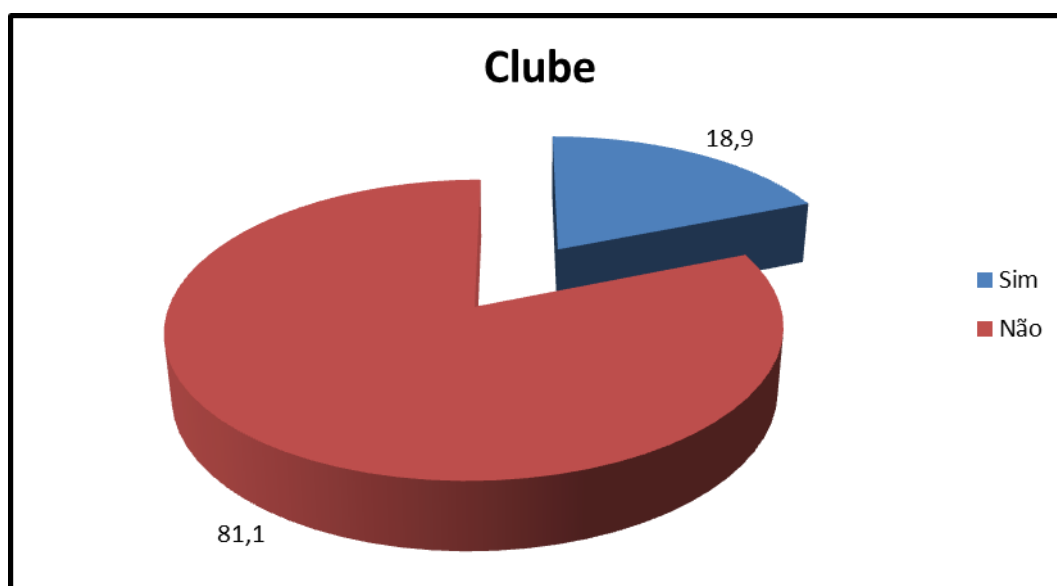
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE BB - Principal meio de informação do ingressante na Brigada Militar.

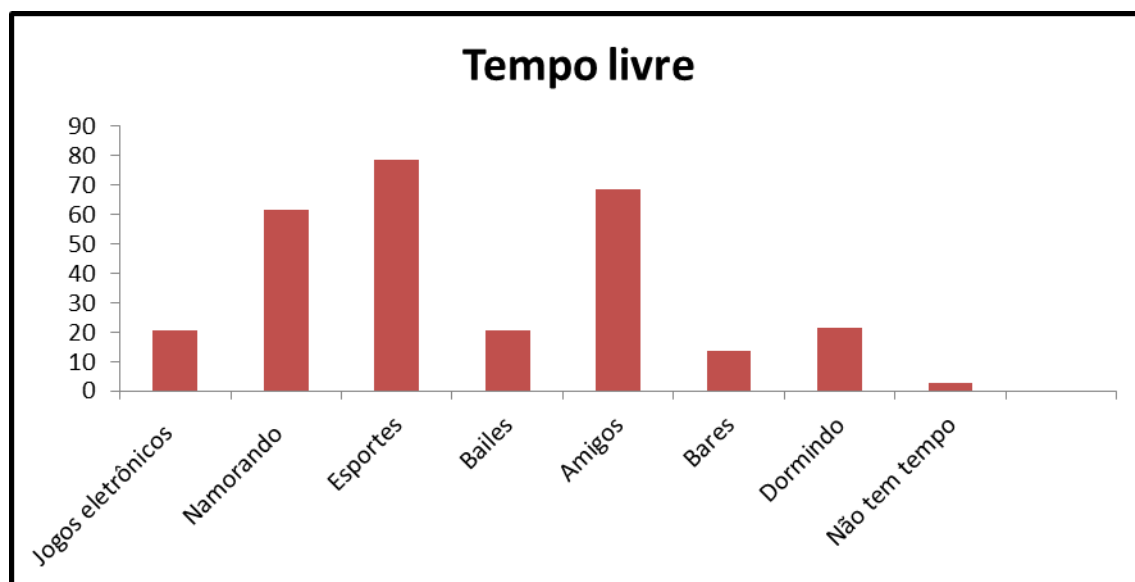
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE CC - Acesso do ingressante à Internet.

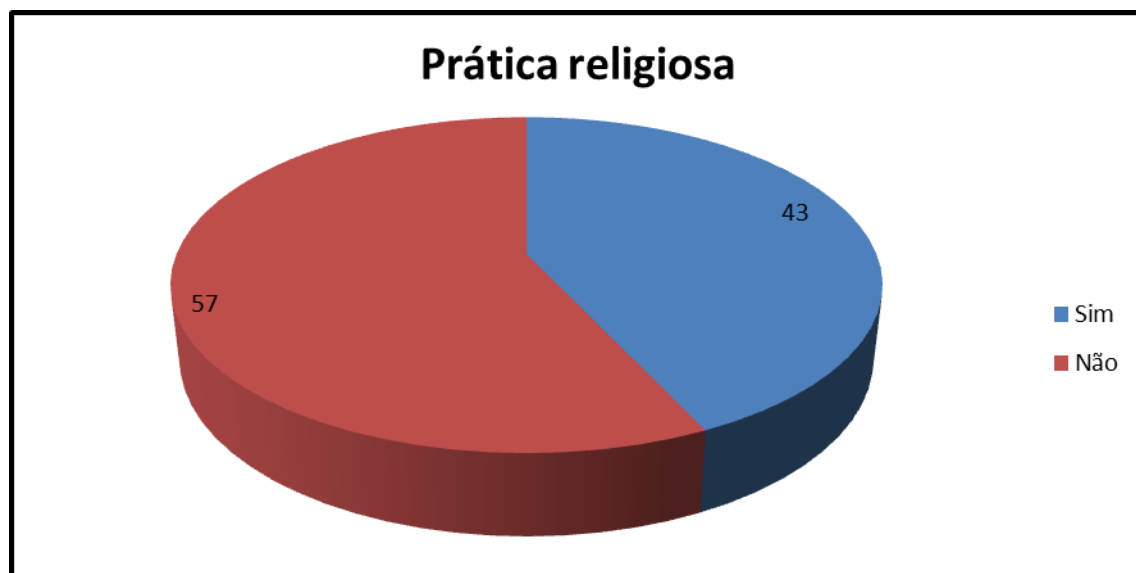
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE DD - Ingressante da Brigada Militar e participação como sócio de clube.

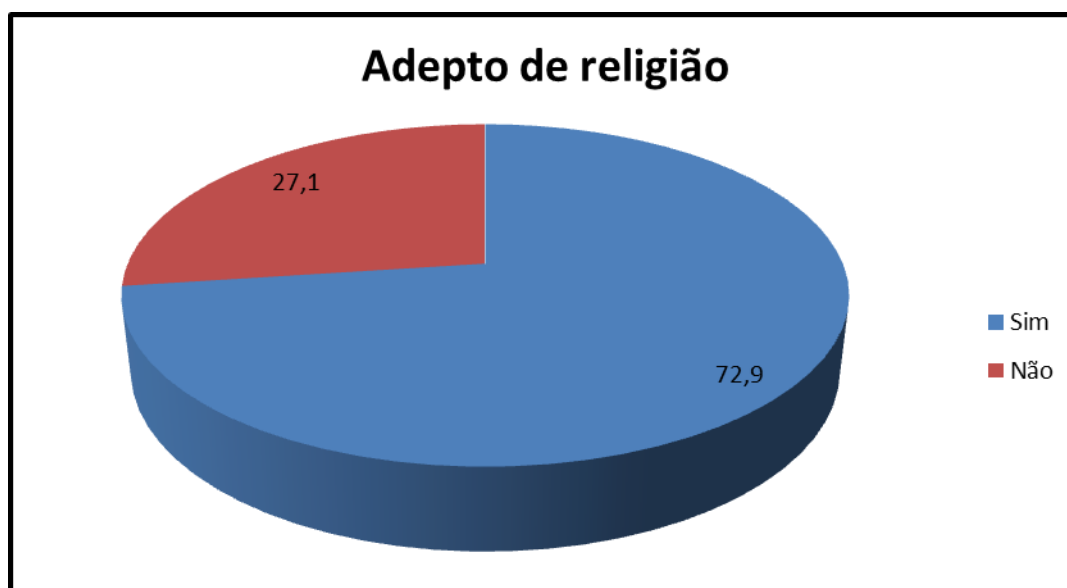
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE EE - Atividades do ingressante em seu tempo livre.

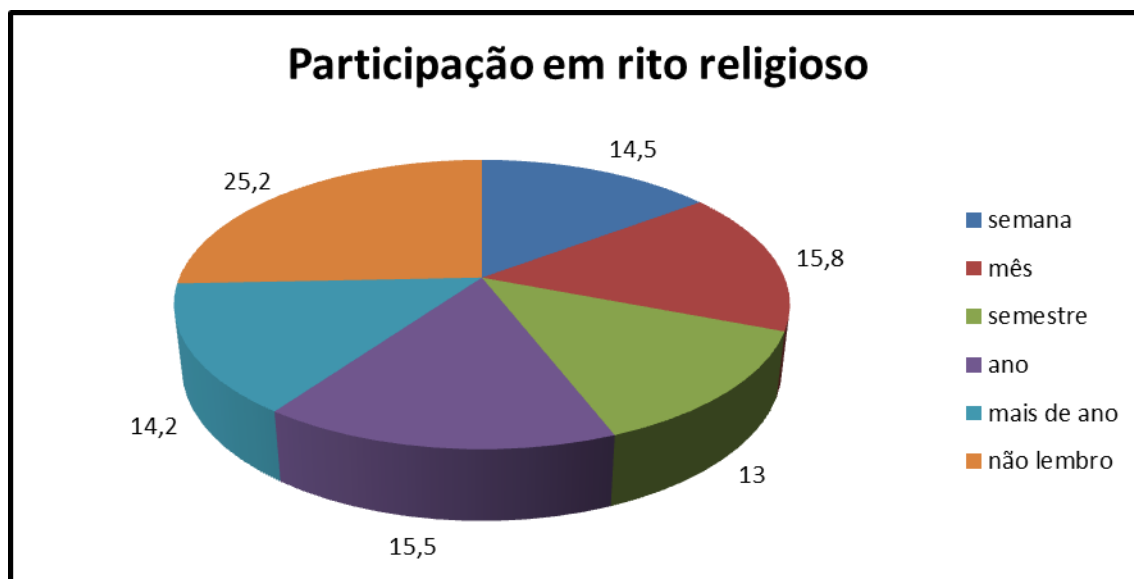
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE FF - Ingressante na Brigada Militar e prática religiosa.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE GG - Adesão do ingressante à religião.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

APÊNDICE HH - Participação do ingressante em rito religioso.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

ANEXO A - Curso Básico de Formação Policial Militar - CBFPM/2009.

1º CICLO		
DISCIPLINA		CH
1	Sociologia da Violência e da Criminalidade e Abordagem Sócio-Psicológica da Violência	20
2	Criminalística e Medicina Legal	20
3	Uso da Arma de Fogo I	30
4	Defesa Pessoal I	20
5	Introdução ao Estudo do Direito	20
6	Direito Constitucional	20
7	Direito Penal I	30
8	Direito Administrativo da Segurança Pública	20
9	Saúde Física I	20
10	Saúde Mental	15
11	Ordem Unida	20
12	História da BM	15
13	Telecomunicações	15
14	Ética e Cidadania	15
15	Relações Humanas e Comunicação Social	20
CARGA HORÁRIA DO CICLO I		300

2º CICLO		
DISCIPLINA		CH
16	Polícia Ostensiva I (Doutrina)	30
17	Polícia Ostensiva II (Técnica)	60
18	Direitos Humanos	30
19	Uso da Arma de Fogo II	50
20	Defesa Pessoal II	30
21	Polícia Comunitária	30
22	Prevenção às Drogas e à Violência	15
23	Direito Institucional	40
24	Direito Penal II	40
25	Direito Processual Penal	30

26	Direito Penal Militar	45
27	Saúde Física II	35
28	Estágio Supervisionado I	30
29	Mediação de Conflitos	20
30	Uso Progressivo da Força	20
31	Suporte Básico da Vida em Urgências e Emergências	20
32	Redação Técnica	20
	CARGA HORÁRIA DO CICLO II	545

3º CICLO		
DISCIPLINA		CH
33	Inteligência Policial	15
34	Noções de Combate ao Fogo	20
35	Uso da Arma de Fogo III	50
36	Defesa Pessoal III	30
37	Medidas Preliminares em Local de Crise	20
38	Polícia Ostensiva III (Trânsito)	45
39	Polícia Ostensiva IV (Motorizado)	30
40	Polícia Ostensiva V (Ambiental)	30
41	Polícia Ostensiva VI (Operações Especiais)	30
42	Polícia Ostensiva VII (BO COp / BO TC)	45
43	Legislação Especial	50
44	Saúde Física III	30
46	Técnicas de Menor Potencial Ofensivo	30
47	Estágio Supervisionado II	30
	CARGA HORÁRIA DO CICLO	455
	CARGA HORÁRIA TOTAL DO CICLO	1.300

ANEXO B - Curso Básico de Formação Policial Militar - CBFPM/2012 (Planejado)**1º CICLO – MÓDULO INTEGRADO**

	Disciplina	CH
01	Sociologia da Violência e da Criminalidade	15
02	Abordagem Sócio-Psicológica da Violência	15
03	Direitos Humanos	20
04	Criminalística	20
05	Uso da Força e da Arma de Fogo I	20
06	Defesa Pessoal I	20
07	Medicina Legal	20
08	Pronto Socorrismo I	20
09	Introdução ao Estudo do Direito	15
10	Direito Constitucional	20
11	Direito Penal I	20
12	Direito Administrativo da Segurança Pública	20
13	Saúde Física I	20
14	Saúde Mental	15
	Carga Horária – 1º Ciclo	260

2º CICLO – MÓDULO POLÍCIA OSTENSIVA

	Disciplina	CH
15	Polícia Ostensiva I (Doutrina)	30
16	Polícia Ostensiva II (Técnica)	50
17	Uso da Arma de Fogo II	30
18	Defesa Pessoal II	30
19	Ordem Unida	15
20	Prevenção as Drogas e a Violência	15
21	Direito Institucional	40
22	Direito Penal II	30
23	Direito Processual Penal	45

24	Noções de Direito Militar	30
25	Saúde Física II	30
26	Telecomunicações	20
27	Relações Humanas	15
28	História da Brigada Militar	20
29	Expressão Oral e escrita	20
30	Comunicação Social	15
	Carga Horária – 2º Ciclo	435

3º CICLO – MÓDULO POLÍCIA OSTENSIVA

	Disciplina	CH
31	Inteligência Policial	30
32	Noções de Segurança no Serviço Policial	15
33	Noções de Combate ao Fogo	20
34	Uso da Arma de Fogo III	50
35	Defesa Pessoal III	30
36	Medidas Preliminares em Local de Crise	20
37	Polícia Ostensiva III (Trânsito)	45
38	Polícia Ostensiva IV (Motorizado)	30
39	Polícia Ostensiva V (Ambiental)	30
40	Polícia Ostensiva VI (Operações Especiais)	30
41	Polícia Ostensiva VII (Termo Circunstanciado)	30
42	Polícia Cidadã	30
43	Direito Penal III	45
44	Saúde Física III	30
	Carga Horária – 3º Ciclo	435
	Carga Horária Total do Curso	1.130

ANEXO C - Curso Básico de Formação Policial Militar - CBFPM/2012 (Executado).**1º CICLO – MÓDULO INTEGRADO**

	Disciplina	CH
01	Sociologia da Violência e da Criminalidade e Abordagem Sócio-Psicológica da Violência	20
02	Criminalística e Medicina Legal	20
03	Uso da Arma de Fogo I	30
04	Defesa Pessoal I	20
05	Introdução ao Estudo do Direito	20
06	Direito Constitucional	20
07	Direito Penal I	30
08	Direito Administrativo da Segurança Pública	20
09	Saúde Física I	30
10	Saúde Mental	15
11	Ordem Unida	20
12	História da BM	15
13	Telecomunicações	15
14	Ética e Cidadania	20
15	Relações Humanas e Comunicação Social	20
	Carga Horária – 1º Ciclo	300

2º CICLO – MÓDULO POLÍCIA OSTENSIVA

	Disciplina	CH
16	Polícia Ostensiva I (Doutrina)	30
17	Polícia Ostensiva II (Técnica)	60
18	Direitos Humanos	30
19	Uso da Arma de Fogo II	50
20	Defesa Pessoal II	45
21	Polícia Comunitária	30
22	Prevenção às Drogas e à Violência	15
23	Direito Institucional	40

24	Direito Penal II	40
25	Direito Processual Penal	45
26	Direito Penal Militar	45
27	Saúde Física II	45
28	Estágio Supervisionado I	45
29	Mediação de Conflitos	20
30	Uso Progressivo da Força	30
31	Suporte Básico da Vida em Urgências e Emergências	20
32	Redação Técnica	20
Carga Horária – 2º Ciclo		610

3º CICLO – MÓDULO POLÍCIA OSTENSIVA

	Disciplina	CH
33	Inteligência Policial	30
34	Noções de Combate ao Fogo	20
35	Uso da Arma de Fogo III	50
36	Defesa Pessoal III	45
37	Medidas Preliminares em Local de Crise	30
38	Polícia Ostensiva III (Trânsito)	50
39	Polícia Ostensiva IV (Motorizado)	30
40	Polícia Ostensiva V (Ambiental)	30
41	Polícia Ostensiva VI (Operações Especiais)	30
42	Polícia Ostensiva VII (BO COp / BO TC)	45
43	Legislação Especial	50
44	Saúde Física III	45
45	Condutor de Veículo de Emergência	90
46	Técnicas de Menor Potencial Ofensivo	20
47	Estágio Supervisionado II	45
Carga Horária – 3º Ciclo		610
Carga Horária Total do Curso		1.520